

JULIANA BATISTA TRANNIN

**Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos  
no Português Europeu: uma abordagem diacrônica**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como  
um dos requisitos à obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

Área de Concentração: Linguística Histórica

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Charlotte M. Chambelland Galves

Campinas

2010

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

T687a	<p>Trannin, Juliana.</p> <p>Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no Português Europeu: uma abordagem diacrônica / Juliana Batista Trannin. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.</p> <p>Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Língua portuguesa - Infinitivo. 2. Gramática compara e geral - Verbos causativos. 3. Língua portuguesa - Português europeu. 4. Sintaxe (Gramática). 5. Linguística histórica. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">tjj/iel</p>
-------	---

Título em inglês: Syntactic aspects of infinitive with causative verbs in the European Portuguese: a diachronic approach.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Portuguese language - infinitive; Grammar, comparative and general - Causative verbs; Portuguese language - European portuguese; Syntax (Grammar); Historical linguistics.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

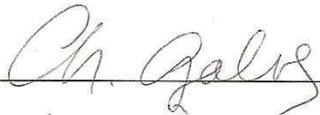
Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino e Prof. Dr. Aroldo Leal de Andrade. Suplentes: Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar e Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi.

Data da defesa: 30/08/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

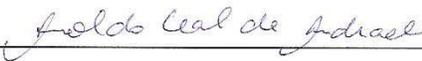
Charlotte Marie Chambelland Galves

  
\_\_\_\_\_

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

  
\_\_\_\_\_

Aroldo Leal de Andrade

  
\_\_\_\_\_

Juanito Ornelas de Avelar

\_\_\_\_\_

Cristiane Namiuti Temponi

\_\_\_\_\_



Aos meus pais, Maria Amélia e Afonso.



## **Agradecimentos**

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Charlotte Galves, pela orientação e pelo apoio incondicional nos momentos difíceis. Por acreditar (e me fazer acreditar) em mim, por tanta generosidade e compreensão, serei sempre grata a ela.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp, pela dedicação, pelo estímulo contínuo e por contribuírem com minha formação acadêmica.

Aos professores Dr.<sup>a</sup> Sonia Cyrino e Dr. Juanito Avelar, pela participação no exame de qualificação desta dissertação e pela contribuição ao meu trabalho. À Sonia e ao Dr. Aroldo Andrade pelos comentários, críticas e sugestões durante a defesa desta dissertação, que muito contribuíram para a clareza e coerência do texto.

Aos colegas de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, pelos debates em sala de aula e pela troca de idéias. Sou grata, especialmente, à Elisângela, Marcos, Carlos Felipe, Pablo e André, pelo apoio e incentivo. À Elisângela, agradeço também pela leitura atenta do texto e pela ajuda com o tratamento dos dados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro que possibilitou minha dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores e colegas do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pela minha formação acadêmica. Agradeço, especialmente, aos professores Celina Nascimento, José Batista de Sales e Marlene Durigan, por todo incentivo e pela confiança depositada em mim.

À família e aos amigos, pelo companheirismo, encorajamento e por estarem sempre ao meu lado nesta caminhada.

Finalmente, agradeço àqueles que tornaram possível a concretização deste trabalho, com quem compartilhei minhas pequenas conquistas e em quem encontrei conforto nos momentos de angústia: meus pais, Afonso e Maria Amélia, e meu irmão, Rafael. Por todo amor, tanta fé e esperança, por renovarem minhas forças nas partidas e chegadas, minha eterna gratidão e todo meu amor.



## Resumo

Este trabalho visa analisar os complementos infinitivos selecionados por verbos causativos na história do Português Europeu. Em português, os causativos podem ocorrer nas construções de predicados complexos (*fazer-infinitivo* e *fazer-por*), estruturas de ECM e de infinitivo flexionado, que apresentam propriedades distintas em relação à marcação Casual, à posição do sujeito do verbo encaixado infinitivo e à subida de clíticos. Os objetivos da pesquisa são descrever e analisar as características da sintaxe das construções causativas nas gramáticas do Português Clássico (PCl) e do Português Europeu Moderno (PE), e estudar a variação diacrônica dessas construções para tentar localizar uma possível mudança. A análise está fundamentada na teoria de Princípios e Parâmetros e na perspectiva formal da mudança sintática. Os dados são provenientes de 26 textos escritos por autores nascidos entre os séculos XVI e XIX. A classificação e quantificação das sentenças se basearam em três fatores: tipo de construção, tipo de verbo causativo e transitividade do verbo encaixado. Os resultados indicam uma diminuição do verbo *mandar* e da construção *fazer-por* a partir do século XVII, quando aumenta a proporção do verbo *fazer* e da construção *fazer-infinitivo*. A frequência de construções de ECM permanece relativamente estável no decorrer do tempo, ocorrendo preferencialmente com o verbo *deixar*. Os dados mostram ainda uma diminuição das formas dativas do causado nos predicados complexos, relacionada à redução da ocorrência de verbo transitivo no complemento destas construções e à perda do fenômeno de acusativo preposicionado. Além disso, os dados revelam uma tendência à maior adjacência entre os verbos do predicado complexo a partir do século XVII. A mudança nas construções causativas, portanto, parece se localizar no século XVII.

**Palavras-chave:** infinitivo, verbos causativos, sintaxe, diacronia, português europeu.



## Abstract

This work aims to analyse the infinitival complement selected by causative verbs in the history of European Portuguese. In Portuguese, causative verbs can occur in three constructions – complex predicates (*fazer-infinitivo* and *fazer-por*), ECM and inflected infinitive structures – which present different properties with respect to casual marking, position of the subordinated infinitive subject and clitic climbing. The goals of this research are to describe and to analyze the syntactic properties of causative constructions in Classical Portuguese (CIP) and Modern European Portuguese (EP) grammars, and to study the diachronic variation of these constructions in order to identify a possible change and compare it to other earlier results of EP. The analyses are based on generative grammar, specifically the Principles and Parameters theory and the syntactic change theory. The data were collected from 26 texts written by Portuguese authors born between the 16<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries. The sentences were classified and quantified according to three aspects: type of construction, type of causative verb and transitivity of the subordinated verb. The results reveal that both the causative verb *mandar* and the *fazer-por* construction predominated in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries, whereas both the causative verb *fazer* and the *fazer-infinitivo* construction predominated in the following centuries. The frequency of the ECM construction remains relatively stable in the course of time and it occurs preferentially with the causative verb *deixar*. The data shows a decrease of the dative forms of *causee*, related to the reduction of the occurrence of transitive verb in the infinitive complements and to the loss of the prepositioned accusative. In addition, there is a decrease of the insertion of lexical material inside verbal complexes, which denotes a higher adjacency tendency between verbs from the 17<sup>th</sup> century on. The change in the causative constructions, therefore, is likely to have happened during the 17th century.

**Key words:** infinitive, causative verbs, European Portuguese, syntax, diachronic.



## Lista de abreviaturas

---

### ABREVIATURAS EM GLOSAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ACC	caso acusativo
CL	clítico
DAT	caso dativo
EXPL	elemento expletivo
FUT	futuro
INF	infinitivo
NEG	elemento de negação
NOM	caso nominativo
PL	plural
PRES	presente
PAST	passado
PTCP	particípio
REFL	reflexivo
SG	singular

### ABREVIATURAS DE CATEGORIAS

Agr	concordância (I explodido)
C	complementador
D	determinante
I	flexão
N	nome
Neg	negação
P	preposição

S	sentença
T	tempo
V <sub>caus</sub>	verbo causativo
V <sub>inf</sub>	verbo infinitivo

# Sumário

---

<b>Introdução</b> .....	<b>1</b>
<b>1. Pressupostos teóricos</b> .....	<b>3</b>
1.1 O conceito de gramática.....	3
1.1.1 O modelo de Princípios e Parâmetros.....	4
1.2 Noções sobre a teoria do Caso.....	5
1.2.1 Marcação canônica de Caso.....	6
1.2.2 Marcação Excepcional de Caso (ECM).....	7
1.3 Construções causativas na literatura.....	8
1.3.1 As causativas em Francês: Kayne (1975).....	8
1.3.2 Construções causativas românicas: Zubizarreta (1985).....	14
1.3.3 As causativas no Italiano: Burzio (1986).....	23
1.3.4 As causativas em Português Europeu: Gonçalves (1999).....	32
1.3.5 Construções causativas analíticas: Guasti (2006).....	43
1.3.6 Predicados complexos românicos: Cyrino (2008).....	46
1.4 Considerações finais.....	48
<b>2. Descrição e quantificação dos dados</b> .....	<b>51</b>
2.1 Os dados.....	51
2.2 Propriedades dos diferentes verbos causativos.....	52
2.3 Tipologia das construções causativas.....	53
2.3.1 Construção <i>fazer-Infinitivo</i> .....	53
2.3.2 Construção <i>fazer-por</i> .....	54
2.3.3 Construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM).....	55
2.3.4 Construção de Infinitivo flexionado.....	55
2.4 Descrição dos dados.....	56
2.4.1 Século XVI.....	56
2.4.1.1 <i>fazer-Infinitivo</i> .....	56
2.4.1.2 <i>fazer-por</i> .....	59
2.4.1.3 ECM.....	61
2.4.1.4 Infinitivo flexionado.....	61

2.4.1.5	Sentenças ambíguas.....	62
2.4.2	Século XVII.....	63
2.4.2.1	<i>fazer-Infinitivo</i> .....	64
2.4.2.2	<i>fazer-por</i> .....	66
2.4.2.3	ECM.....	68
2.4.2.4	Infinitivo flexionado.....	70
2.4.2.5	Sentenças ambíguas.....	70
2.4.3	Século XVIII.....	71
2.4.3.1	<i>fazer-Infinitivo</i> .....	71
2.4.3.2	<i>fazer-por</i> .....	73
2.4.3.3	ECM.....	74
2.4.3.4	Infinitivo flexionado.....	75
2.4.3.5	Sentenças ambíguas.....	75
2.4.4	Século XIX.....	76
2.4.4.1	<i>fazer-Infinitivo</i> .....	77
2.4.4.2	<i>fazer-por</i> .....	78
2.4.4.3	ECM.....	79
2.4.4.4	Infinitivo flexionado.....	80
2.4.4.5	Sentenças ambíguas.....	80
2.5	Variação das construções causativas: século XVI ao XIX.....	81
2.5.1	Das construções causativas.....	81
2.5.2	Do tipo de verbo causativo.....	83
2.5.3	Da transitividade do verbo infinitivo encaixado.....	84
2.5.4	Da forma do causado nos predicados complexos.....	87
2.6	Considerações finais.....	88
<b>3.</b>	<b>Análise e discussão dos dados.....</b>	<b>89</b>
3.1	Construções causativas na história do Português Europeu.....	89
3.1.1	A subida de clíticos nas construções causativas.....	90
3.1.2	Infinitivo flexionado em complementos de verbos causativos.....	96
3.2	Sobre a variação das construções causativas no Português Europeu.....	98
3.2.1	Da ordem dos constituintes.....	103
3.2.2	Da transitividade do verbo encaixado e da forma do causado.....	108

3.4 Representação sintática das construções causativas.....	113
3.4.1 Estrutura sintática dos complementos infinitivos.....	113
3.4.2 As construções causativas nas gramáticas do PCI e do PE.....	114
3.5 Considerações finais.....	119
<b>Conclusão.....</b>	<b>121</b>
<b>Referências.....</b>	<b>123</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>125</b>



# Introdução

---

Os verbos causativos, segundo Mateus *et al.* (1983:421), exprimem uma relação de causatividade entre um agente, expresso pelo sujeito da frase superior, e o estado de coisas descrito pela oração completiva. Em Português Europeu Moderno (PE), segundo Gonçalves (1999), os verbos causativos *mandar*, *fazer* e *deixar* podem ocorrer em predicados complexos (*fazer-Infinitivo*), construções de Marcação Excepcional de Caso (ECM) e de infinitivo flexionado. Essas estruturas possuem características distintas em relação à marcação de Caso, à posição do sujeito do verbo infinitivo encaixado e a fenômenos como a Subida de Clítico.

- (1) O João mandou sair os meninos.
- (2) O João mandou os meninos sair.
- (3) O João mandou os meninos saírem.

(GONÇALVES, 1999:314;319)

A construção *fazer-infinitivo* se caracteriza pela alteração da organização dos constituintes no domínio encaixado, em que o sujeito ocupa a posição final, depois do complexo verbal. Quando o verbo encaixado é intransitivo, o argumento externo do verbo infinitivo – também chamado de causado – aparece imediatamente após o verbo e recebe Caso acusativo do verbo causativo, como em (1).

Nas construções de ECM, por sua vez, o causado ocupa a posição pré-verbal e é marcado por acusativo pelo verbo causativo no domínio superior, como em (2). Em construções de infinitivo flexionado, por fim, o causado também aparece na posição pré-verbal, mas é marcado por Caso nominativo pelo verbo infinitivo, mostrado em (3).

Este trabalho visa descrever e analisar as construções com os verbos causativos que selecionam complemento infinitivo na história do Português Europeu. Os objetivos principais são: (i) descrever as características da sintaxe dos verbos causativos que selecionam infinitivo na gramática anterior à do Português Europeu Moderno (PE); (ii) analisar as propriedades das construções causativas na gramática que

precede o PE; (iii) estudar a variação destas construções para tentar localizar uma possível mudança, comparando os dados com resultados relativos ao PE já obtidos.

A análise está fundamentada na teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e na teoria de mudança sintática (ROBERTS, 2007). Os dados foram coletados a partir de 26 textos escritos por autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX, incluídos no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*. Em seguida, as sentenças foram classificadas e quantificadas de acordo com três fatores: (a) tipo de construção causativa; (b) tipo de verbo causativo; (c) transitividade do verbo encaixado. Os resultados, por fim, foram analisados a partir de uma perspectiva diacrônica.

O trabalho está organizado da seguinte forma. O primeiro capítulo discute brevemente o conceito de gramática na perspectiva gerativa e algumas noções sobre a teoria do Caso. Além disso, apresenta algumas análises das construções causativas na literatura. O segundo capítulo retoma as propriedades das construções causativas e apresenta as características dos verbos causativos, a descrição e quantificação dos dados coletados. O último capítulo, por fim, traz a análise e discussão dos dados.

# 1

---

## Pressupostos teóricos

As construções causativas expressam uma relação de causa e efeito estabelecida entre os dois eventos denotados por cada um dos verbos, o causativo e o infinitivo. Estas construções diferem quanto à ordem e marcação Casual dos constituintes. Na primeira parte deste capítulo, discutiremos brevemente o conceito de gramática na perspectiva gerativa e apresentaremos o modelo de Princípios e Parâmetros, no qual se inscreve este trabalho. Além disso, abordaremos algumas noções sobre a teoria do Caso. Em seguida, apresentaremos análises das construções causativas românicas na literatura.

### 1.1 O conceito de gramática

As línguas naturais são inerentes à racionalidade humana. Os falantes, conforme Chomsky (1986), possuem uma *gramática internalizada*, definida como um sistema de regras e princípios que atribui representações de forma e sentido às expressões linguísticas. As propriedades da linguagem são definidas pela *faculdade da linguagem*, um componente particular da mente humana, constituído por princípios inatos, determinados geneticamente.

A gramática internalizada, nesta concepção, é formada por um dicionário mental das formas da língua e por um conjunto de princípios e regras, que constroi representações mentais a partir das categorias linguísticas. Esse conjunto de princípios e regras recebe o nome de *Gramática Universal* (UG, do inglês *Universal Grammar*).

A UG é formada por leis gerais válidas para todas as línguas naturais – os princípios – e por propriedades específicas a cada língua – os parâmetros. Os parâmetros, responsáveis pela diversidade linguística, são binários, isto é, para cada parâmetro podem ser atribuídos dois valores: positivo e negativo. O valor definitivo do

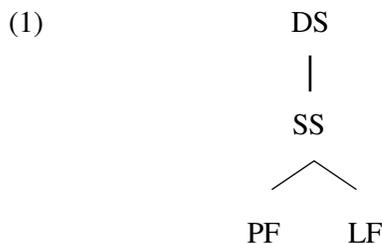
parâmetro é fixado no processo de aquisição, a partir das informações disponíveis no ambiente linguístico, constituindo a gramática de uma língua.

Nos termos de Chomsky (*op. cit.*), a UG é o estágio inicial ( $S_0$ ) de um aprendiz da língua, anterior a qualquer experiência linguística, enquanto a gramática do indivíduo adulto é o seu estado final ou estável ( $S_S$ , do inglês *Steady State*). A aquisição da língua pela criança, desta forma, consiste na aprendizagem do léxico da língua e na fixação dos valores dos parâmetros da UG. O processo de aquisição é entendido como o lugar da mudança linguística nas línguas naturais, que está relacionada à marcação paramétrica, à fixação do valor do parâmetro.

### 1.1.1 O modelo de Princípios e Parâmetros

O modelo de Princípios e Parâmetros foi proposto por Chomsky em (1981) e incorpora a concepção da organização da gramática em módulos (ou componentes) autônomos, cada um com sua organização e princípios independentes. Cada um dos componentes da gramática possui uma organização interna simples e mantém uma rede de interações com os outros componentes.

Uma sentença de uma língua natural é uma sequência de sons que possui uma representação fonética – PF (Forma Fonética, do inglês *Phonetic Form*) – e um sentido estrutural – LF (Forma Lógica, do inglês *Logical Form*). Nesse modelo, existe uma relação entre PF e LF, mediada pela estrutura sintática SS (Estrutura Superficial, do inglês *Surface-structure*). A representação do modelo está em (1):



Em (1), o nível DS (Estrutura Profunda, do inglês *Deep-structure*) é a primeira estrutura produzida a partir das informações contidas no léxico da língua. SS é a representação sintática da sentença que será interpretada fonologicamente por PF –

que determina como esta sentença será pronunciada – e será interpretada semanticamente por LF – que determinará o sentido da estrutura (Cf. MIOTO; SILVA; LOPES, 2007).

Um dos componentes deste modelo é a teoria do Caso, que será discutida a seguir.

## 1.2 Noções sobre a teoria do Caso

Chomsky (1981) propõe que a marcação Casual dos DPs é um fenômeno universal e essencialmente sintático: os DPs recebem um Caso abstrato, que pode ou não ter marca morfológica dependendo da língua.

Em Português, segundo Raposo (1992), o Caso abstrato sintático manifesta-se morfológicamente no sistema pronominal. Os pronomes dividem-se em quatro grupos Casuais: nominativo, acusativo, dativo e oblíquo, representados em (2):

- (2) a. *Eu* (nom.) ofereci-*lhe* (dat.) o livro.  
b. *Tu* (nom.) viste-*o* (ac.) ontem.  
c. *Ele* (nom.) comprou-*o* (ac.) para *mim* (obl.).

(RAPOSO, 1992:350)

A presença destes Casos nos DPs é, desta forma, o resultado da atribuição Casual direta pelas categorias Infl/[+Agr], V e P, chamadas de *atribuidores Casuais*. O Caso Acusativo é atribuído pelo núcleo lexical [-N, +V], o verbo; a preposição, núcleo [-N,-V], atribui o Caso Oblíquo e o Caso Nominativo é atribuído pelo núcleo funcional I finito. Cada um desses atribuidores tem apenas um Caso para descarregar.

O princípio que rege a atribuição Casual é o Filtro do Caso, um princípio da estrutura superficial (SS), que garante que um DP pronunciado tenha Caso.

### (3) Filtro do Caso

\*[DP] se DP é pronunciado e não pertence a uma cadeia marcada com Caso.

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:176)

Segundo esta concepção, o Caso é necessário para a interpretação fonológica dos DPs: se um DP não manifesta um Caso, a fonologia não atribui a ele uma representação fonética. Assim, um DP foneticamente realizado, mas sem uma marca Casual é excluído pela gramática.

### 1.2.1 Marcação canônica de Caso

Conforme Miotto, Silva e Lopes (2007), o caso é atribuído sob regência<sup>1</sup>. Na marcação canônica, a preposição rege e atribui Caso Oblíquo ao seu complemento. O DP marcado por Oblíquo aparece imediatamente à direita da preposição, como em (4):

(4) a. A menina olhou para *o menino*.

b. A menina olhou para *mim*.

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:177)

O verbo, por sua vez, rege e atribui Caso acusativo ao seu complemento. Na sentença, o DP acusativo aparece à direita do verbo, como em (5a), exceto quando o complemento é um pronome, como em (5b):

(5) a. A menina viu *o menino* no cinema.

b. A menina *o* viu no cinema.

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:178)

O núcleo I, por fim, atribui Caso Nominativo à posição de especificador. O DP marcado por nominativo aparece à esquerda do verbo flexionado, como em (6):

(6) *A menina* viu o menino no cinema.

---

<sup>1</sup> O conceito de *regência* pode ser definido da seguinte forma:

A N-rege B se e somente se

(i)  $A = \{N, V, A, P, \text{Infl}/[+Agr]\}$ .

(ii) A m-comanda B.

A definição de m-comando é a seguinte:

Um nó A m-comanda um nó B se e somente se:

(i) A não domina B e B não domina A;

(ii) A primeira projeção máxima que domina A domina igualmente B. (RAPOSO, 1992:355)

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:180)

Ao contrário dos dois Casos anteriores, atribuídos à direita em uma relação de núcleo-complemento, o Nominativo é atribuído à esquerda, em uma relação de especificador-núcleo. Este Caso pressupõe movimento do DP marcado por Nominativo para a posição de Spec,IP.

### 1.2.2 Marcação Excepcional de Caso (ECM)

O processo de marcação excepcional de Caso (ECM, do inglês *Exceptional Case Marking*) diz respeito à atribuição de Caso a argumentos de um núcleo por outro núcleo. Considerando as sentenças abaixo:

- (7) a. A Maria fez palhaçadas para *eu* rir.  
b. A Maria fez palhaçadas para *mim* rir.

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:186)

Em (7a), o núcleo Agr do infinitivo pessoal marca casualmente o pronome com o Caso Nominativo; trata-se de uma marcação canônica de Caso. Em (7b), no entanto, a marcação de Caso não é canônica, pois não acontece na configuração núcleo-complemento. O pronome *mim*, argumento externo do verbo *rir*, é marcado por Caso Oblíquo pela preposição *para*. Por isso, a marcação é dita excepcional: não é o complemento que recebe Caso, mas o ‘filho’ do complemento.

Em PB, segundo Miotto, Silva e Lopes (2007), a preposição *para* e os verbos ECM (verbos de percepção e causativos) são capazes de atribuir Caso Acusativo a um DP argumento de outro verbo, dentro de um infinitivo impessoal. Vejamos as sentenças em (8):

- (8) a. A Maria viu-*nos* rir.  
b. A Maria viu-*os* rir.

(MIOTO; SILVA; LOPES, 2007:187)

Em (8), o infinitivo é impessoal, ou seja, desprovido da projeção de AgrP e, portanto, não é capaz de atribuir Nominativo ao argumento externo de *rir*. Os pronomes *nos* e *os* tem a forma Acusativa, significando que o verbo *viu* atribuiu Caso a eles.

Agora que já abordamos conceitos básicos da teoria do Caso, apresentaremos algumas análises das construções causativas na perspectiva gerativa.

### 1.3 Construções causativas na literatura

As construções causativas foram estudadas na literatura por, entre outros, Kayne (1975), na perspectiva da Teoria Padrão Estendida, Zubizarreta (1985) e Burzio (1986), na Teoria de Regência e Ligação. Em uma abordagem minimalista, Gonçalves (1999) trata dos predicados complexos verbais no Português Europeu, Guasti (2006) analisa as construções causativas românicas e Cyrino (2008) propõe uma análise unificada para os predicados complexos românicos. Abordaremos agora cada uma destas análises.

#### 1.3.1 As causativas em Francês: Kayne (1975)

Em *French Syntax* (1975), Kayne estuda as construções com os verbos *laisser* e *faire* seguidos de infinitivo, em que o sujeito da sentença encaixada aparece à direita do infinitivo. Se o verbo encaixado é intransitivo ou tem apenas um complemento preposicionado, o sujeito pós-infinitivo aparece diretamente à direita do verbo, como em (9). Se o verbo encaixado contém um NP objeto não-preposicionado, entretanto, o sujeito pós-verbal é precedido pela preposição *à*, exemplificado em (10):

(9) a. Il a fait partir son amie.

ele fazer-3SG-PAST sair-INF sua amiga

‘Ele fez sua amiga sair’.

(10) a. Il fera boire un peu de vin à son enfant.

ele fazer-3SG-FUT beber-INF um pouco de vinho a seu filho

‘Ele fará seu filho beber um pouco de vinho’.

(KAYNE, 1975:203-204)

Nestas construções, o verbo *faire* e o infinitivo que o segue podem ser separados pelo quantificador *tous* e por vários tipos de advérbios, como nos exemplos em (11):

- (11) a. Il fera tout sauter.  
ele fazer-3SG-FUT tudo explodir-INF  
'Ele fará explodir tudo'.
- b. Ils la feront sans aucun doute pleurer.  
eles a-CL-ACC fazer-3PL-FUT sem nenhuma dúvida chorar-INF  
'Eles sem nenhuma dúvida a farão chorar'.
- c. Ils ne font sûrement pas tous boire du vin à leurs enfants.  
eles não fazer-3PL-PRES certamente NEG tudo beber-INF vinho a seus filhos  
'Eles certamente não fazem seus filhos beberem vinho'.

(KAYNE, 1975:219)

Além disso, estas construções não permitem a negação na sentença encaixada:

- (12) a. \*Jean laissera ne pas aller ses enfants à l'école.  
Jean deixar-3SG-FUT NEG não NEG ir-INF seus filhos à escola  
'Jean deixará seus filhos não irem à escola'.
- b. \*Il a laissé ne rien manger à ses enfants.  
ele deixar-3SG-PAST NEG nada comer-INF a seus filhos  
'Ele deixou seus filhos não comer nada'.

(KAYNE, 1975:231)

Kayne postula para essas construções uma estrutura subjacente em que *faire* seleciona um elemento sentencial, associada a uma transformação que altera a ordem do sujeito e do verbo encaixados. A chamada *faire*-Infinitive (FI) é, segundo o autor, uma regra obrigatória de transformação de movimento do verbo, no qual *...faire* [NP<sub>a</sub> V à

NP] produzirá ...*faire* V s[NPa à NP], em que NPa continua na posição de sujeito e bloqueia a aplicação da subida de clítico a pronomes dativos seguidos de *à*.

Quando o S encaixado contém um NP objeto, como em ...*faire* NPa V NP → ...*faire* V NP à NP, o NP objeto se move com o V. O NP entre *faire* e o infinitivo acaba por ocupar a posição à direita do objeto não preposicionado do infinitivo ou à direita do próprio V. Uma segunda transformação, A-Ins, obrigatoriamente insere a preposição *à* antes do sujeito do verbo infinitivo, quando este é seguido por um NP objeto.

Para Kayne, o movimento aplica-se à seqüência [verbo + objeto direto] se existe um objeto direto e ao verbo sozinho, deixando o objeto indireto na oração encaixada. Nesta análise, o objeto direto precede o sujeito encaixado e o objeto indireto o segue. A regra FI move V (NP) deixando objetos PP para trás, produzindo a ordem linear correta dos constituintes. Assim, a derivação de (10a) é a seguinte:

(13) Il – fera – son enfant – boire – un peu de vin →

FI → Il – fera – boire – un peu de vin – son enfant →

A-Ins → Il – fera – boire – un peu de vin – à son enfant.

Em relação aos clíticos, Kayne aponta o fato de que, se a regra de transformação FI for aplicada, todos os clíticos aparecem à esquerda de *faire*:

(14) a. On lui            fera            boire        du vin.

nós lhe-CL-DAT fazer-1PL-FUT beber-INF vinho

‘Nós lhe faremos beber vinho’.

b. On le            laissera        lire        à Jean.

nós o-CL-ACC deixar-1PL-FUT ler-INF a Jean

‘Nós deixaremos Jean lê-lo’.

(KAYNE, 1975:217)

Nesta construção, os verbos *faire* e *laisser* podem ser precedidos na estrutura superficial por um clítico correspondente ao objeto do verbo encaixado na estrutura profunda (DS). Ainda em relação à cliticização, Kayne (1975:287) afirma que

a Condição do Sujeito Especificado (SSC) impede que um pronome seja movido para fora de S encaixado se, ao fazer isso, se move cruzando o sujeito de S. Os clíticos dativos na construção *faire-Infinitive* são gerados como complementos do S mais alto, e não no S encaixado.

As construções *faire-Infinitive* têm, segundo Kayne, uma contraparte em que a preposição *par* ‘por’ aparece, as construções *faire-par*:

- (15) a. Elle fera manger cette pomme par Jean.  
ela fazer-3SG-FUT comer-INF esta maçã por Jean  
‘Ela fará Jean comer esta maçã’.
- b. Il a fait photographier ses enfants par un de ses amis.  
ele fazer-3SG-PAST fotografar-INF seus filhos por um de seus amigos  
‘Ele fez um de seus amigos fotografar seus filhos’.

(KAYNE, 1975:234)

De acordo com o autor, o aparecimento da preposição *par* sugere que esta construção está relacionada com a forma passiva:

- (16) a. Cette pomme sera mangée par Jean.  
esta maçã ser-3SG-FUT comer-PTCP por Jean  
‘Esta maçã será comida por Jean’.
- b. Ses enfants ont été photographiés par un de ses amis.  
seus filhos ser-3PL-PAST fotografar-PTCP por um de seus amigos  
‘Seus filhos foram fotografados por um de seus amigos’.

(KAYNE, 1975:235)

Kayne aponta algumas propriedades semelhantes entre as duas estruturas, como a existência de expressões idiomáticas não-passivizáveis, isto é, a passiva é impossível com o sentido idiomático da ativa:

- (17) a. \*La croûte a été cassée par sa famille.  
a còdia ser-PAST comerPTCP por sua família

‘A côdia será comida por sua família’.

- b. Sa famille a cassé la croûte.  
sua família comer-3SG-PAST a côdia  
‘Sua família comeu/almoçou’.

(18) a. \*La malade sera fait par son fils.

- b. Sons fils fera le malade.  
seu filho fazer-3PL-FUT o doente  
‘Seu filho fingirá que está doente’.

(KAYNE, 1975:235)

Essas expressões não ocorrem com *faire-par*, como mostra (19), mas podem ocorrer com *faire-Infinitive*, como exemplificado em (20):

(19) a. \*Il fera faire le malade par son fils.

exp fazer-3SG-FUT o doente por seu filho  
‘Seu filho fingirá que está doente’.

- b. \*Il a fait casser la croûte par sa famille.  
ele fazer-3SG-PAST comer-INF o lanche por sua família  
‘Ele fez sua família comer/almoçar’.

(20) a. Il fera faire le malade à son fils.

- b. Il a fait casser la croûte à sa famille.

(KAYNE, 1975:236)

Além disso, se o objeto é parte inalienável do corpo do sujeito, como em (21), a passivização não é possível. Essa restrição se reflete na construção *faire-par*, mas não com *faire-Infinitive*, como mostra o contraste entre (22) e (23):

(21) a. Jean lèvera la main.

Jean levantar-3SG-FUT a mão  
‘Jean levantará a mão’.

- b. \*La main sera levée par Jean.  
a mão ser-3SG-FUT levantar-PTCP

‘A mão será levantada por Jean’.

(22) \*Elle fera lever la main par Jean.

ela fazer-3SG-FUT levantar-INF a mão por Jean

‘Ela fará Jean levantar a mão’.

(23) Elle fera lever la main à Jean.

ela fazer-3SG-FUT levantar-INF a mão à Jean

‘Ela fará Jean levantar a mão’.

(KAYNE, 1975:236-237)

Por fim, o clítico *se* é excluído de passivas em sentenças do tipo exemplificado em (24):

(24) a. Jean s’achètera ce jouet.

Jean se-CL-REFL comprar-FUT este brinquedo

b. \*Ce jouet se sera acheté par Jean.

este brinquedo se-CL-REFL ser-FUT comprar-PTCP por Jean

(KAYNE, 1975:237)

A mesma restrição ocorre nas construções *faire-par*, como mostra (25), mas o clítico *se* pode ocorrer com *faire-Infinitive*, como em (26):

(25) a. \*Nous se ferons acheter ce jouet par Jean.

nós se-CL-REFL fazer-1PL-FUT comprar-INF este brinquedo por Jean

‘Nós faremos comprar-se este brinquedo por Jean’.

b. \*Nous ferons s’acheter ce jouet par Jean.

(26) Je ferai s’acheter des chaussures à (\*par) mon fils.

eu fazer-1S-FUT se-CL-REFL comprar-INF calçados a (\*por) meus filhos

‘Eu farei comprar-se calçados à (\*por) meus filhos’.

(KAYNE, 1975:237-238)

Desta forma, as construções *faire-infinitive* diferem crucialmente das passivas; por outro lado, é possível identificar uma generalização entre as passivas e as

construções *faire-par*. Kayne conclui que as construções *faire-par* são o resultado da subordinação a *faire* de sentenças contendo sintagmas NPs iniciados por *par/de* que ocorrem nas passivas.

Kayne aponta ainda uma diferença semântica entre as construções *faire-Infinitive* e *faire-par*. Considerando as sentenças:

- (27) Marie fera boire cette eau par son chien.  
Maria fazer-3S-FUT beber-INF esta água por seu cachorro  
'Maria fará seu cachorro beber esta água'.
- (28) Marie fera boire cette eau à son chien.  
Maria fazer-3S-FUT beber-INF esta água a seu cachorro  
'Maria fará seu cachorro beber esta água'.

(KAYNE, 1975:239)

Em (27), a relação entre *Maria* e o “cachorro beber água” é considerada indireta; por exemplo, Maria ordena a um empregado que verifique a possibilidade da água estar envenenada fazendo seu cachorro bebê-la. Em (28), por sua vez, há uma relação direta entre Maria e o ato do cachorro beber a água. Assim, *à* parece indicar uma relação mais direta entre sujeito e objeto indireto do que *par*.

### 1.3.2 Construções causativas românicas: Zubizarreta (1985)

A idéia central da análise de Zubizarreta (1985) é a de que os verbos causativos românicos (especificamente o Francês, o Espanhol e o Italiano), embora sejam palavras no nível morfofonológico, funcionam morfossintaticamente como morfemas presos. Na *Hipótese do Verbo Complexo* da autora, os causativos formam um complexo com o verbo encaixado, constituindo uma única estrutura lexical, originando duas construções. Na construção *faire-par*, os causativos podem bloquear a realização sintática do argumento externo do verbo encaixado, enquanto em *faire-Objeto* (*faire-Infinitive*, na denominação de Kayne), podem internalizar o argumento externo do verbo encaixado.

Nas construções *faire-Objeto*, conforme Zubizarreta, o argumento externo encaixado é realizado sintaticamente. A preposição *à*, que em outras construções é semanticamente restrita e rege apenas um argumento Meta, nas construções *faire-Objeto* geralmente rege um argumento Agente. Nestes casos, portanto, a preposição *à* é semanticamente irrestrita, ou seja, é uma falsa preposição<sup>2</sup>. Isto pode ser comprovado pelo contraste entre (29) e (30) abaixo. Em (29b), o argumento dativo pode ser predicado porque *à* é uma falsa preposição; em (30b), o argumento dativo não pode ser predicado porque a preposição é semanticamente restrita:

- (29) a. On a fait chanter Marie complètement soûle.  
 nós fazer-1PL-PAST cantar-INF Maria completamente bêbada  
 ‘Nós fizemos Maria cantar completamente bêbada’.
- b. On a fait recite ces vers à Marie complètement soûle.  
 nós fazer-1PL-PAST recitar-INF estes versos à Maria completamente bêbada  
 ‘Nós fizemos Maria recitar estes versos’.
- (30) a. On a remis la prisonnière au gardien soûle.  
 nós entregar-1PL-PAST a prisioneira ao guarda bêbada  
 ‘Nós entregamos a prisioneira bêbada ao guarda’.
- b. \*On a remis la prisonnière au gardien saoul.  
 nós entregar-1PL-PAST a prisioneira ao guarda bêbado  
 ‘Nós entregamos o prisioneiro ao guarda bêbado’.
- (ZUBIZARRETA, 1985:270)

Nas construções *faire-par*, por outro lado, o argumento externo de um verbo encaixado aos causativos (e perceptivos) românicos pode estar lexicalmente presente, mas sintaticamente não realizado, como na passiva verbal e nos nominais derivados<sup>3</sup>. Vejamos os exemplos a seguir.

<sup>2</sup> A autora argumenta que o papel semântico de um argumento, quando realizado em um sintagma preposicionado, é restringido pela preposição: o objeto de *to* ‘a’ deve ser Meta, o objeto de *of* ‘de’ deve ser Tema etc. Por outro lado, um argumento realizado como objeto do verbo ou sujeito é semanticamente irrestrito.

<sup>3</sup> Zubizarreta (1985) afirma que um verbo especifica a estrutura sintática em que seus argumentos internos são realizados. A distinção entre argumento interno e externo pode ser codificada na estrutura lexical em termos de subcategorização, nos termos de Chomsky (1965). O argumento externo pode permanecer

(31) a. Il faut laisser parler.

expl precisar-3SG-PRES deixar-INF falar-INF

‘É preciso deixar falar’.

b. Ce médicament fait dormir.

este remédio fazer-3SG-PRES dormir-INF

‘Este remédio faz dormir’.

(32) L’architecte a fait tracer le plan méticuleusement.

o arquiteto fazer-3SG-PAST traçar-INF a planta meticulosamente

‘O arquiteto fez traçar a planta meticulosamente’.

(ZUBIZARRETA, 1985:262)

O “sujeito entendido” encaixado não pode ser interpretado como correferencial com o sujeito matriz. Como nas sentenças passivas sem o sintagma *par* ‘por’, o “sujeito entendido” é interpretado como um indefinido ou genérico.

Como nas passivas, o sintagma *par* ‘por’ pode aparecer nas sentenças em que o verbo encaixado é transitivo, como em (33):

(33) a. On a laissé nettoyer la chambre par Pierre.

nós deixar-1PL-PAST limpar-INF o quarto por Pierre

‘Nós deixamos limpar o quarto por Pierre’.

b. L’architecte a fait tracer le plan méticuleusement par son associé.

o arquiteto fazer-3SG-PAST traçar-INF a planta meticulosamente por seu sócio

‘O arquiteto fez traçar a planta meticulosamente por seu sócio’.

(ZUBIZARRETA, 1985:262)

Nas sentenças em (34), em que o verbo encaixado é intransitivo, a presença do sintagma *par* ‘por’ é impossível:

(34) a. \*Il faut laisser vivre par les gens.

---

sintaticamente não realizado porque não é lexicalmente associado à estrutura sintática, enquanto o argumento interno precisa ser realizado na sintaxe, pois está ligado a uma estrutura sintática.

expl precisar-3SG-PRES deixar-INF viver-INF por o povo  
'É preciso deixar o povo viver'.

- b. \*Ce médicament fait dormir par les enfants.  
este remédio fazer-3SG-PRES dormir-INF por as crianças  
'Este remédio faz dormir as crianças'.

(ZUBIZARRETA, 1985:263)

Conforme a autora, o sintagma *par* nestas construções tem o estatuto de um adjunto adverbial. Isto pode ser comprovado pela agramaticalidade de (35c) (também notado por Kayne). Como um argumento não pode ser referencialmente dependente de um adjunto adverbial, *sa* não pode ser interpretado como correferencial com *Jean* em (35b,c):

(35) a. *Jean* a peint *sa* maison.

Jean pintar-3SG-PAST sua casa  
'Jean pintou sua casa'.

- b. \**Sa* maison a été peinte par *Jean*.

sua casa ser-3SG-PAST pintar-PTCP por Jean  
'Sua casa foi pintada por Jean'.

- c. \*Elles ont fait peindre *sa* maison par *Jean*.

elas ser-1PL-PAST fazer-1PL-PAST pintar-INF sua casa por Jean  
'Elas fizeram pintar sua casa por Jean'.

(ZUBIZARRETA, 1985:263)

Na construção *faire-par*, nenhum argumento pode ser realizado como sujeito sintático do verbo encaixado. Uma evidência desse fato é fornecida pelos inacusativos, verbos que possuem apenas um argumento interno. Com os inacusativos, a construção *faire-par* é agramatical, como em (36). Por outro lado, verbos inergativos, que possuem apenas um argumento externo, podem aparecer em *faire-par*, como em (31) acima, repetido aqui em (37):

(36) a. \*Ça fait arriver en retard.

isto fazer-3SG-PAST chegar-INF em atraso  
'Isto fez chegar atrasado'.

b. \*On a vu partir.

nós ver-1PL-PAST partir-INF  
'Nós vimos partir'.

(37) a. Il faut laisser parler.

expl precisar-3SG-PRES deixar-INF falar-INF  
'É preciso deixar falar'.

b. Ce médicament fait dormir.

este remédio fazer-3SG-PRES dormir-INF  
'Este remédio faz dormir'.

(ZUBIZARRETA, 1985:265)

Na análise de causativos italianos, Zubizarreta afirma que *fare* funciona sintaticamente como um morfema preso: aciona processos lexicais tais como bloqueio, apagamento e internalização do argumento externo. *Fare* age como um gatilho indireto desses processos por ter um argumento externo na sua estrutura lexical e ser o núcleo do verbo complexo derivado. Em uma palavra derivada morfológicamente, o afixo funciona como um núcleo e suas propriedades são determinadas pela convenção de percolação:

(38) *Convenção de Percolação*

a. Se o núcleo da palavra é especificado para o traço  $\alpha$ , então  $\alpha$  percola para o nó pai acima.

b. Se o irmão do núcleo de uma palavra é especificada para o traço  $\beta$  e o núcleo não, então  $\beta$  percola para o nó pai acima.

(adaptado de Lieber, 1980 *apud* Zubizarreta, 1985:275)

Como um afixo verbal, *fare* tem um argumento externo na sua representação lexical. Quando combinado com um verbo para formar um verbo complexo, o argumento externo de *fare* tem precedência sobre o argumento externo de seu irmão em virtude da Convenção de Percolação (38a). Os argumentos internos do

verbo irmão de *fare* percolam para cima, pela Convenção de Percolação (38b), e são projetados no nível sintático de representação.

O argumento externo pode sofrer três processos: permanecer lexicalmente presente, mas ausente sintaticamente, ser apagado ou internalizado. Se o argumento externo do verbo subordinado a *fare* permanece sintaticamente presente, o resultado é a construção *fare-da* (*faire-par*, nos termos de Kayne), com uma estrutura mono-oracional, ilustrada em (39b):

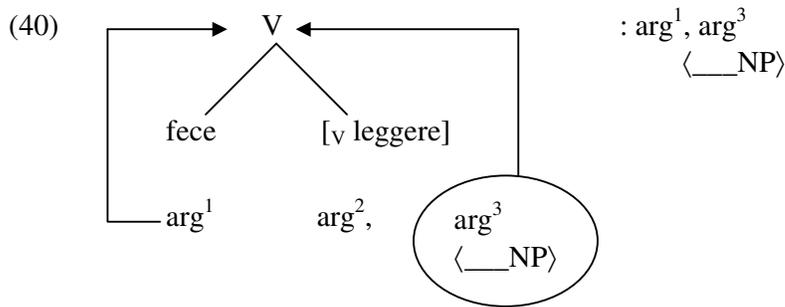
(39) a. Piero fece leggere quei brani (da Giovanni).

Piero fazer-3SG-PAST ler-INF aqueles trechos (por Giovanni)  
 ‘Piero fez ler aqueles trechos (por Giovanni)’.

b. [<sub>S</sub> Piero [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> fece leggere] quei brani [da Giovanni]]]

(ZUBIZARRETA, 1985:275)

A estrutura do verbo complexo *fece leggere* é ilustrada em (40). O argumento externo de *fare* percola para o nó pai acima (o V derivado) e é sintaticamente realizado como *Piero*, enquanto o argumento interno de *leggere* percola para o nó pai V e é realizado sintaticamente como *quei brani*.



Se o argumento externo do verbo subordinado a *fare* é apagado, o resultado é a sentença (41):

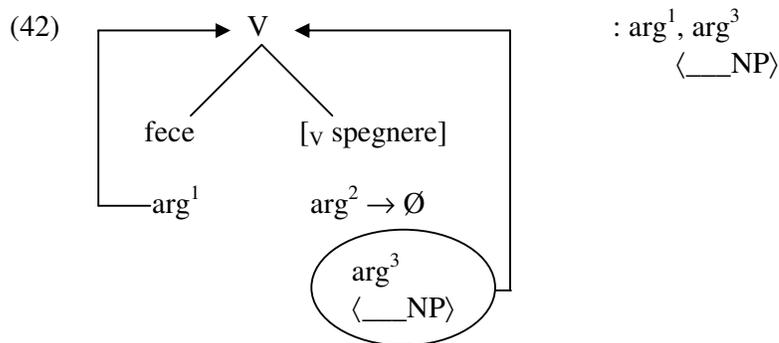
(41) a. Piero fece spegnere la candela.

Piero fazer-3SG-PAST apagar-INF a vela  
 ‘Piero fez a vela apagar’.

b. [S Piero [VP [V fece spegnere] la candela]]

(ZUBIZARRETA, 1985:276)

A estrutura lexical de *fece spegnere* é dada em (42). O argumento externo de *fare* percola pelo nó pai V segundo a Convenção (38a) e é sintaticamente realizado como *Piero*. O argumento externo de *spegnere* é apagado e seu argumento interno percola para cima conforme a Convenção (38b) e é sintaticamente realizado como *la candela*.



Se o argumento externo do verbo anexado a *fare* é internalizado, o resultado é a construção mono-oracional *fare-objeto*:

(43) a. i. Piero fece leggere quei brani a Giovanni.

Piero fazer-3SG-PAST ler-INF aqueles trechos a Giovanni

‘Piero fez Giovanni ler aqueles trechos’.

ii. [S Piero [VP [V fece leggere] quei brani a Giovanni]]

b. i. Piero fece lavorare i prigionieri nelle miniere.

Piero fazer-3SG-PAST trabalhar-INF os prisioneiros em+as minas

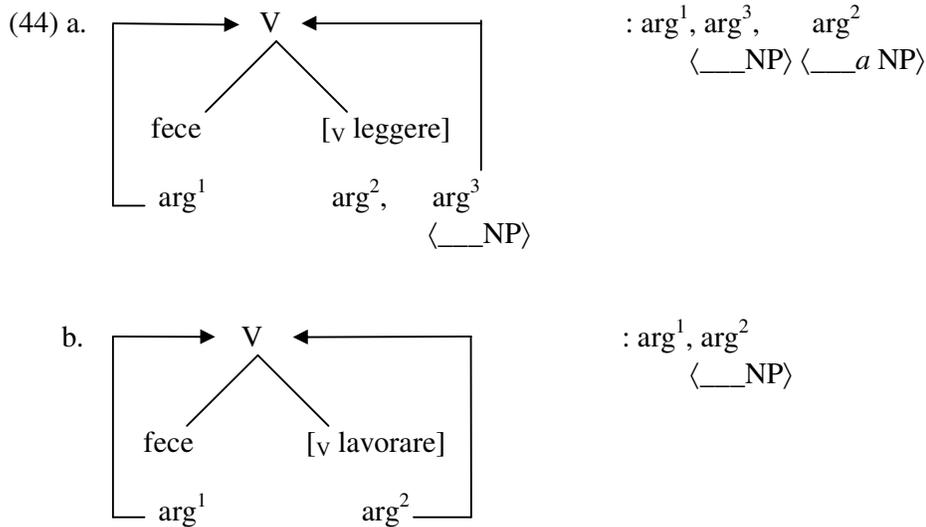
‘Piero fez os prisioneiros trabalharem nas minas’.

ii. [S Piero [VP [V fece lavorare] i prigionieri nelle miniere]]

(ZUBIZARRETA, 1985:277)

A estrutura lexical dos verbos em (43a) e (43b) são, respectivamente, (44a) e (44b). O argumento externo de *fare* percola para o nó pai V segundo a Convenção

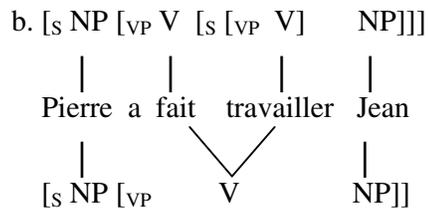
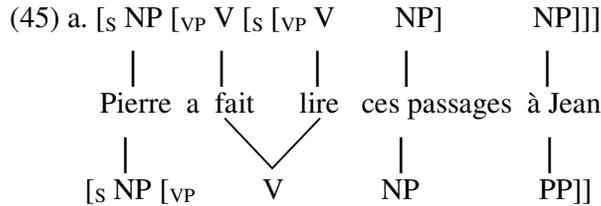
(38a) e é sintaticamente realizado como *Piero*. Os argumentos internos de *leggere* e *lavorare* percolam para o nó pai pela Convenção (38b). *Leggere* possui um objeto direto na sua estrutura lexical, portanto, o argumento externo é internalizado como um objeto indireto. *Lavorare* não possui objeto direto, logo, o argumento externo é internalizado como objeto direto. Os argumentos internos de *leggere* são sintaticamente realizados como *quei brani* e *Giovanni*. O argumento interno de *lavorare* é realizado sintaticamente como *i prigionieri*.



Os causativos em francês e espanhol, por sua vez, funcionam simultaneamente como afixo sintático e verbo principal e as sentenças com esses verbos são, portanto, associadas a duas estruturas sintáticas: uma mono-oracional e outra bioracional. Na estrutura bioracional, *faire* funciona como verbo principal que tem em sua estrutura lexical um argumento externo e um argumento interno preposicionado. Na estrutura mono-oracional, *faire* (francês) e *hacer* (espanhol) funcionam como um afixo verbal que tem em sua estrutura lexical um argumento externo.

Como pode ser observado em (45a,b), o afixo *faire/hacer* pode desencadear a internalização do argumento externo de V ao qual está anexado, fazendo aparecer a construção *faire-objeto*. Nas estruturas reduzidas das sentenças abaixo, o argumento externo de *lire* e *travailler* são internalizados como objeto indireto e objeto direto, respectivamente. Na estrutura não reduzida, *lire* e *travailler* funcionam como verbo principal, que possuem um argumento externo projetado na posição de sujeito. Assim,

*Jean* funciona simultaneamente como sujeito e objeto. A construção *faire-objeto* difere minimamente da construção *faire-par*. Na primeira, o argumento externo encaixado é sintaticamente realizado como sujeito ou objeto, enquanto na última o argumento externo encaixado não é expresso sintaticamente.



(ZUBIZARRETA, 1985:283)

Em (45a), o verbo complexo *faire lire* atribui Caso acusativo a *ces passages* e a preposição *à* atribui Caso dativo a *Jean*. Em (45b), *faire travailler* atribui Caso acusativo a *Jean*. Na estrutura reduzida, portanto, é a marcação de Caso que determina a ordem superficial das palavras.

Segundo a autora, a dupla análise sintática dos causativos em francês e espanhol pode explicar também a impossibilidade de passivização da construção *hacer/faire-par*, demonstrada em (46) e da construção *hacer/faire-objeto*, ilustrada em (47):

(46) a. \*La maison a été faite construire (par Casimiro).

a casa ser-3SG-PAST fazer-PTCP construir-INF (por Casimiro)

b. \*La casa fué hecha construir (por Casimiro).

a casa ser-3SG-PAST fazer-PTCP construir-INF (por Casimiro)

(47) a. \*La maison a été faite construire à Casimiro.

a casa ser-3SG-PAST fazer-PTCP construir-INF à Casimiro

b. \*La casa fué hecha construir a Casimiro.

a casa ser-3SG-PAST fazer-PTCP construir-INF a Casimiro  
 (ZUBIZARRETA, 1985:284)

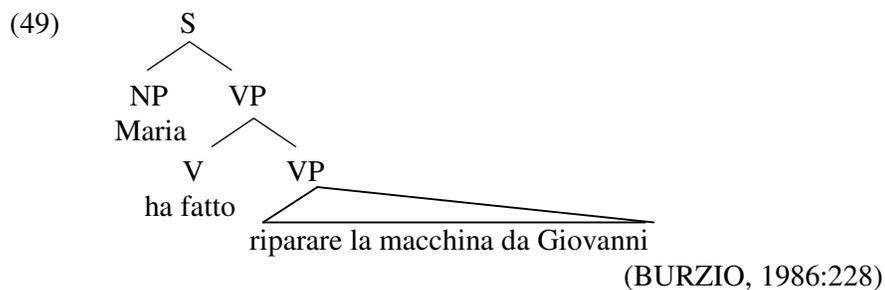
### 1.3.3 As causativas no Italiano: Burzio (1986)

As construções causativas, segundo Burzio (1986), surgem da formação de predicados complexos pelos verbos ECM (causativos e perceptivos) e seus complementos infinitivos. O autor identifica três diferentes construções em que o verbo causativo *fare* ‘fazer’ no italiano pode ocorrer:

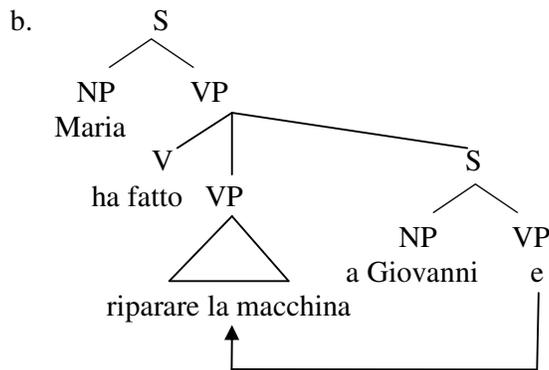
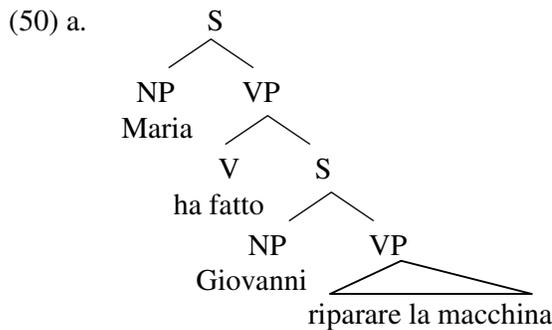
- (48) a. Maria ha fatto riparare la macchina da Giovanni.  
 Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro por Giovanni  
 ‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.
- b. Maria ha fatto riparare la macchina.  
 Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro  
 ‘Maria fez consertar o carro’.
- c. Maria ha fatto riparare la macchina a Giovanni.  
 Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro a Giovanni  
 ‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.

(BURZIO, 1986:228)

Conforme o autor, (48a,b) são gerados na base, enquanto (48c) é derivado sintaticamente. Burzio argumenta que em (48a), exemplo de construções *faire-par*, o material que segue *fare* é um complemento VP gerado na base, que possui a seguinte estrutura:



A alternância entre (48a) e (48b) deve-se, conforme Burzio, ao caráter opcional do sintagma *by* (*by*-phrases), como nas passivas, logo a análise de (48b) será a mesma de (49), sem o sintagma *by*. Para (49c), um exemplo de construção *faire-Infinitive*, o autor propõe uma derivação a partir de um complemento sentencial de *fare* como em (50a), por movimento do VP encaixado e a operação de atribuição de Caso, para produzir a estrutura (50b):



(BURZIO, 1986:229)

Burzio analisa a *faire-Infinitive* como uma construção sintaticamente derivada e não gerada na base. O causativo *fare* subcategoriza um complemento oracional que aciona o apagamento do S encaixado e uma regra de movimento de VP forma o predicado complexo (50b), repetida aqui como (51), em que a notação ‘- - -’ indica o traço do VP movido:

(51) Maria ha fatto [VP riparare la macchina] [S a Giovanni ---]

Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro a Giovanni

‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.

(BURZIO, 1986:230)

De acordo com o autor, existem três principais aspectos em que o sintagma *Giovanni* em (51) atua como o sujeito de *riparare*: (i) ‘semanticamente’ ou ‘tematicamente’, (ii) em relação às restrições de seleção, (iii) como antecedente para certos sintagmas. Nesta discussão, (i) refere-se ao fato de que, em (51), o verbo *riparare* atribui papel temático de sujeito a *Giovanni* na estrutura profunda (DS) e pelo vestígio de VP na estrutura superficial (SS); (ii) está relacionado à hipótese de que restrições seletivas aplicam-se na DS e (iii) segue a hipótese de Burzio de que o VP é reconstruído na sua posição original na forma lógica (LF).

Burzio assume que a construção *faire-Infinitive* envolve um complemento sentencial. Para o autor, o complemento S e sua estrutura interna [NP, VP] são preservados na estrutura derivada, como em (50b). O fato de que *fare* aciona o apagamento de S encaixado é atestada pelo autor a partir de três considerações. A primeira está relacionada ao fato de que *fare* nunca aparece em estrutura de Controle, como em (52):

(52) \*Giovanni<sub>i</sub> fece [<sub>S</sub> PRO<sub>i</sub> riparare la macchina]

Giovanni fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro

‘Giovanni fez consertar o carro’.

(BURZIO, 1986:231)

A segunda tem a ver com a relativa aceitabilidade de (53a) comparada a agramaticalidade de (53b), explicada pela ausência de construções de ECM no italiano:

(53) a. ?Maria lo ha fatto [<sub>S</sub> [e] riparare la macchina]

Maria o-CL-ACC fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro

‘Maria fez ele consertar o carro’.

b. \*Maria ha fatto [<sub>S</sub> Giovanni riparare la macchina]

Maria fazer-3SG-PAST Giovanni consertar-INF o carro

‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.

(BURZIO, 1986:232)

A terceira refere-se à boa formação de (54) que sugere o apagamento de S encaixado:

- (54) *Giovanni<sub>i</sub> fu fatto* [<sub>S</sub> *t<sub>i</sub> riparare la macchina*]  
Giovanni fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro  
'Giovanni foi feito consertar o carro'.

(BURZIO, 1986:232)

Se o apagamento do complemento S ocorre e a estrutura sentencial é preservada, Burzio assume que o Caso acusativo do sintagma *Giovanni* em (55) é atribuído pelo verbo causativo sob regência.

- (55) *Maria fa* [<sub>VP</sub> *lavorare*] [*Giovanni ---*]  
Maria fazer-3SG-PAST trabalhar-INF Giovanni  
'Maria fez Giovanni trabalhar'.

(BURZIO, 1986:233)

A atribuição de Caso em (55) acima e o fato de que o sujeito encaixado se comporta como um objeto do verbo causativo reduz-se ao tratamento de ECM em inglês. Considerando os casos em que o sujeito encaixado aparece em dativo (*a NP*) como em (51), repetido abaixo como (56):

- (56) *Maria ha fatto* [<sub>VP</sub> *riparare la macchina*] [<sub>S</sub> *a Giovanni ---*]  
Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro a Giovanni  
'Maria fez Giovanni consertar o carro'.

O que determina o Caso dativo em vez de acusativo do sujeito encaixado é a presença do objeto direto do verbo encaixado. Essa generalização é expressa por Burzio (1986:233) em (57):

(57) *Dativização*

NP NP → NP a NP

A *dativização* em construções causativas é um reflexo de mecanismos gerais de atribuição de Caso. Nestas construções, um NP objeto do verbo encaixado neutraliza a capacidade deste verbo de atribuir Caso acusativo. Na presença de um objeto acusativo encaixado, o sujeito encaixado, que estruturalmente é um objeto do verbo causativo, aparece em dativo. Assim, sujeitos encaixados são funcionalmente objetos do verbo causativo.

Sobre a ausência de configurações de ECM em italiano (exemplificada em (53b)), Burzio assume que a fronteira S bloqueia a atribuição de Caso mesmo com o apagamento de S encaixado. A atribuição de Caso cruzando fronteiras S, portanto, não é possível nesta língua. Para o autor, isto só se torna possível quando o NP que recebe Caso é o único constituinte fonologicamente realizado de S, isto é, se VP tiver sido extraído de S. Assim, o movimento de VP é necessário, exceto se o sujeito é fonologicamente nulo. Desta forma, não é preciso postular um processo que reanalise o sujeito encaixado como objeto de *fare*.

Em relação à cliticização, existem dois tipos de clíticos nas construções *faire*-Infinitive: sujeito e objeto encaixados.

(58) a. Maria lo fa [<sub>VP</sub> lavorare] [<sub>S</sub> [e] - - ]  
          └──────────────────┘

b. Maria la fa [<sub>VP</sub> riparare [e]] [<sub>S</sub> a Giovanni - - ]  
          └──────────────────┘ (BURZIO, 1986:238)

Burzio afirma que a relação entre o clítico e a posição da qual recebe papel temático está sujeita a condições de ligação, especialmente a Condição de Sujeito Especificado (SSC). Conforme essa teoria de cliticização, exige-se que *lo* de (58a) seja gerado na base do verbo causativo *fare*, enquanto *la* de (58b) precisa ser gerado na base do verbo encaixado. Assim, um clítico do verbo causativo na DS pode ser relacionado ao sujeito encaixado, mas não pode ser relacionado ao objeto encaixado. O clítico

objeto é gerado no verbo mais baixo e movido para verbo causativo depois do movimento de VP, processo chamado de Subida de Clítico.

Sobre as construções *faire-par*, como (48a), repetida aqui como (59), Burzio afirma que são muito semelhantes às construções *faire-Infinitive*. A única diferença entre as duas construções está no fato de que o sujeito semântico do infinitivo aqui é precedido pela preposição *da* ‘por’, enquanto em *faire-Infinitive* é precedido pela preposição *a*.

(59) Maria ha fatto riparare la macchina da Giovanni.

Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro a Giovanni  
‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.

A possibilidade do ‘sujeito temático’ de um verbo, segundo o autor, ser representado por um sintagma ‘da’ *por* depende da não atribuição de papel temático à posição de sujeito. Isso pode ocorrer em dois casos: (i) se o verbo tem morfologia passiva e (ii) se não há posição de sujeito. Estruturas  $\alpha$  como em (60) a seguir, serão analisadas como VP.

(60) Maria fa [ $\alpha$  riparare la macchina (da Giovanni)].

A análise da construção *faire-par*, portanto, envolve um complemento VP gerado na base. Quanto à distribuição dos sintagmas *da* ‘por’ nesta construção, Burzio faz uma distinção entre verbos inacusativos e inergativos. Considerando os exemplos em (61), com as três classes básicas de verbos:

- (61) a. Giovanni [<sub>VP</sub> legge il libro] (transitivo)  
Giovanni ler-3SG-PRES o livro  
‘Giovanni lê o livro’.
- b. Giovanni [<sub>VP</sub> telefona a Maria] (inergativo)  
Giovanni telefonar-3SG-PRES a Maria  
‘Giovanni telefona a Maria’.
- c. [e] [<sub>VP</sub> va Giovanni alla festa] (inacusativo)

ir-3SG-PRES Giovanni a+a festa  
'Giovanni vai à festa'.

(BURZIO, 1986:251)

Ao contrário dos inacusativos, os verbos transitivos e inergativos atribuem papel temático à posição de sujeito em suas formas ativas. A partir disto, podemos encontrar o sintagma *da* 'por' em contraposição ao sintagma *Giovanni* em (61a,b), mas não em (61c), como demonstrado em (62) a seguir.

(62) a. Farò [<sub>VP</sub> leggere il libro da Giovanni]

(eu) fazer-1SG-FUT ler-INF o livro por Giovanni

'(Eu) farei Giovanni ler o livro'.

b. Farò [<sub>VP</sub> telefonare a Maria da Giovanni]

(eu) fazer-1SG-FUT telefonar-INF a Maria por Giovanni

'(Eu) farei Giovanni telefonar a Maria'.

c. \*Farò [<sub>VP</sub> andare alla festa da Giovanni]

(eu) fazer-1SG-FUT ir-INF a+a por Giovanni

'(Eu) farei Giovanni ir à festa'.

(BURZIO, 1986:252)

O caso em (62c) é impossível porque em (61c) *Giovanni* não tem o papel temático sujeito, mas sim de objeto direto, que nunca são realizados como sintagmas *da*. Assim, a ocorrência de sintagma *da* 'por' com verbos inacusativos nunca é possível, mas sua ocorrência não é limitada aos verbos transitivos, como já demonstrado por Zubizarreta. Com verbos inergativos, em geral, o sintagma *da* é possível somente se algum objeto está presente, como comprova o contraste entre (63) e (64):

(63) a. Farò [scrivere a Maria da Giovanni]

(eu) fazer-1SG-FUT escrever-INF a Maria por Giovanni

'(Eu) farei Giovanni escrever a Maria'.

b. ?Questo farà [parlare di voi da tutti]

isto fazer-3SG-FUT falar-INF de você por todos

‘Isto farà todos falarem de você’.

(64) a. \*Farò [ { lavorare  
                  { camminare } da Piero  
                  { studiare } ]

(eu) fazer-1SG-FUT trabalhar/caminhar/estudar-INF por Piero

‘(Eu) farei Piero trabalhar/caminhar/estudar’.

(BURZIO, 1986:253)

Sem a presença do sintagma *da*, porém, inergativos podem ocorrer livremente em *faire-par*:

(65) a. Farò [scrivere a Maria].

(eu) fazer-1SG-FUT escrever-INF a Maria

‘(Eu) farei escrever a Maria’.

b. Questo farà [parlare di voi].

isto fazer-3SG-FUT falar-INF de você

‘Isto fará falar de você’.

c. Per terapia fanno [camminare].

por terapia fazer-3PL-PRES caminhar-INF

‘Por terapia fazem caminhar’.

(BURZIO, 1986:253)

Como visto, *faire-Infinitive* e *faire-par* têm diferentes derivações, mas possuem estruturas superficiais similares: em ambos os casos, o verbo causativo tem um complemento VP na SS. Além disso, os objetos do verbo encaixado geralmente cliticizam-se ao verbo causativo nas duas construções, como em (66):

(66) a. La<sub>i</sub> farò [<sub>VP</sub> riparare [<sub>i</sub>e]] [<sub>S</sub> a Giovanni - - ]

(eu) a-CL-ACC fazer-1SG-FUT consertar-INF a Giovanni

‘(Eu) farei Giovanni consertá-la’.

b. La<sub>i</sub> farò [<sub>VP</sub> riparare [<sub>i</sub>e] (da Giovanni)]

(eu) a-CL-ACC fazer-1SG-FUT consertar-INF (por Giovanni)  
'(Eu) a farei consertar (por Giovanni)'.

(BURZIO, 1986:256)

Na *faire-Infinitive* (66a), o clítico tem que ser gerado junto ao verbo mais baixo e sofrer Subida de Clítico e, além disso, deve estar em uma relação de localidade com sua categoria vazia (*ec*) em todos os níveis. Na *faire-par* em (66b), duas possíveis derivações são previstas: geração junto ao verbo mais baixo associado à Subida de Clítico e geração junto ao verbo mais alto. Ambas permitem que o clítico tenha uma relação de localidade com suas *ec*'s em todos os níveis.

Os fatos relativos à cliticização não são idênticos nas duas construções. Uma das diferenças está relacionada ao clítico reflexivo, que em (67a) é derivado por movimento de VP e em (67b) é gerado na base:

(67) a. \*Maria si<sub>i</sub> fa [<sub>VP</sub> accusare [<sub>i</sub>e]] [<sub>S</sub> a Giovanni - - -]

Maria se-CL fazer-3SG-PRES acusar-INF a Giovanni

'Maria faz Giovanni acusá-la'.

b. Maria si<sub>i</sub> fa [<sub>VP</sub> accusare [<sub>i</sub>e]] (da Giovanni)

Maria se-CL fazer-3SG-PRES acusar-INF (por Giovanni)

'Maria se faz acusar (por Giovanni)'.

(BURZIO, 1986:257)

Outra diferença diz respeito à cliticização de objetos dativos, que é problemática em *faire-Infinitive*, demonstrado em (68), mas não em *faire-par*, como visto em (69):

(68) a. ?Gli<sub>i</sub> faccio telefonare [<sub>i</sub>e] Giovanni.

(eu) lhe-CL-DAT fazer-1SG-PRES telefonar-INF Giovanni

'(Eu) faço Giovanni lhe telefonar'.

(69) a. Gli<sub>i</sub> faccio telefonare [<sub>i</sub>e] (da Giovanni).

lhe-CL-DAT fazer-1SG-PRES telefonar (por Giovanni)

'(Eu) faço lhe telefonar (por Giovanni)'.

(BURZIO, 1986:257)

Segundo Burzio, as construções causativas, desta forma, trazem implicações para a cliticização e fornecem evidências para a existência de categorias vazias relativas aos clíticos. Os clíticos assumem Caso e papel  $\theta$ , mas geralmente os clíticos são anexados ao elemento que atribui Caso, não naquele que atribui papel  $\theta$ . Clíticos são afixos que “detransitivizam” (BURZIO, 1986:306) o verbo, ou seja, que absorvem um argumento ou papel  $\theta$  do item ao qual eles estão afixados.

Para Burzio, os clíticos objetos são gerados na base e, portanto, deve existir uma categoria vazia em que o papel  $\theta$  é descarregado, podendo assim ser transmitido ao clítico. A cliticização, conforme o autor, é regida pelo princípio A da Teoria da Ligação, isto é, as *ecs* relativas aos clíticos são anáforas<sup>4</sup>. Os clíticos objetos são gerados na base e relacionados às suas *ecs* em todos os níveis, sob as mesmas condições de localidade. Se os clíticos são movidos, devem continuar tendo *ecs* na SS para transmissão do papel  $\theta$ , sob o Princípio de Projeção<sup>5</sup>.

### 1.3.4 As causativas em Português Europeu: Gonçalves (1999)

Segundo Gonçalves (1999), o Português Europeu Moderno (PE, daqui por diante) dispõe das construções causativas *fazer-Infinitivo*, ECM e Infinitivo flexionado.

As construções de ECM e *fazer-Infinitivo* diferem em vários aspectos. Um deles é a ordenação dos constituintes no domínio encaixado: em ECM, os constituintes aparecem na ordem canônica do Português, ou seja, o sujeito precede o verbo e seus objetos, como em (70), enquanto em *fazer-Infinitivo*, o DP associado à função de sujeito ocorre na posição pós-verbal, exemplificado em (71):

(70) a. O professor mandou os meninos sair.

b. Os pilotos mandaram os mecânicos arranjar o carro.

(71) a. O professor mandou sair os meninos.

b. Os pilotos mandaram arranjar o carro aos mecânicos.

<sup>4</sup> O princípio A da teoria da Ligação diz que a anáfora deve estar ligada em seu domínio de ligação.

<sup>5</sup> O Princípio de Projeção afirma que as propriedades de seleção de cada núcleo lexical devem ser preservadas nos níveis de representação DS, SS e LF (RAPOSO, 1992).

(GONÇALVES, 1999:318-319)

Na construção *fazer-Infinitivo*, o constituinte designado como sujeito do domínio encaixado, se cliticizado, ocorre em adjacência ao verbo causativo e manifesta o Caso acusativo se o verbo encaixado for intransitivo, como em (72a), ou o Caso dativo se o verbo for transitivo, como em (72b). Na construção de ECM, o mesmo constituinte apresenta-se na forma acusativa quando cliticizado, como em (73):

- (72) a. O professor mandou-os sair.  
b. Os pilotos mandaram-lhes arranjar o carro.
- (73) a. Os pilotos mandaram-nos sair.  
b. Os pilotos mandaram-nos arranjar o carro.

(GONÇALVES, 1999:320)

Outra diferença entre essas duas construções está no padrão de colocação do clítico associado ao objeto direto do verbo encaixado: em *fazer-Infinitivo*, o clítico ocorre adjacente ao verbo causativo, como em (74), o que não acontece em ECM, como mostra (75):

- (74) a. Os pilotos mandaram arranjar o carro aos mecânicos.  
b. Os pilotos mandaram-no arranjar aos mecânicos.  
c. \*/?Os pilotos mandaram arranjá-los aos mecânicos.
- (75) a. Os pilotos mandaram os mecânicos arranjar o carro.  
b. \*Os pilotos mandaram-no os mecânicos arranjar.  
c. Os pilotos mandaram os mecânicos arranjá-lo.

(GONÇALVES, 1999:320)

Essa sequência de dois ou mais verbos que, embora pertençam a domínios oracionais diferentes, possuem uma forte coesão sintática e semântica, é definida como *predicado complexo*. A autora aponta três propriedades sintáticas gerais que permitem a formação do predicado complexo: (i) o verbo encaixado deve ser Infinitivo; (ii) a forma

infinitiva não pode apresentar marcas de concordância e (iii) o domínio oracional infinitivo deve ser selecionado pelo verbo matriz, seu complemento.

Os verbos que apresentam essas características são os causativos e perceptivos que ocorrem nas construções de Marcação Excepcional de Caso (ECM): *deixar, fazer, mandar, ver, ouvir, sentir* e, além desses, os verbos de Controle e de Alçamento como *poder* e *querer* que, contudo, não ocorrem na construção de ECM. A formação de predicado complexo com esses verbos tem efeitos visíveis na ordem dos constituintes. Nestas construções, também chamadas de União de Orações ou *fazer-Infinitivo*, o argumento externo do predicado encaixado se realiza como DP, ilustrado em (76b) ou como PP, introduzido pela preposição *a*, exemplificado em (77b), dependendo da transitividade do verbo encaixado.

(76) a. O João mandou a Maria sair.

b. O João mandou sair a Maria.

(77) a. O João mandou a Maria comer a sopa.

b. O João mandou comer sopa à Maria.

(GONÇALVES, 1999:68-70)

O sujeito encaixado ocupa a posição final e é cliticizável em acusativo ou dativo, como em (78) e (79):

(78) a. O João mandou sair os meninos.

b. O João mandou-os sair.

(79) a. O João mandou comer a sopa aos meninos.

b. O João mandou-lhes comer a sopa.

(GONÇALVES, 1999:71)

Na ECM, a ordem dos constituintes no domínio encaixado é a mesma que ocorre em completivas regulares de Infinitivo flexionado, exemplificada em (80):

(80) a. O professor mandou os meninos saírem.

b. Os pilotos mandaram os mecânicos arranjarem o carro.

(GONÇALVES, 1999:318)

Além disso, as construções mencionadas não constituem predicado complexo. Apesar das semelhanças, no entanto, ECM e Infinitivo flexionado distinguem em um aspecto fundamental: a marcação de Caso do DP que ocorre na posição pré-verbal do domínio infinitivo. Na construção de Infinitivo flexionado, esse DP tem traço de Caso nominativo, podendo ser substituído pela forma nominativa do pronome pessoal, enquanto na construção de ECM, ele tem traço de Caso acusativo e cliticiza-se ao verbo causativo:

(81) a. O professor mandou eles/\*-os saírem.

b. O professor mandou \*eles/-os sair.

(GONÇALVES, 1999:323)

O contraste entre as construções de ECM e de Infinitivo flexionado pode ser verificado em contexto de cliticização do objeto direto encaixado: na primeira, o clítico mantém-se no domínio encaixado (82a,b), enquanto na última, o clítico sobe para o verbo mais alto (82c):

(82) a. O João mandou acabar o trabalho à Maria.

b. \*/??O João mandou acabá-lo à Maria.

c. O João mandou-o acabar à Maria.

(GONÇALVES, 1999:325)

Nas línguas românicas, as construções *fazer-Infinitivo* caracterizam-se pela alteração das funções sintáticas, o que indica a formação do predicado complexo. Desta forma, os sujeitos dos verbos intransitivos encaixados comportam-se, em relação à marcação Casual, como objetos diretos do complexo *fazer-Infinitivo* e os sujeitos dos verbos transitivos como objetos indiretos do complexo, como ilustrado em (83) e (84).

(83) O Presidente da Assembleia mandou-os sair.

(84) O Presidente da Assembleia mandou-lhes votar a lei.

(GONÇALVES, 1999:317)

Em relação à posição do operador de negação, na construção de ECM é possível a ocorrência do marcador de negação frásica tanto no domínio superior quanto no domínio infinitivo, como em (85). Na construção *fazer-Infinitivo*, porém, a ocorrência do marcador de negação no domínio infinitivo produz um resultado agramatical, como mostram (86) e (87).

(85) a. A atitude da Marta não fez a Maria sair.

b. A atitude da Marta fez a Maria não sair.

c. A atitude da Marta não fez a Maria não sair.

(86) a. A tempestade não fez sair as crianças.

b. \*A tempestade fez não sair as crianças.

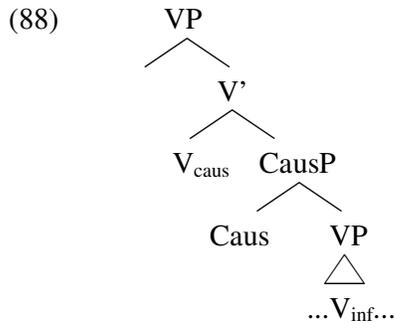
(87) a. O proprietário não mandou continuar o trabalho aos arquitectos.

b. \*O proprietário mandou não continuar o trabalho aos arquitectos.

(GONÇALVES, 1999:339-340)

Em sua análise, Gonçalves afirma que o domínio infinitivo das construções *fazer-Infinitivo* é defectivo, pela ausência dos núcleos funcionais C, AgrS, T e AgrO, pois não se verificam fenômenos como a concordância sujeito-verbo, a ocorrência do marcador de negação frásica e a legitimação dos clíticos complementos. Por não existir a projeção desses núcleos, a autora propõe que o complemento infinitivo em contextos de *fazer-Infinitivo* é um VP.

Segundo a autora, o fato de os advérbios modificadores do VP encaixado ocorrerem na sua posição canônica, isto é, à direita do verbo que encabeça o sintagma, faz necessário criar uma categoria acima de VP que possa abrigar o verbo, para obter a ordem V-Adv. O núcleo dessa categoria abriga um afixo de causatividade, denominado *Caus*. A estrutura de um VP cujo núcleo é um verbo causativo é apresentada em (88):



A estrutura em (88) pode dar conta da distribuição dos advérbios modificadores de VP, exemplificada em (89). A ordem V-Adv é derivada corretamente se assumirmos que o V encaixado se move para *Caus* e que o advérbio é gerado em adjunção ao VP encaixado.

(89) a. O editor mandou rever bem o manuscrito ao escritor.

b. \*O editor mandou bem rever o manuscrito ao escritor.

(GONÇALVES, 1999:402)

Conforme Gonçalves, o complemento do verbo causativo tem como núcleo um morfema nulo, *Caus*, cuja função sintática é suspender a atribuição do papel  $\theta$  externo pelo verbo encaixado. O argumento externo encaixado é internalizado, resultando na reordenação dos constituintes no domínio infinitivo. Esta proposta é semelhante à de Zubizarreta, com a diferença de que, para essa autora, o elemento que suspende o papel  $\theta$  externo é o próprio verbo causativo. Na análise aqui discutida, o causado, na forma de DP ou PP, corresponde a um argumento internalizado em virtude da projeção de *Caus* no domínio encaixado, e não ao sujeito do complemento infinitivo, contrariamente à proposta de Burzio (Cf. §1.3.3).

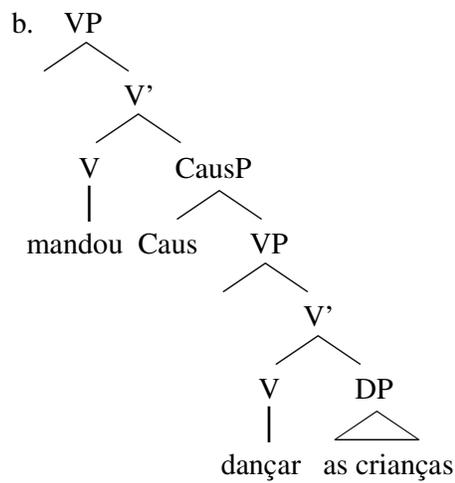
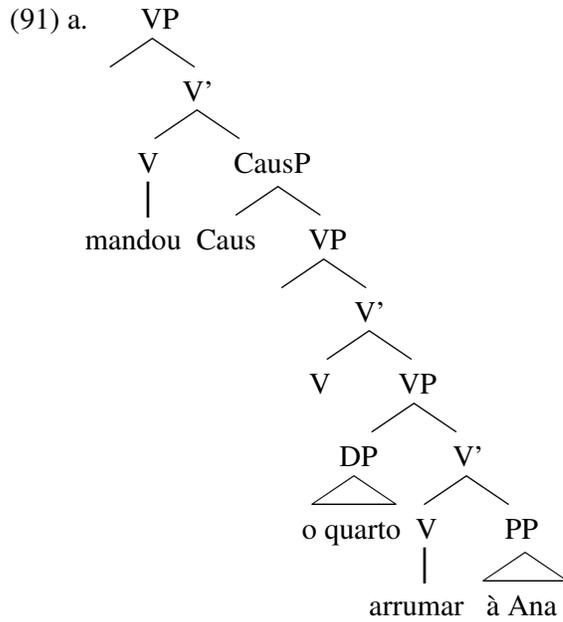
A proposta de Gonçalves, basicamente derivacional, é de que a formação do complexo predicado é acompanhada de uma alteração da grade temática do verbo encaixado, que modifica os argumentos e as posições que eles ocupam. Pela operação *Compór*, o argumento externo encaixado é combinado com o verbo encaixado para formar o V' encaixado. Para a formação do VP, *Compór* atende ao número de argumentos do predicado, projetando-os interna ou externamente ao sintagma

encabeçado pelo predicado de que depende. A verificação dos papéis temáticos tem lugar apenas em LF.

As estruturas derivadas das sentenças em (90) são apresentadas em (91):

(90) a. O João mandou arrumar o quarto à Ana.

b. O João mandou dançar as crianças.



(GONÇALVES, 1999:419)

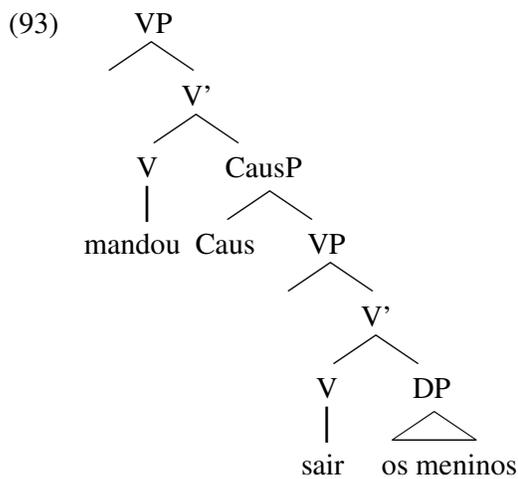
Nos dois casos, o argumento internalizado do verbo encaixado é corretamente projetado: *arrumar* é um verbo de dois lugares, então se projetam duas posições em que se realizam dois argumentos; *dançar* é um verbo de um lugar, logo, apenas uma posição é projetada.

O estatuto do argumento internalizado depende da transitividade do verbo encaixado. Se o verbo encaixado não seleciona argumento interno, o argumento internalizado tem a forma de um DP; se o verbo seleciona um DP Tema, o argumento internalizado assume a forma de um PP para satisfazer Caso.

No caso dos verbos encaixados inacusativos, como em (92), *Caus* se projeta com propriedades particulares que impedem a violação do princípio de economia nas representações.

(92) O professor mandou sair os meninos.

A frase em (92) está associada à estrutura em (93):



(GONÇALVES, 1999:421-422)

Neste caso, o argumento interno básico do verbo encaixado *os meninos* combina-se com o verbo, pela operação Compor, para formar o constituinte *sair os meninos*.

A formação do predicado complexo causativo ocorre por movimento (de traços) do verbo encaixado para o verbo causativo, motivado pela necessidade de verificação de traços. Os dois verbos são núcleos de VPs independentes que possuem

traços- $\phi$  [- Interpretáveis], que precisam ser verificados para que a derivação seja convergente. Como na construção *fazer-Infinitivo* só existe um domínio funcional ativo (as categorias funcionais frásicas do verbo causativo), o verbo encaixado se move para o verbo mais alto para verificação de traços formais.

O movimento do verbo encaixado para o domínio superior origina a seguinte estrutura:

(94) [<sub>AgrSP</sub> [<sub>AgrS'</sub> [<sub>AgrS</sub> [[[[<sub>V<sub>inf</sub></sub> Caus] V<sub>caus</sub>] T] AgrS]... [<sub>CauP</sub> [<sub>Caus</sub> V<sub>inf</sub> Caus]...]

Além da verificação de Caso dos argumentos do verbo encaixado, a formação do predicado complexo afeta também a verificação dos papéis temáticos. A hipótese de Gonçalves é a de que o papel  $\theta$  do argumento internalizado, combinado com o verbo encaixado pela operação Compor, é verificado pelo predicado complexo.

No momento em que se produz *Spell-Out*, este argumento ainda não verificou seu papel- $\theta$  (Alvo/Meta). O papel- $\theta$  do verbo encaixado que foi suspenso pelo morfema *Caus* é transportado com o verbo encaixado quando este se move para o domínio mais alto e é herdado pelo predicado complexo. Se o verbo encaixado possuir um argumento interno Tema, o argumento internalizado recebe o papel  $\theta$  de Alvo. O papel  $\theta$  do argumento externo do verbo encaixado é verificado pelo predicado complexo em LF.

No caso do verbo ser inacusativo, *Caus* não afeta a marcação temática: o argumento interno projetado no VP encaixado recebe o papel Tema. Se o verbo for inergativo, o argumento projetado no VP encaixado é resultante da internalização do argumento externo pelo morfema *Caus*. Como o verbo encaixado tem um papel  $\theta$  suspenso, pode checar o papel temático do causado (Tema) em conjunto com o verbo mais alto.

Na construção ECM, por sua vez, *AgrS* não é projetado no domínio infinitivo e, portanto, não há a relação de concordância entre sujeito-verbo, como se verifica em:

(95) a. O professor mandou os meninos sair.

b. O professor mandou os alunos filmar os actores.

(GONÇALVES, 1999:451)

Em *fazer-Infinitivo*, o marcador de negação frásica no domínio encaixado é agramatical, indicando a existência de um só nó T ativo no domínio mais alto (GONÇALVES, 1999:333). ECM, por outro lado, possui T ativo para legitimação do NegP no domínio encaixado, permitindo a ocorrência do marcador de negação frásica, como se verifica em (96):

(96) O professor mandou os alunos não filmar os actores.

(GONÇALVES, 1999:452)

Nas construções de Infinitivo flexionado, por sua vez, verifica-se a concordância sujeito-verbo, como em (97):

(97) a. O professor mandou os meninos saírem.

b. O professor mandou os meninos filmarem os actores.

(GONÇALVES, 1999:448)

Como nas construções de ECM, os clíticos associados à relação de objeto direto do verbo encaixado não ocorre adjacente ao verbo causativo; a projeção de AgrO permite a esses clíticos verificar Caso acusativo dentro do domínio infinitivo. Isso pode ser comprovado nas sentenças em que este elemento assume a forma de clítico e permanece adjacente ao verbo encaixado:

(98) O professor mandou os meninos filmarem-no.

(GONÇALVES, 1999:448)

A projeção de AgrS nestas estruturas permite a concordância sujeito-verbo, por movimento do DP sujeito para [Spec, AgrSP] e do verbo para o núcleo AgrS, legitimando, desta forma, o Caso nominativo do DP sujeito, como em:

(99) O professor mandou eles filmarem os actores.

(GONÇALVES, 1999:449)

O domínio infinitivo pode integrar o marcador de negação frásica nas sentenças de Infinitivo flexionado, uma evidência de que T é projetado e é ativo, legitimando o núcleo Neg, como nos exemplos:

(100) a. O professor mandou os meninos não saírem.

b. O professor mandou os meninos não filmarem os actores.

(GONÇALVES, 1999:449)

A diferença entre as construções ECM e Infinitivo flexionado está nas propriedades do DP pré-verbal: na primeira, o DP sujeito recebe Caso acusativo do verbo causativo (101), enquanto na segunda, o DP sujeito é marcado por Nominativo pelo verbo infinitivo (102).

(101) a. O professor mandou-os filmar os actores.

b. \*O professor mandou eles filmar os actores.

(102) a. \*O professor mandou-os filmarem os actores.

b. O professor mandou eles filmarem os actores.

(GONÇALVES, 1999:449)

Em ECM, existem dois domínios funcionais ativos, cada um dos verbos mantém independência sintática e morfológica, sendo o sujeito encaixado o único constituinte a verificar traços fora do domínio infinitivo, como comprova o contraste entre (101a) e (102b).

As construções com verbos causativos no PE podem, portanto, ser organizadas em escala de defectividade (GONÇALVES, 1999): a mais defectiva é a construção *fazer*-Infinitivo, cujo complemento infinitivo é uma projeção de *Caus*, e a menos defectiva é a construção de Infinitivo flexionado, que é uma projeção de AgrS. Entre as duas está a construção de ECM, cujo complemento é uma projeção de T (defectivo).

### 1.3.5 Causativos românicos: Guasti (2006)

Guasti (2006) analisa os complementos infinitivos de verbos causativos como estruturas lexicais ‘nuas’, ou seja, não incluem o arranjo completo das categorias funcionais encontradas em outras orações finitas e infinitivas.

Segundo a autora, o causado é um argumento de *faire-Infinitive*, o sujeito temático do verbo infinitivo. Baseada na hipótese de que, nas línguas românicas, a posição do sujeito parece ser à direita (Cf. Bonet 1990, Koopman e Sportiche 1991, entre outros), Guasti propõe que, nos complementos causativos, o sujeito superficializa na posição à direita do núcleo verbal, em Spec vP. Em *faire-Infinitive*, os complementos têm a seguinte estrutura:

- (103) [VP fare [<sub>vPv'</sub>[<sub>v</sub>][VP[V riparare]][<sub>DP</sub> la macchina]] a Gianni]]  
[VP make [<sub>vPv'</sub>[<sub>v</sub>][VP[V repair]][<sub>DP</sub> the car]] to Gianni]]  
(GUASTI, 2006:149)

O sujeito ou argumento externo de um verbo transitivo ou intransitivo permanece na posição de base, que em Romance é à direita do núcleo vP. O argumento interno de um verbo transitivo ocupa a posição V do VP mais baixo. A hipótese defendida por Guasti garante o mesmo estatuto estrutural ao argumento externo de um verbo transitivo ou intransitivo: em ambos os casos, eles permanecem como argumento externo do verbo selecionado.

Em *faire-par*, por sua vez, o sujeito lógico ou argumento externo do verbo infinitivo é sintaticamente suprimido. Quando é expresso, ele aparece como um sintagma adjunto, o sintagma *by* ‘por’. Guasti assume que, nestas construções, o complemento do verbo causativo é um VP nu faltando o vP mais alto e, portanto, a posição para o argumento externo. O argumento interno ocupa a posição V e o causado adjunto é adjungido ao VP, como na estrutura abaixo:

- (104) [VP fare [VP[V riparare]][<sub>DP</sub> la macchina]]]  
[VP make [VP[V repair]][<sub>DP</sub> the car]]]  
(GUASTI, 2006:149)

Nas causativas de verbos inacusativos, o complemento é um VP faltando o vP e, conseqüentemente, a posição para o argumento externo. Portanto, a estrutura dos complementos causativos de verbos transitivos e verbos inacusativos é a mesma em FP, um VP sem projeção de argumento externo, o que dá conta do fato de que em ambos os casos o complemento selecionado pelo verbo causativo não inclui um argumento externo.

Para Guasti, o complemento causativo é um vP encabeçado por um verbo infinitivo. Seguindo a noção de Incorporação de Baker (1988), a autora assume que as sentenças causativas são derivadas de um processo de movimento de núcleo ('head movement'). Nas causativas, o infinitivo se move para o núcleo verbal mais alto, v (se ele está presente), e é incorporado pelo verbo causativo, formando o complexo verbal.

- (105) [<sub>VP</sub> fare riparare<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> [<sub>v</sub> t<sub>i</sub>][<sub>VP</sub> [<sub>v</sub> t<sub>i</sub>][<sub>DP</sub> la macchina]]] a Gianni]]  
 [<sub>VP</sub> make repair<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> [<sub>v</sub> t<sub>i</sub>][<sub>VP</sub> [<sub>v</sub> t<sub>i</sub>][<sub>DP</sub> the car]]] to Gianni]]  
 (GUASTI, 2006:156)

Guasti aponta um problema desta abordagem: o fato de que o causativo e o infinitivo podem ser separados por elementos adverbiais, como demonstrado em (106).

- (106) I professori<sub>j</sub> fanno spesso commentare tutti<sub>j</sub> il libro a Ugo.  
 os professores fazer-3PL-PRES geralmente comentar-INF todos o livro a Ugo  
 'Todos os professors geralmente fazem Ugo comentar o livro'.  
 (GUASTI, 2006:156)

Além disso, nas sentenças interrogativas em Francês, só o verbo causativo precede o clítico sujeito, como em (107):

- (107) Fera-t-il reparer la voiture a Jean?  
 fazer-3SG-FUT-ele consertar-INF o carro a Jean?  
 'Ele fará Jean consertar o carro?'.  
 (GUASTI, 2006:157)

Para explicar estes fatos, Guasti assume a noção de excorporação (Cf. Roberts, 1991). Assim, causativos românicos permitem a excorporação do núcleo causativo do complexo verbal previamente formado pela incorporação. O verbo causativo é excorporado e se move sozinho para T e AgrS. Os causativos românicos são, portanto, o resultado de dois processos, incorporação e excorporação. A incorporação ocorre na sintaxe e é acompanhada por um processo de excorporação, outra instância de movimento de núcleo, que ocorre para permitir a checagem dos traços de tempo e concordância do verbo causativo.

A incorporação verbal traz como consequência o rompimento das relações comuns de regência e cria novas relações de regência. O verbo hospedeiro (causativo) e o verbo incorporado (infinitivo) se transformam em um complexo verbal único que herda propriedades de seus componentes e rege qualquer argumento regido por seus elementos, como estabelece o Government Transparency Corollary (CTC):

(108) The Government Transparency Corollary (CTC)

Uma categoria lexical que tem um item incorporado rege todas as coisas que o item incorporado rege na sua posição estrutural original.

(Baker, 1988 apud Guasti, 2006:157)

A formação do complexo verbal e as propriedades de atribuição de Caso dão conta da mudança de função gramatical ocorrida: forma-se uma grade temática única que inclui os argumentos de cada um dos verbos. Os argumentos do verbo infinitivo, desta forma, se transformam em argumentos do verbo causativo. O argumento externo do infinitivo se transforma em objeto direto ou indireto do verbo complexo, dependendo da transitividade do verbo, e o objeto direto do infinitivo se transforma em objeto direto do complexo verbal. Esta mudança pode ser observada em (109):

(109) Paolo ha fatto ridere la classe.

Paolo fazer-3SG-PAST rir-INF a classe

'Paolo fez a classe rir'.

(GUASTI, 2006:144)

Em (109), *la classe* ('a classe') é o sujeito lógico do infinitivo. Pela incorporação, entretanto, o sujeito passa a ser regido pelo complexo verbal. O DP *la classe* torna-se objeto direto do complexo verbal, recebendo dele o Caso acusativo.

Na construção FP, o verbo causativo seleciona um causador e um evento, que é sintaticamente realizado como um VP faltando a posição do argumento externo ou sujeito. Neste caso, a idéia é que o causador quer que algum evento aconteça ou que alguma ação seja realizada. Em FI, por outro lado, a causação do evento é direta ou é para beneficiar alguém, visto que um papel temático benefativo adicional é selecionado. Este papel é atribuído ao causado sob regência que, desta forma, recebe dois papéis temáticos, um do verbo causativo e outro do verbo infinitivo.

### 1.3.6 Predicados complexos românicos: Cyrino (2008)

Cyrino (2008), por sua vez, analisa os predicados sintáticos complexos românicos (RSCPs, em inglês) na forma [verbo finito + verbo infinitivo] – causativos *fazer-Infinitivo*, estruturas perifrásticas de reestruturação – e propõe uma unificação dos fenômenos em uma única análise: o verbo não-finito se move para o especificador do V mais alto. Para esse movimento, é crucial a presença de um C-T defectivo ou sua ausência.

Ao contrário das análises que afirmam pertencer o verbo não-finito a uma classe menor que um CP, Cyrino defende que para a formação de RSCPs é necessário um sistema C-T “empobrecido”. A autora assume que a presença de T implica a presença de C e que o Português Brasileiro (PB), embora seja considerado uma língua românica, não pode ter RSCPs. Por conseguinte, espera-se que elementos relativos à presença de C-T, como sujeito nominativo, sujeito focalizado e negação sentencial estejam disponíveis para intervir entre os dois predicados.

As construções *fazer-Infinitivo*, possíveis com verbos causativos (110a) e perceptivos (110b), são exemplos de RSCPs:

(110) a. Jean fera laver la voiture à Marie. [Francês]

Jean fazer-3SG-FUT lavar-INF o carro a Marie

- ‘Jean fará Marie lavar o carro’.  
b. Maria viu sair o menino. [PE]

(CYRINO, 2008)

Se o clítico estiver presente, seja ele um argumento acusativo (111a) ou o sujeito dativo do infinitivo (111b), a subida de clítico é obrigatória:

- (111) a. Jean la fera lavar à Marie. [Francês]

Jean o-CL-ACC fazer-3SG-FUT lavar-INF à Marie

‘Jean o fará lavar à Marie’.

- b. Maria gli fa riparare la macchina. [Italiano]

Maria lhe-CL-DAT fazer-3SG-PRES consertar-INF o carro

‘Maria lhe faz consertar o carro’.

(CYRINO, 2008)

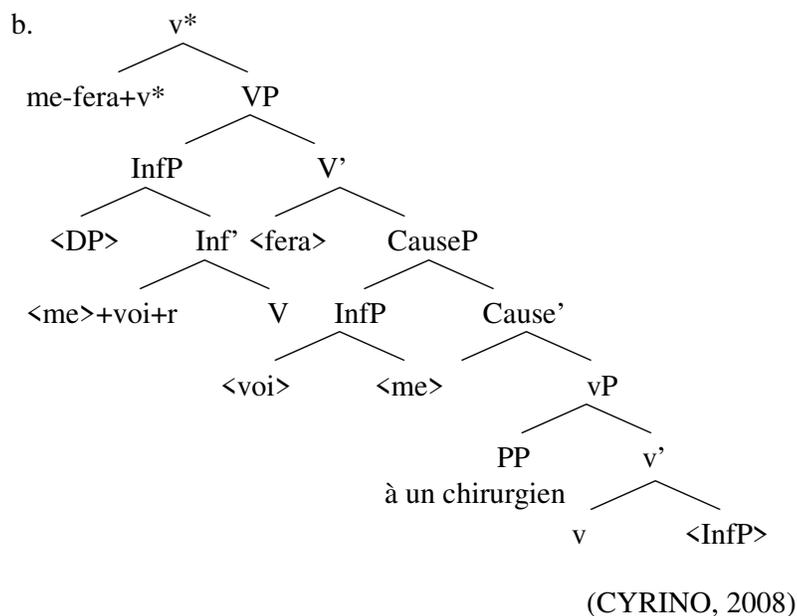
Baseada na teoria da cliticização de Roberts (2008) e nos desenvolvimentos recentes da sintaxe gerativa, especialmente a teoria de fases, Cyrino propõe que RSCPs são fases v\*. Na análise de *fazer-Infinitivo* proposta por Robert (*op. cit.*), o VP contendo infinitivo se move para uma posição adjacente ao verbo causativo/perceptivo, já que esses verbos selecionam uma categoria funcional que atrai o VP infinitivo para seu especificador. Na proposta da autora, o sintagma infinitivo (InfP) se move para [Spec, VP] do verbo causativo, logo, os dois predicados estão “próximos o bastante” para formar um predicado complexo.

A derivação de *fazer-Infinitivo* (112a) é apresentada em (112b):

- (112) a. Jean me fera voir à un chirurgien. [Francês]

Jean me-CL-ACC fazer-3SG-FUT ver-INF à um cirurgião

‘Jean fará um cirurgião me examinar’.



Segundo a autora, a categoria funcional abaixo do verbo causativo é CauseP e o movimento de InfP é desencadeado por um traço de borda (EF, do inglês *Edge Feature*) do núcleo funcional causativo  $v^*$ . O predicado complexo tem, portanto, a estrutura  $v^* - V$  não-finito. O movimento InfP para [Spec, VP] é cíclico: InfP se move do vP encaixado para Spec, CauseP e depois para [Spec, V *faire*]. As configurações de tempo perifrástico e reestruturação são também instâncias de movimento XP desencadeado por EF do núcleo  $v^*$ .

Em *fazer-Infinitivo*, conforme Cyrino, não há C-T. Em estruturas perifrásticas também não há C-T, embora haja Asp, que a autora considera um T não-finito. Em reestruturação, há C-T, mas são categorias funcionais defectivas. O fato de não haver categoria frasal intervindo entre os verbos permite a formação do predicado complexo e o efeito de “união de orações” como o Alçamento de Clítico.

#### 1.4 Considerações finais

No início deste capítulo, apresentamos brevemente o conceito de gramática na perspectiva gerativa e o modelo de Princípios e Parâmetros. Além disso, apresentamos algumas noções sobre a teoria do Caso, importantes para a caracterização das construções causativas. Nos termos de Chomsky (1981), o Caso sintático é

responsável pela identificação da função gramatical dos DPs atribuído pelas categorias Infl/[+Agr], V e P. A marcação casual canônica ocorre em uma relação de núcleo-complemento, enquanto a marcação excepcional de Caso é estabelecida em uma relação de especificador-núcleo.

Em seguida, apresentamos análises das construções causativas nas línguas românicas. Sobre as construções que formam predicado complexo, duas questões principais têm sido discutidas: a natureza do processo de formação do predicado complexo e o estatuto categorial do complemento infinitivo. Na obra de Kayne (1975), o predicado complexo é desencadeado por uma regra transformacional e o complemento infinitivo é de natureza frásica (S). Em Burzio (1986), o complemento infinitivo também é de natureza frásica, mas a estrutura é derivada sintaticamente por movimento de VP encaixado.

A proposta de Zubizarreta (1985), por sua vez, associa duas estruturas paralelas, uma em que o complemento é frásico (S) e outra em que os verbos formam uma unidade morfossintática de categoria V. Nesta abordagem, processos lexicais estão envolvidos na reanálise da grade temática do verbo encaixado.

Já a análise de Gonçalves (1999), basicamente derivacional, estabelece uma escala de defectividade para as construções causativas: o complemento de *fazer-Infinitivo* é uma projeção de Caus, o complemento de construções de ECM é de categoria TP e das construções de Infinitivo flexionado, uma projeção de AgrS. A diferença da proposta de Gonçalves em relação às abordagens clássicas é a função temática e a posição do causado: nos estudos anteriores, o causado é sujeito gramatical do verbo infinitivo, ocupando a posição [Spec, VP], enquanto para esta autora o causado é um argumento internalizado, realizado internamente ao VP encaixado.

Guasti (2006) assume as sentenças causativas são derivadas pelo movimento do infinitivo para o núcleo verbal mais alto e é incorporado pelo verbo causativo. Para a autora, o complemento infinitivo das construções *fazer-Infinitivo* é um vP e o argumento externo do verbo infinitivo ocupa a posição à direita do núcleo vP, enquanto em *fazer-por*, o complemento infinitivo é um VP faltando o vP mais alto.

Na proposta de Cyrino (2008), por fim, os complementos infinitivos dos predicados complexos são vP. A formação do predicado complexos ocorre por

movimento do sintagma infinitivo InfP para o especificador de VP do verbo causativo, desencadeado por um traço de borda da categoria funcional  $v^*$ .

Com base nos conceitos teóricos discutidos aqui, classificaremos e descreveremos os dados sob investigação no capítulo seguinte.

## 2

---

### Descrição e quantificação dos dados

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica que norteará nossa análise. Neste capítulo, pretendemos descrever e quantificar as ocorrências de complementos infinitivos de verbos causativos no Português Europeu do século XVI ao XIX. Na primeira seção, apresentaremos o *corpus* e os procedimentos de coleta e classificação. Em seguida, elencaremos algumas propriedades dos verbos causativos e a tipologia das construções causativas. Finalmente, apresentaremos a descrição e a quantificação dos dados.

#### 2.1 Os dados

Os dados constituem sentenças extraídas de vinte e seis textos de autores portugueses nascidos entre 1510 e 1836 (um total de 1.777.038 palavras), incluídos no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CTB)*<sup>6</sup>. A coleta dos dados foi realizada por meio da ferramenta de busca *Corpus Search*, disponível no site do Projeto CTB, em textos com notação morfológica<sup>7</sup>.

Destes textos, selecionamos 1517 sentenças incluindo ocorrências dos verbos causativos *mandar*, *fazer* e *deixar* com complemento infinitivo, em orações matrizes ou encaixadas. As sentenças foram classificadas conforme a ordem e Caso dos constituintes e quantificadas de acordo com três fatores: (i) o tipo de construção causativa; (ii) o verbo causativo; (iii) a transitividade do verbo encaixado.

Nas seções seguintes, identificaremos as propriedades dos verbos causativos e os tipos de construções causativas.

---

<sup>6</sup> Todos os textos estão disponíveis em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>.

<sup>7</sup> A lista das obras investigadas está em Anexo.

## 2.2 Propriedades dos diferentes verbos causativos

De acordo com Gonçalves e Duarte (2001), cada um dos verbos causativos apresentam propriedades distintas. O causativo *mandar*, por exemplo, impõe restrições de intencionalidade sobre o causador e o causado que são características de verbo declarativo de ordem:

(1) a. \*[O vento] mandou os miúdos entrar em casa.

b. \*Os donos mandaram [as laranjas] cair das árvores.

(GONÇALVES & DUARTE, 2001: 661)

Já o causativo *fazer* possui as seguintes propriedades:

(i) não impõe restrições sobre o causador e o causado, como mostra (2);

(ii) dificilmente admite a construção de predicado complexo com verbos transitivos e DP causado pleno, como podemos observar em (3);

(iii) dificilmente admite a passiva na construção de predicado complexo, exemplificado em (4):

(2) a. O pó fez os miúdos espirrarem.

b. Os donos fizeram as laranjas cair das árvores.

(3) a. ?A mãe fez comer chocolate aos miúdos.

b. A mãe fez-lhes comer chocolate.

(4) a. O professor fez cair os livros.

b. \*/??Os livros foram feitos cair (pelo professor).

(GONÇALVES & DUARTE, 2001:660)

O causativo *deixar*, por fim, dificilmente aceita a passiva no domínio encaixado na construção de predicado complexo:

(5) a. O professor deixou cair os livros.

b. ??Os livros foram deixados cair (pelo professor).

(GONÇALVES & DUARTE, 2001:660)

## 2.3 Tipologia das construções causativas

Em Português, os verbos causativos podem ocorrer nas construções *fazer-Infinitivo*, *fazer-por*, construção de Marcação Excepcional de Caso e Infinitivo flexionado. Essas construções diferem quanto à ordem e marcação casual dos constituintes, como descrevemos abaixo.

### 2.3.1 Construção *Fazer-Infinitivo*

As construções de *fazer-Infinitivo* caracterizam-se pelas seguintes propriedades:

(i) o causado aparece na posição final, imediatamente após o verbo (se o verbo encaixado é intransitivo) ou precedido pela preposição *a* (nos casos de verbos transitivos);

(ii) a marcação Casual do causado – acusativo, se o verbo encaixado é intransitivo, ou dativo, se o verbo encaixado é transitivo – é feita pelo verbo causativo no domínio superior;

(iii) quando o causado aparece na forma de clítico, a Subida de Clítico é obrigatória;

(iv) o domínio encaixado não permite negação frásica e não legitima clíticos complementos:

(6) a. O professor deixou comer chocolate aos miúdos.

b. A mãe deixou-lhes comer chocolate.

(7) a. Os donos deixaram cair as laranjas das árvores.

b. Os donos deixaram-nas cair das árvores. (ambíguo ECM)

(8) a. O professor não deixou comer o chocolate aos miúdos.

b. O professor não lhes deixou comer o chocolate.

c. O professor não o deixou comer aos miúdos.

d. \*O professor deixou não comer o chocolate aos miúdos.

e. \*O professor não deixou lhes comer/comer-lhes o chocolate.

f. \*/?/?O professor não deixou comê-lo aos miúdos.

### 2.3.2 Construção *Fazer-por*

A construção *fazer-por*, encontrada no Francês e no Italiano, não é atestada no PE, mas é encontrada no Português Clássico. As características destas construções são as seguintes:

(i) o causado aparece na forma de adjunto introduzido pela preposição *por* ou pode ser omitido; nestes casos, o “sujeito entendido” é interpretado como indefinido ou genérico (Cf. Zubizarreta (1985), Burzio (1986) e Guasti (2006));

(ii) *fazer-por* ocorre com verbo transitivo encaixado; com verbos inacusativos é agramatical, mas pode ocorrer com verbos inergativos se o sintagma *por* estiver ausente:

(9) a. Maria ha fatto riparare la macchina da Giovanni.

Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro por Giovanni

‘Maria fez Giovanni consertar o carro’.

b. Maria ha fatto riparare la macchina.

Maria fazer-3SG-PAST consertar-INF o carro

‘Maria fez consertar o carro’.

(BURZIO, 1986:228)

(10) a. \*Ça fait arriver en retard.

isto fazer-3SG-PRES chegar-INF em atraso

‘Isto faz chegar atrasado’.

b. Ce médicament fait dormir.

este medicamento fazer-3SG-PRES dormir-INF

‘Este medicamento faz dormir’.

(ZUBIZARRETA, 1985:265)

### 2.3.3 Construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM)

A construção de Marcação Excepcional de Caso (doravante, ECM) apresenta as seguintes características:

(i) o causado ocupa a posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo encaixado;

(ii) o causado recebe Caso acusativo do verbo causativo no domínio superior;

(iii) quando o causado aparece na forma de clítico, a Subida de Clítico é obrigatória;

(iv) o domínio encaixado admite negação frásica e legitima clíticos complementos:

(11) a. A mãe deixou [os miúdos] comer chocolate.

b. Os donos deixaram [as laranjas] cair da árvore.

(12) a. A mãe mandou os miúdos [não fazer barulho].

b. A mãe deixou-os [fazer-lhe um bolo].

(GONÇALVES & DUARTE, 2001:658)

### 2.3.4 Construção de Infinitivo flexionado

As construções com Infinitivo flexionado possuem as seguintes propriedades:

(i) o causado aparece na posição pré-verbal, entre o verbo causativo e o verbo encaixado:

(ii) o causado recebe Caso nominativo de Infl [+Agr] do verbo infinitivo, de forma canônica;

(iii) o domínio encaixado admite negação frásica e legitima internamente os clíticos, sendo impossível a Subida de Clítico:

(13) a. A mãe deixou [eles comerem chocolate].

b. Os donos deixaram [elas caírem da árvore].

- (14) a. A mãe mandou [eles não comerem mais chocolate].  
b. A mãe não deixou [eles fazerem-nos um bolo].  
c. \*A mãe não nos deixou [(eles) fazerem um bolo].

(GONÇALVES & DUARTE, 2001:657-658)

Na próxima parte, apresentaremos a descrição e quantificação dos dados.

## 2.4. Descrição dos dados

Nesta seção, apresentaremos a descrição e a quantificação das ocorrências das construções de infinitivo com verbos causativos no Português Europeu do século XVI ao século XIX. Os dados foram ordenados por século, de acordo com a data de nascimento dos autores<sup>8</sup>.

### 2.4.1 Século XVI

Deste período, analisamos cinco textos (um total de 206.603 palavras) e contabilizamos 497 ocorrências de construções causativas, descritas a seguir.

#### 2.4.1.1 *Fazer-Infinitivo*

Registramos sentenças com verbo intransitivo e causado sem preposição, com ou sem contiguidade ao verbo (o causado aparece sublinhado nas sentenças):

- (15) O Governador **mandou saír** pera fóra seus criados, porque já estava recolhido, e ficando sós, lhe fez Pero de Faria esta breve fala: (D. do Couto, 1542)
- (16) Depois de missa dava audiência gèral, **mandando entrar** primeiro todas as mulheres que havia, e logo se recolhia com o desembargador pera a câmara em que dormia [...]. (F. L. de Sousa, 1556)

---

<sup>8</sup> A classificação conforme a data de nascimento dos autores justifica-se pelo fato de que, na gramática gerativa, a mudança lingüística está relacionada à aquisição da linguagem.

- (17) [...] à conta de a sustentarem com Deus e fugirem os perigos da vida e ocasiões de pecado, em que a ociosidade, liberdade, pobreza e orfandade **faz cair muita gente**. (F. L. de Sousa, 1556)

Identificamos também sentenças com verbo transitivo e causado precedido pela preposição *a*:

- (18) [...] elle castigaria o antigo descuydo de seus Capitães, que cegos, & atolados em suas cubiças & interesses, **deixaraõ criar a este inimigo** tanta força, & tanto poder, que temo que ja quando quiser refrealo, não possa, & se puder que ha de sercom lhe custar muyto do seu. (F. M. Pinto, 1510)
- (19) Mas se alguem dixer que eu **mando ter** tantas sciencias e officios **ao desenhador** que apenas se achão em muitos homens, quanto mais em um só, a este somente respondo que o pintor, de que eu fallo, como o antigo Apelles, (F. de Holanda, 1517)
- (20) [...] e eram êles tais que não sómente **faziam perder ao Sol** a fermosura, mas, cobrindo outro mais fermoso, que era o seu rosto, contentavam de maneira o desejo que não fazia muito por passar dêles adiante. (F. R. Lobo, 1579)

Nestas construções, o causado aparece na forma de clítico dativo *lhe* quando cliticizado, se o verbo encaixado é transitivo:

- (21) [...] e juntamente *lhe* **mandou compor** um Catecismo que fosse obra mui perfeita, o que tudo fizeram puntualmente, à custa de muito trabalho. (F. L. de Sousa, 1556)
- (22) [...] pelo que foram pouco, e pouco induzindo ElRei, e **fazendo-lhe crer**, que lhe não convinha ter seu tio Mealecan no seu Reino porque ia já tendo grande posse. (D. do Couto, 1542)
- (23) Dada a esmola, disse o pobre à mãe que criasse com muito cuidado aquele minino e, como fosse maior, o encaminhasse para as letras, porque *lhe* **fazia saber** que nelas seria eminente e, andando o tempo, viria a ser uma grande cousa na Igreja de Deus. (F. L. de Sousa, 1556)

Nas construções *fazer-Infinitivo*, a adjacência entre os membros do complexo verbal pode ser interrompida por um elemento lexical, como um advérbio (24) ou o sujeito do verbo causativo posposto (25-26), como demonstrado nos exemplos abaixo:

- (24) E tomando hum moço pequeno para lhe fazerem o mesmo, hum velho que jazia ahy deitado que era seu pay, bradou rijo chorando que o ouvissem antes que fizessem mal aquelle moço, Antonio de Faria **mandou então parar** os ministros da execução, (F. M. Pinto, 1510)
- (25) Em Côrte do Emperador Carlos V, andando êle indisposto, lhe **mandaram os médicos comer** borragens, por ser erva medicinal para a sua enfermidade; (F. R. Lobo, 1579)
- (26) [...] êstes Mouros nunca fazem cousa alguma sem eleição de horas boas, ou más, e sem notarem sinaes de bons, ou máos agouros nas aves, nas alimarias, e em todas as mais creaturas, porque lhes **fazem os seus Bragmanes crer** cem mil abusões; (D. do Couto, 1542)

Encontramos aqui duas sentenças em que o causado dativo ocorre na posição de tópico da sentença:

- (27) Chegadas estas quatorze vellas ao Achem, lhe deraõ conta de tudo o que passava, de que dizem que ficou tão triste, que vinte dias o não vio pessoa nenhuma, no fim dos quais mandou cortar as cabeças aos Capitães das quatorze vellas, & a todos os mais que nellas vinhão **mandou rapar** as barbas, e que so pena de serem serrados vivos daly por diante andassem sempre vestidos como molheres [...]. (F. M. Pinto, 1510)
- (28) [...] & ao Rey com hum pao muy togrosso **fez botar** os miolos fora, & tornou de novo a senhorear o reyno de Aarù, de que logo intitidou por Rey o seu filho mais velho, [...]. (F. M. Pinto, 1510)

### 2.4.1.2 Construção *Fazer-por*

Nas sentenças *fazer-por*, o causado pode aparecer na posição final, antecedido pela preposição *por* ou *de*:

- (29) [...] depois de haver alguns dias que era chegado à fortaleza, os Reys comarcaõs della o **mandaraõ visitar** por seus Embaixadores, & darlhe os parabéns da sua capitania, com offerecimentos de muyta amizade & conservação de pazes com el Rey de Portugal, (F. M. Pinto, 1510)
- (30) Dom Estevão da Gama ficou enfadado do pouco respeito, que em Portugal se lhedava, e de o **mandarem tirar** por um homem, que não era seu amigo, e toda a noite passeou sem dormir, cuidando no agravo que se lhe fez. (D. do Couto, 1542)
- (31) Que me **faça respeitar** dos pobres, gastando com minha pessoa e tirando aos mesmos pobres aquilo com que os posso remedear e manter? (F. L. de Sousa, 1556)
- (32) N'esta parte Micael Angello foi constantissimo, que nunca se **deixou anichelar** dos comuns e fracos entendimentos dos imperitos, se não erão conformes á sua primeira idea e ao proprio natural, [...]. (F. de Holanda, 1517)

As sentenças em que o causado está ausente e o “sujeito entendido” é interpretado como genérico ou indefinido também foram classificadas como *fazer-por*, seguindo análise de Guasti (2006), como os exemplos a seguir:

- (33) Porém Nero emperador **mandou pintar** em pano um coliseo de CXXI pés. (F. de Holanda, 1517)
- (34) O Governador Martim Affonso de Sousa cubiçoso de tanto ouro, não atentando que ia contra a obrigação da paz, e amizade que tinha com aquele Rei, sem dar conta mais que aos que o aconselharam, desembarcou com tôda a gente posta em armas, e foi marchando pera a parte do pagode, **fazendo crer** que ia ver a terra. (D. do Couto, 1542)

(35) [...] porque, como o negócio é forçado a pena de perderem o cargo, se querem ganhar com força de trabalho o tempo mal gastado, ou que **deixaram perder**, dão ocasião a gravíssimas indisposições. (F. L. de Sousa, 1556)

Nestas construções, a sequência dos verbos causativo e infinitivo pode ser interrompida por um advérbio, como em (36-37), ou pelo sujeito do verbo causativo em posposição, como em (38-39):

(36) Mas por mais humanamente que o papa lhe **mandou muito pedir** que tornasse, nuncao pode acabar com ele. (F. de Holanda, 1517)

(37) Depois de sua partida, vendo o pai ocasião ao que havia muito que desejava, **mandou secretamente fazer** chaves falsas com que entrou na câmara do filho e abriu os cofres em que aquele inútil tesouro estava depositado; (F. R. Lobo, 1579)

(38) As novas desta frota que el Rey do Iantana fazia nos portos de Bintão & Campar chegaraõ logo ao tyranno Rey Achem, o qual temendo perder o que tinha ganhado, **fez logo aparelhar** outra de cento & oitenta vellas, fustas, lancharas, & galeotas, & quinze galès de vinte e cinco bancos, (F. M. Pinto, 1510)

(39) Despedidos os Embaixadores muito contentes, **mandou o Governador ter** grande resguardo em Mealecan, porque se não saísse de Goa, dando-lhe grossa tençapera seu divertimento.<sup>9</sup> (D. do Couto, 1542)

Registramos ainda exemplos de fronteamto de objeto encaixado:

(40) E *aos outros mandarão* uma noite **lançar** na praya de Melides, nós, & descalços, & alguns cõ muytas chagas dos açoutes que tinhão levado, os quais desta maneira forão ao outro dia ter a Santiago de Cacem [...]. (F. M. Pinto, 1510)

(41) *Aos outros Portuguezes mandou meter* em masmorras, e alguns morreram logo das feridas, e os mais deviam de acabar no cativoiro, porque não achámos feitomemória de algum deles. (D. do Couto, 1542)

---

<sup>9</sup> O exemplo em (39) poderia ser considerado uma construção de ECM com sujeito nulo pro ou sujeito arbitrário. Nesta pesquisa, entretanto, assumimos a análise de Guasti (2006), já proposta por Burzio (1986), de que as sentenças em que o causado está ausente são classificadas como instâncias de fazer-por.

(42) Estes eram providos todos de vestido, e às *mulheres* **mandava dar** mantos pêra não faltarem em ir à igreja; (F. L. de Sousa, 1556)

#### 2.4.1.3 ECM

Neste período, encontramos construções de ECM com verbo transitivo e causado na forma de clítico acusativo:

(43) Despidido o mensageiro com esta reposta, [...] chegou onde a Raynha estava, & lhe encareceo a resposta que trazia de talmaneyra, que *a fez ter* para sy que por causa desta Galê sem dúvida perderia muyto cedo o seu reyno, pelo qual lhe era muyto necessario trabalhar todo opossível, por não ficar de quebra co Capitão mòr. (F. M. Pinto, 1510)

(44) [...] pelo que *o mandou logo visitar* ao mar, e a pedir-lhe que quizesse ser seu hóspede. (Diogo do Couto, 1542)

(45) Havendo alguma, segundo a calidade dela, assi se havia com eles, **fazendo-os abrir** os olhos, ou com os reprimir, ou com lhes dilatar as ordens tanto tempo, até que lhe constava da emenda. (F. L. de Sousa, 1556)

(46) Ia esta casa crescendo em reputação de maneira que afirmaram pessoas de crédito ao Arcebispo que tinha acontecido a muitas donzelas honradas e virtuosas menos cabarem falsamente sua fama, fingindo-se menos honestas, só a fim de alcançarem serem admitidas nela, porque este era o dote que *as fazia logo receber*; (F. L. de Sousa, 1556)

#### 2.4.1.4 Infinitivo flexionado

Não encontramos nenhuma sentença que possa ser classificada sem ambiguidade como uma construção de Infinitivo flexionado.

### 2.4.1.5 Sentenças ambíguas

Nesta seção, apresentamos as sentenças que possuem ambiguidade estrutural, não podendo ser classificadas indubitavelmente em uma das quatro classes de construções causativas.

#### - Fazer-Infinitivo ou ECM:

As sentenças com verbo intransitivo e causado na forma de clítico acusativo são ambíguas entre *fazer-Infinitivo* e ECM, pois não é possível distinguir qual dos dois verbos atribui Caso acusativo ao causado. Alguns destes exemplos são transcritos abaixo:

- (47) É certo que tenho raiva, sabendo que a língua Portuguesa não é manca, nem aleijada, ver que *a façam andar* em muletas latinas os que a haviam de tratar melhor. (F. R. Lobo, 1579)
- (48) Desta desordem cresceo o ânimo aos inimigos, e saíram de dentro com grande furia, e dando em alguns que estavam em terra, *os fizeram fugir* bem escalavrados, deixando-lhes as armas. (D. do Couto, 1542)
- (49) Ah enganado filho, *¿* que importava para ti que estes sacos estivessem cheios de ouro fino ou de areia grossa se a tua avareza *te não deixava fazer* nas obras diferença dela? (F. R. Lobo, 1579)
- (50) Nem como *me manda louvar* uma minha namorada perante seu proprio marido, entre tão honrada côrte de quem conhece o seu merecimento? (F. de Holanda, 1517)

Registramos também duas sentenças com verbo *mandar* em que o causado aparece na posição pré-verbal introduzido pela preposição *a*:

- (51) Ao seguinte dia me *mandou a mim dizer* Messer Lactancio que já nos não podíamos ajuntar aquelle dia, como tinhamos ordenado, por certo negocio que sobreviera á senhora Marquesa [...]. (F. de Holanda, 1517)

(52) [...] andava eu continuando com a obrigação da reza à vista da igreja, veio fazer oração à porta dela, e dali ter comigo, uma mulher em hábito de romeira, que, se a minha vida merecera a Deus que **mandasse a algum Anjo falar** comigo, pudera imaginar que ela o seria, porque a sua beleza passava os limites do encarecimento humano; (F. R. Lobo, 1579)

As sentenças acima são ambíguas porque não é possível saber se o constituinte introduzido pela preposição *a* é um objeto acusativo preposicionado em uma construção de ECM ou um argumento dativizado de uma construção *fazer-Infinitivo*. Neste caso, a posição do causado precedendo o verbo infinitivo, típica de construções de ECM, poderia ser explicada por *scrambling* que deriva a ordem OV, uma opção gramatical no Português Antigo<sup>10</sup>.

- ECM ou Infinitivo flexionado:

As sentenças em que o causado está na terceira pessoa do singular e ocupa a posição intermediária entre os verbos podem ser consideradas tanto como uma construção de ECM como uma construção de Infinitivo flexionado, pois o infinitivo não tem marcas distintivas. Este é o caso de (53) abaixo:

(53) Que passado á outra banda, foi marchando no quarto de alva com muito silêncio, mandando diante espias, porque determinava de passar pelo exército dos inimigos, e meter-se dentro, **mandando um Mouro de recado dar** aviso aos da fortaleza, pera que estivessem prestes pera o recolherem. (D. do Couto, 1542)

#### 2.4.2 Século XVII

Quanto ao século XVII, investigamos doze textos (totalizando 572.886 palavras) e registramos 511 ocorrências de verbos causativos. As construções encontradas nesse período são descritas a seguir.

---

<sup>10</sup> Segundo Martins (2005), a ordem OV no Português Antigo, uma língua SVO, pode ser derivada quando o objeto é deslocado à esquerda, focalizado ou *scrambled* no domínio do IP. No IP-*scrambling*, o objeto de move para Spec de AgrS.

### 2.4.2.1 *fazer-Infinitivo*

Constatamos exemplos com verbo infinitivo intransitivo e causado sem preposição, contíguo ou não ao verbo:

- (54) Sua Divina Majestade dê a Vossa Mercê aquele ardente amor, que **faz correr** as almas atrás de seus suaves unguentos, sem suspirar pelos favores, querendo em tudo sua santíssima vontade; (A. das Chagas, 1631)
- (55) Só hum bem acho nesses vossos cestos, que não **deixaráo cursar** os guarda infantes pelas ruas tão livremente, como andaõ. (M. da Costa, 1601)
- (56) Mas todo aquele immenso e formidavel apparato, que visto **fez tremer** o mar e a terra, tão brevemente passou e desapareceu sendo desbaratado e vencido, que só ficou d'elle este dito. (A. Vieira, 1608c)
- (57) [...] assim nas Republicas nascem bandos, e dissençoens, que as inquietam, e consomem, se com a paz **deixaõ entrar** nellas a ociosidade. (M. da Costa, 1601)

Registramos também verbos transitivos com causado antecedido das preposições *a*, sendo que em algumas delas o causado não é contíguo ao verbo:

- (58) Outro houve tão pacifico, que **fazia exhibir** aos passageiros o dinheiro, que levavaõ: (M. da Costa, 1601)
- (59) Por agora se satisfaz Sua Majestade com mandar que Vossa Excelência compre as Ordenações do Reino, juntamente com as suas Leis Extravagantes, e **faça ler** cada dia ao seu secretário quinze ou vinte parágrafos, a que Vossa Excelência assistirá, por espaço de seis meses; (A. de Gusmão, 1695)
- (60) Poder pôr em campo doze legiões de anjos, e **mandar embainhar** a espada a Pedro, foi a maior glória do Poder Supremo. (A. Vieira, 1608b)
- (61) [...] que os prelados das Religiões sejam tais que as **façam guardar** a seus religiosos, nem consintam que de público ou secreto as contradigam, e se houver algum religioso desobediente nesta parte, seja mandado para fora do Maranhão. (A. Vieira, 1608b)

Encontramos ainda casos em que o causado antecedido da preposição *a* ocupa a posição de tópico na sentença, como no exemplo a seguir:

(62) *A este mandou chamar* Apolónio e, corrompendo-o com ouro, conchavou com ele que, disfarçado, fosse em seu nome tributar aos ídolos a adoração que o tirano pedia. (M. Bernardes, 1644)

O causado também pode ocorrer na forma de clítico dativo quando o verbo encaixado é transitivo:

(63) Sim, e é que para os meninos aprenderem bem, e se facilitarem para o Latim, se *lhes façam resolver* as orações de umas palavras Portuguesas para outras, que venham a dizer o mesmo, e tenham alguma correspondência com a Gramática Latina. (J. C. de Argote, 1676)

(64) [...] neste conflictto *lhe mandou buscar* a Avó a Marqueza de Angeja o retrato de sua defunta Tia, e chegando-o ao menino, pedindolhe a Deos a vida pellos seus merecimentos, sahio logo do perigo em que estaua; (M. do Céu, 1658)

(65) A natureza *lhe fazia lançar* sinais de enojo justíssimo de sua alma, por donde antes era razão que brotassem as pompas e bizarrias, dignas de seu real estado. (D. F. M. de Melo, 1608)

Registramos ainda exemplos de sentenças com verbo intransitivo e causado precedido pela preposição *a*:

(66) Aqui **deixaremos descansar** ao nosso Herói, ouvindo também recontar aos primeiros sua viagem, e como foram recebidos na terra [...]. (A. de Barros, 1675)

(67) [...] **mandou sair** ao presidente da Tebaida, lançar-lhe grilhões e algemas e cadeias de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra [...]. (M. Bernardes, 1644)

(68) [...] porque isto é o que **faz chorar** aos bons; (A. das Chagas, 1631)

No PA, conforme Martins (2006), a preposição *a* é permitida antecedendo o objeto acusativo com traço [+ humano]. Nossa hipótese é de que estas construções estejam relacionadas com a alta frequência do uso de acusativo preposicionado no século XVII (GIBRAIL, 2003).

Constatamos ainda construções *fazer-Infinitivo* com elementos lexicais, como advérbios e o sujeito causativo posposto, separando os verbos causativo e infinitivo, como nos exemplos abaixo:

- (69) Também entre conversação **deixava às vezes cair** algumas palavras prenes, que indicavam testamento feito ou quantidade de sufrágios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice ou outras semelhantes. (M. Bernardes, 1644)
- (70) Com cada uma das freiras **fará Vossa Mercê partir** dous soldados de cavalo, aos quais ordenará que em toda a jornada observem exactamente o que os religiosos condutores lhes disserem. (A. de Gusmão, 1695)

#### 2.4.2.2 *Fazer-por*

Nas construções *fazer-por*, o causado pode aparecer na posição final, precedido pela preposição *por* ou *de*:

- (71) Tudo quanto vos mandarem fazei, como se vo-lo **mandara dizer** Deus por um pagem seu (que isto é qualquer criatura que vos manda), e logo ireis sentido outro maior gôsto, que é a reção que o Senhor dá às suas boas servas. (A. das Chagas, 1631)
- (72) Sua mulher me **mandou chamar** hontem por Dom Alexandre, e a achei lastimosíssima: (A. Vieira, 1608a)
- (73) Concorreu a elas de todas as hierarquias gente inumerável, e entre este concurso um Nigromântico, que se **fazia obedecer** pronta, e acertadamente de um bruto. (A. Barros, 1675)
- (74) Mal fazemos, **deixando-nos enganar** de um mundo, que nos não quer enganar. (D. F. M. de Melo, 1608)

Encontramos ainda uma sentença em que o causado precedido pela preposição *de* ocupa a posição de tópico:

(75) Deste santo e seguro temor se **deixam penetrar** os justos, porque sabem que na sua mesma justificação se acharão culpas, se o Senhor a examinar sem misericórdia: (M. Bernardes, 1644)

Registramos também construções *fazer-por* em que o causado está ausente, com “sujeito entendido” genérico ou indefinido, como os exemplos a seguir:

(76) Resoluto neste imenso desatino, **mandou chamar** um tabelião, para ordenar seu testamento, e ali, diante da mulher e filhos e do mesmo confessor, lhe disse: (M. Bernardes, 1644)

(77) Já **mandaram reformar** os erros da tradução do tratado provisional sôbre as terras do cabo do Norte, e se Vossa Mercê quere uma cópia eu a mandarei com aviso seu. (J. da C. Brochado, 1651)

(78) E falla verdade em dizer, que não está authenticico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581 porque o não **deixou imprimir** na Carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. (M. da Costa, 1601)

(79) [...] e os Ministros com os seus officiais **fará situar** desde o muro da cerca e largo da igreja até a calçada da Ribeira. (A. de Gusmão, 1695)

(80) Retenho os papeis enquanto Vossa Mercê me avisa e tambem entretanto os não **faço copiar**. (D. F. M. de Melo, 1608)

Nestas construções, elementos lexicais, como advérbios e o sujeito causativo posposto, podem ocorrer entre os verbos causativo e infinitivo, como nos exemplos abaixo:

(81) Assim o fes, e a Religiosa **mandou logo dizer** as missas, ficando advertida para não faltar a nenhuma com aquelle suffragio, que custando pouco, valia tanto. (M. do Céu, 1658)

- (82) E foy assim, que **mandando** *o Arcebispo* **absolver** o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. (M. da Costa, 1601)
- (83) [...] mas que, não querendo conceder-se nem isto, **fizesse** *eu* **expedir** a Bula com a graça, da sorte que se tinha acordado a Vossa Eminência quando de cá partiu. (A. de Gusmão, 1695)
- (84) E quantos homens se **deixam** *menos* **possuir** destes affectos de pena e de tormento, se chegam para o primeiro estado da natureza inocente. (J. da C. Brochado, 1651)

Encontramos ainda casos de fronteamto de objeto encaixado:

- (85) *Os ditos setenta mil cruzados* se **mandaram pagar** a minha mulher, como dinheiro tomado na Índia para as necessidades do Estado, constituindo-se-lhe, como aos mais credores [...]. (A. de Gusmão, 1695)
- (86) [...] e eu os poderia também ir ver, mandando Vossa Excelência autoridade só para se celebrarem os preços, e *o dinheiro* o **mandará** Vossa Excelência **entregar** aos donos dos navios. (A. Vieira, 1608a)

#### 2.4.2.3 ECM

Identificamos um único caso de construção de ECM com sujeito lexical pré-verbal, em que não há concordância entre sujeito e verbo da oração completiva:

- (87) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam** seus criados **prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631)

Encontramos também construções com verbo encaixado transitivo e causado na forma de clítico acusativo:

- (88) Porém nem aqui *o* **deixou** o demónio **prossequir** quietamente seus exercícios de devoção e penitência, (M. Bernardes, 1644)

- (89) Muytas vezes *a* não **deixa** **tomar** descanço, e em uma que se recolhia para a sua capella, se *lhe* atravessou em forma de uma grande mona, que defendia a passagem com brauesa. (M. do Céu, 1658)
- (90) [...] mas esbulhou-a do direito com violencia notoria, e não *a* **deixou** **tomar** posse ElRey Dom Philippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual gráo com ella: (M. da Costa, 1601)
- (91) E se as armas de Saul não sobejaram a David, mudara eu as guardas ao ofício do Bautista e *o* **fizera** **servir** ao Evangelista. (D. F. M. de Melo, 1608)

Além disso, registramos dois casos de negação no domínio encaixado, em (92) e (93), e exemplos de legitimação de clíticos complementos na sentença encaixada, como em (94) e (95):

- (92) [...] porque a natural inclinação de correr para o seu centro, para aquela origem donde saíram, os **faz** *não* **parar** até não chegar ao seu fim último. (A. das Chagas, 1631)
- (93) Porque, se o verem-nos sòmente embaraçados com Castela os **fez** *não* **duvidar** de se fazerem senhores de nossas conquistas; (A. Vieira, 1608a)
- (94) [...] isto chore, chegue-se mais a Deus, faça por vestir-se de sua presença, que andar a alma disto nua, a **faz** **picar-se** até nas flores; (A. das Chagas, 1631)
- (95) [...] não me **deixará** **fazer-lhe** uma leve prova? (A. das Chagas, 1631)

Encontramos também casos de construções de ECM com sujeito nulo e cliticização no domínio infinitivo:

- (96) Quere o Embaixador que o busquem sem advertência para receber um enviado em "roba de chambre" ou **fazer** **esperá-lo** até se vestir, e quere que, no mesmo tempo, haja outras visitas contra a ordem do ceremonial. (J. da C. Brochado, 1651)
- (97) [...] ainda insepulta **mandou** *o Marquez seu Irmaõ* **retratata**, e não se achando pano aparelhado para a preça que pedia o aperto do tempo, por ultima deligencia aquelle memorauel pintor Felliciano, revolveo hum caixaõ a ver se descobria nelle alguma cousa que para o intento *lhe* servisse; (M. do Céu, 1658)

#### 2.4.2.4 Infinitivo flexionado

Não registramos, neste período, nenhuma sentença que possa ser classificada sem ambigüidade como uma construção de Infinitivo flexionado.

#### 2.4.2.5 Sentenças ambíguas

As sentenças que apresentam ambigüidade estrutural, neste período, são descritas a seguir.

##### - Fazer-Infinitivo ou ECM:

O exemplo abaixo, com causado topicalizado, pode ser considerado tanto como *fazer-Infinitivo* como ECM:

(98) E, suposto que estas muitas vezes são breves, redondas e sonoras, contudo não encerram tanta luz e substância de verdades e, [...] todavia, *algumas* **deixei entrar**, para maior variedade da obra e por não mostrar que de todo as desprezava. (M. Bernardes, 1644)

As sentenças com verbo intransitivo em que o causado está na forma de clítico acusativo e as sentenças com verbo transitivo em que o causado tem a forma dos clíticos de primeira e segunda pessoas (*me, te, nos, vos*) podem se tratar tanto de uma construção de ECM ou como de uma *fazer-Infinitivo*, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(99) Se Vossa Excelência caísse na materialidade (de que está muito livre) de querer instituir algumas Irmandades, e *me* **mandasse falar** nelas, havíamos de conseguir o empenho, e ainda merecer-lhes alguns prémios. (A. de Gusmão, 1695)

- (100) O tempo é mui antecipado, mas podia ser que havendo Salvador Correia de partir para Angola, ou para a Baía, quisesse dar escolta aos navios da frota, e *os fizesse partir* antes de recolhida toda a çafra. (A. Vieira, 1608a)
- (101) [...] até que infiel, rebelde, e obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, *te deixaste jazer* no profundo lethargo da impenitencia final. (A. Vieira, 1608c)
- (102) Estaua nesta occaziaõ a Madre Elena com hum grande de fluxo, e a toce *a não deixaua socegar* hauia muytas noytes; (M. do Céu, 1658)

- ECM ou Infinitivo flexionado:

A sentença abaixo, em que o causado está na terceira pessoa do plural e está na posição pré-verbal, é ambígua entre uma construção de ECM e de Infinitivo flexionado, pois o infinitivo encaixado não possui marcas morfológicas distintivas.

- (103) Ao exemplo se diz, que não se **deixou a Infanta Dona Violante herdar** não pornaõ se admittir á representaçãõ no caso, senaõ por ser inhabil por ley particular, que ElRey Dom Pedro seu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. (M. da Costa, 1601)

### 2.4.3 Século XVIII

No século XVIII, estudamos seis textos (um total de 258.976 palavras) e registramos 343 construções causativas, que serão descritas a seguir.

#### 2.4.3.1 *fazer-Infinitivo*

Nesta construção, encontramos verbos intransitivos com causado sem preposição na posição pós-verbal:

- (104) Hércules mudou a maçã em roca e aprendeu com Ônfala a governar um fuso com aquelas mesmas mãos que, empunhando uma clava, **faziam tremer os leões e as**

hidras, escurecendo com baixeiras infinitas a glória de acções imortais. (C. de Oliveira, 1702)

- (105) [...] atónitas as mães **deixam cair** dos braços os inocentes filhos; (C. Garção, 1725)
- (106) Não **faz rir** o público como seu irmão, que parece que Deus criou para divertimento das gentes, carregado, como disse a "Gazeta de França", de ordens, de gordura e de parvoíces. (M.<sup>esa</sup> d'Alorna, 1750)

Identificamos também sentenças com verbo transitivo e causado antecedido da preposição *a*:

- (107) O ciúme **fez perder** a vida a Mariana, porque seu marido Herodes não pôde sofrer que se amasse a sua formosura. (C. de Oliveira, 1702)
- (108) Era o grande sacerdote o que **fazia beber** às mulheres, acusadas de impudicidade, um grande copo de água mui amargosa, a que se chamava água do ciúme. (C. de Oliveira, 1702)
- (109) E, se isto pode ser louvável, eu o **deixo julgar** aos desapaixonados inteligentes. (L. A. Verney, 1713)
- (110) ¡Mas Deus nos livre que **deixemos fazer** êste sacrifício a um particular, quando a glória do Príncipe pode nele ganhar tanto! (M.<sup>esa</sup> de Alorna, 1750)

Além disso, registramos um exemplo com verbo intransitivo e causado precedido pela preposição *a*:

- (111) Ergueram a cabeça esses mesmos vícios que prometíamos e jurávamos reformar ou reprimir, ficando tolerados, ou por inércia ou por cobardia, ao mesmo passo que o podão pintado em nosso escudo ameaçava ou **fazia rir** aos estranhos. (C. Garção, 1725)

Quando o verbo encaixado é transitivo, o causado também pode ocorrer na forma de clítico dativo, como nos exemplos seguintes.

- (112) [...] para eu poder assim dizer a Vossa Mercê que lhe satisfazia de modo possível o desejo de me falar, com a comunicação por cartas, e o de ver-me, com o retrato que *lhe deixei tirar* para mandar a seu pai que Deus haja, e dar-lhe que rir a ele, ao Senhor Peixoto, e aos outros mirones. (A. da Costa, 1714)
- (113) E tudo isto provém de se contentarem com a erudição de quatro temas que *lhe mandam compor*, e de não se internarem na lição dos bons autores e que escreveram no tempo da mais pura Latinidade. (L. A. Verney, 1713)
- (114) É chegado o momento de pôr em prática o que sabe, e que *lhe fiz aprender*, de pessoas mais hábeis que eu, e das quais os escritos fizeram a base da sua instrução e do seu recreio. (M.<sup>esa</sup> d'Alorna, 1750)
- (115) Esse caudaloso Tejo não o turva um só regato imundo, porém muitas torrentes de água impura, *fazem-lhe perder* o nome, e semelhança de cristal; (M. Aires, 1705)

#### 2.4.3.2 *fazer-por*

Nas construções *faire-par*, o causado pode aparecer na forma de adjunto, precedido pela preposição *por* ou *de*:

- (116) Suponho que se lembra Vossa Mercê, ou pelo menos se deve lembrar dum certo grande falador chamado Demóstenes, que com a sua lábia se **fazia respeitar** dos povos e da nobreza, (C. de Oliveira, 1702)
- (117) O primeiro consiste em uma pessoa trazer consigo o coração duma andorinha, por efeito do qual, dizem muitos, se **fará estimar** de toda a gente. (C. de Oliveira, 1702)
- (118) [...] que ele me trasladasse, ou me **fizesse trasladar** por quem não necessitasse de pôr óculos para isso, como eu creio que ele necessita [...]; (A. da Costa, 1714)
- (119) [...] vendo que sua própria mulher e seu filho eram os maiores obstáculos que se ofereciam para a execução e pera o fim dos seus perniciosos desejos, os **fez matar** com veneno administrado a ambos por uma criada da casa; (C. de Oliveira, 1702)

Em *fazer-por*, o causado também pode ser omitido, conforme Guasti (2006); o “sujeito entendido” é interpretado como genérico ou indefinido, como nas sentenças abaixo:

- (120) Para amar é necessário conhecer e os filtros não **fazem conhecer** as pessoas que os dão. (C. de Oliveira, 1702)
- (121) [...] e por mais que os sentidos, e a razão mostrem o contrário, nem por isso aquela vaidade se **deixa convencer**. (M. Aires, 1705)
- (122) Entre no Colégio das Artes, corra as escolas baixas, e verá as muitas palmatoadas que se **mandam dar** aos pobres principiantes. (L. A. Verney, 1713)
- (123) Há pessoas que julgam desnecessários os pés e os braços e **fazem conduzir** para o sítio em que se estabelecem todos os trastes de que usam. (M.<sup>esa</sup> d’Alorna, 1750)

Nesta construção, a sequência verbal também pode ser interrompida pela inserção de material lexical, como o causador (sujeito causativo) posposto em (124) ou um advérbio, em (125) e (126):

- (124) Por meu irmão me **mandou** Vossa Alteza Real **segurar** que nada me havia de suceder, que ficasse descansada. (M.<sup>esa</sup> d’Alorna, 1750)
- (125) Sendo aquele a quem o valor humano não podia arrancar da mão o pomo que nela tinha fechado, era o mesmo que se **deixava inteiramente arrastar** pelo melindre da mulher mais fraca. (C. de Oliveira, 1702)
- (126) [...] nem nunca estudei pouco nem muito para fazer o mínimo progresso nela, mas sim me **deixei sempre guiar** unicamente daquele tal qual tino que me deu a natureza para ver já com mais ou menos escuridade o interior das pessoas nas suas palavras, e obras [...]; (A. Costa, 1714)

#### 2.4.3.3 ECM

Encontramos construções de ECM com causado marcado como acusativo pelo verbo causativo e legitimação de clíticos no domínio infinitivo, como os exemplos apresentados a seguir.

- (127) Tenho muitas razões e mui fortes para aconselhar esta ligeira mudança no método da educação presente, desejando também persuadir que *o deixem aprender* a escrever o que baste para que possa assinar com a sua própria mão. (C. de Oliveira, 1702)
- (128) Elas me enfeitçaram de novo, e elas são que me **fazem dizer-vos**: (C. de Oliveira, 1702)
- (129) [...] **deixemo-las restaurar** as forças, que estão cansadas de tão contínua tarefa. (C. Garção, 1725)
- (130) Amigo Costa Escrevo esta por via do Senhor Fernandes porque já começo a tremer que Vossa Mercê não me responde por lhe tirarem todas as minhas cartas do correio, e não escrevo no nome que temos ajustado por supor que Vossa Mercê não **mandará buscá-las**. (A. Costa, 1714)

As sentenças abaixo foram classificadas como construção de ECM com ISV (Inversão Sujeito-Verbo), pois não há concordância entre o sujeito e verbo no domínio infinitivo e o causado não é introduzido por preposição *à*, como em *fazer-Infinitivo*:

- (131) [...] tu no-lo conservas, tu **fazes gozar** da pública tranquilidade de que necessitam as Ciências e as Artes. (C. Garção, 1725)
- (132) [...] na repartição da terra, não só **fez ajuntar os homens** os mesmos géneros de interesses, mas também os mesmos géneros de vaidades, e nisto se vê dous efeitos contrários; (M. Aires, 1705)

#### 2.4.3.4 Infinitivo flexionado

Neste período, não constatamos a presença de sentenças que possam ser classificadas sem ambiguidade como construções de Infinitivo flexionado.

#### 2.4.3.5 Sentenças ambíguas

Apresentamos a seguir as sentenças com ambigüidade estrutural.

- Fazer-Infinitivo ou ECM:

Construções com verbo intransitivo e clítico acusativo, além das sentenças com verbo transitivo e causado na forma dos clíticos de primeira e segunda pessoas, podem ser identificadas tanto como *fazer-Infinitivo* como ECM.

- (133) Este conhecimento induz a alma ao erro, e é o que *a faz entrar* na desconfiança por meio das suspeitas, das conjecturas e das dúvidas que vai formando. (C. de Oliveira, 1702)
- (134) Era precisa aos malévolos a vacilação de Vossa Eminência a meu respeito, e porisso *o fizeram vacilar*, porisso os agentes da maldade, de que Vossa Eminência (sem os conhecer) está rodeado, impediram tantas vezes que me falasse em particular [...]. (M.<sup>esa</sup> d'Alorna, 1750)
- (135) A vaidade no meio da agonia *nos faz saborear* a ostentação de um luxo, que nos é posterior, e nos faz sensíveis as atenções, que hão-de dirigir-se à nossa insensibilidade. (M. Aires, 1705)
- (136) Finalmente, as repetidas instâncias que Vossa Paternidade me faz, a sua grande autoridade, e as plausíveis razões que me alega, *me fizeram pegar* na pena, para escrever o meu parecer. (L. A. Verney, 1713)

#### 2.4.4 Século XIX

No século XIX, investigamos três textos (totalizando 138.573 palavras) e encontramos 166 ocorrências de infinitivo com causativo, distribuídas da forma como se segue<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> O texto de Almeida Garrett (1799) foi incluído no século XIX por ser representativo da gramática deste período.

#### 2.4.4.1 *fazer-Infinitivo*

Quanto às construções de *fazer-Infinitivo*, registramos sentenças com verbos intransitivos em que o causado aparece na posição final, imediatamente após o infinitivo, como nos dados abaixo.

- (137) Um raio agudíssimo de sol foi bater direito no macerado rosto do frade, e reflectiu de seus olhos encovados, um como relâmpago de ira celeste que **fez estremecer os dois amantes**. (A. Garrett, 1799)
- (138) Em uma bela noite de Março **fez comparecer o seu auditor** em uma festa brilhante que dava o General Junot, para o desculpar com o mesmo general por faltar à sua festa, em consequência de estar gravemente doente, doença em que todos acreditaram (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)
- (139) [...] este **mandou entrar o Conde** (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

Identificamos também construções *fazer-Infinitivo* com verbo transitivo encaixado e causado precedido da preposição *a*:

- (140) E o regimento correspondeu aos vivas, vendo se meu tio obrigado a falar e a **fazer sentir ao povo e ao regimento** a indiscrição que tinham cometido e que o comprometimento para todos era certo se continuassem aquelas manifestações. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)
- (141) A polícia [...] **fez crer ao Príncipe Regente** que se tramava uma conspiração terrível, promovida pelo governo francês e espanhol, e principalmente pelo Príncipe da Paz, para o deporem e proclamarem a Princesa Carlota Regente do Reino, (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

Nestas construções, o complexo verbal pode ser interrompido por elemento adverbial, como no dado abaixo:

(142) [...] e argumentou com os nossos mestres que ficaram admirados do seu talento e saber, **fazendo** também **improvisar** em italiano o velho Talassi. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

Com verbos transitivos, o causado pode ocorrer também na forma de clítico dativo:

(143) Desejo mesmo que tu *lhe* **mandes tirar** aí a certidão de idade, que é cá precisa para *lhe* assentar praça na Escola Naval. (R. Ortigão, 1836)

(144) [...] quem a cegou à força de lágrimas que *lhe* **fez chorar** àqueles pobres olhos que, de puro cansados, se apagaram para sempre [...] (A. Garrett, 1799)

(145) [...] mas as suas moléstias, o seu muito patriotismo e a grande zanga que tinha aos franceses **faziam** *lhe* **perder** a cabeça (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

#### 2.4.4.2. *fazer-por*

Neste período, encontramos construções *fazer-por* com o causado introduzido pelo sintagma *por*:

(146) O marido da minha tia era cego e **fazia se conduzir** por seu filho Nuno, mas levando sempre a luneta fixa para fazer crer que ainda via. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

(147) Os trabalhos fotográficos que **mandei fazer** pelo fotógrafo amador daqui, aliás muito inteligente e engenhoso, não poderão estar concluídos amanhã sábado. (R. Ortigão, 1836)

(148) Mas não quero que te **deixes guiar** por mim. (R. Ortigão, 1836)

(149) Soube-o Britaldo, espreitou a ocasião e ali **fez apunhalar** por um seu criado cujo nome a legenda nos conservou para maior testemunho de verdade: (A. Garrett, 1799)

A adjacência entre os membros do complexo verbal nestas construções pode ser interrompida por um elemento lexical, como um advérbio ou o sujeito causativo posposto, como demonstram os dados a seguir.

- (150) O Governo **mandou logo instaurar** processo a meu tio como criminoso de alta traição, sendo condenado à morte e a ser queimado em efígie. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)
- (151) Já estavam destinados os dias para estes dois casamentos quando um novo acontecimento os **fez ainda adiar**. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)
- (152) Além das paradas a que acima aludo, **fazia a Regência celebrar** solennes TeDeum, para os quais eram oficialmente convidados os Grandes do Reino, exigindo se para ali maior etiqueta do que a observada hoje nas grandes festas da Corte. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

Registramos também construções *fazer-por* com causado ausente:

- (153) Lembra-te dos benefícios de crianças que Michelet **manda construir** à beira-mar. (R. Ortigão, 1836)
- (154) Não têm amêndoa e **fiz carregar** mais nos de batata por gostares muito disso. (R. Ortigão, 1836)
- (155) Admirou, porém, a todos que um homem de tanta inteligência, como o Marquês de Bellas, **fizesse nomear** para tutor de seus sobrinhos José Guilherme de Miranda, a inteligência mais limitada que tem havido em a Relação de Lisboa! (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

Nas sentenças deste tipo, o “sujeito entendido” é interpretado como genérico ou indefinido.

#### 2.4.4.3 ECM

Neste período, encontramos um caso de construção de ECM com causado lexical pré-verbal e infinitivo sem marcas morfológicas de concordância:

- (156) Assim, **deixar os outros brigar**, trabalhem nós e ganhemos a nossa vida. (A. Garrett, 1799)

Registramos também sentenças com verbo transitivo e causado na forma de clítico acusativo:

(157) [...] e **mandava a cerzir** a baeta, ao que ele assistia dando a sua sentença, pondo os óculos e colocando se ao lado da velha numa posição caricata. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

(158) [...] **fazemo-lo eleger** aí por Arcozelo ou pela cidade eterna - é o mesmo - vai para a comissão da fazenda - depois lord do tesouro, ministro: (A. Garrett, 1799)

Identificamos ainda um exemplo de construção de ECM com Inversão de Sujeito-Verbo (ISV):

(159) Acautela ele os maridos, a que **façam ter** as suas mulheres as receitas de cozinha escritas por outros e por Ramalho Ortigão [...]. (R. Ortigão, 1836)

#### 2.4.4.4 Infinitivo flexionado

Não registramos, no século XIX, sentenças que possam ser classificadas sem ambiguidade como construções de Infinitivo flexionado.

#### 2.4.4.5 Sentenças ambíguas

No século XIX, encontramos sentenças que não puderam ser classificadas sem ambiguidade. A seguir, alguns exemplos destas construções.

- Fazer-Infinitivo ou ECM:

As sentenças com verbo intransitivo e causado na forma de clítico acusativo e sentenças com verbo transitivo e causado na forma dos clíticos *me, te, nos, vos* são ambíguas entre as construções *fazer-Infinitivo* e de ECM, como os exemplos que se seguem.

- (160) Pedro Lopes, regressando da sua comissão, disse lhe que, se não tinha documento por onde mostrasse estar amnistiada, o Governo *a mandava sair* do Reino, ao que respondeu que tinha um documento que apresentaria quando fosse intimada. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)
- (161) Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que *te fazemos ler*. (A. Garrett, 1799)
- (162) Esta vista já então *nos fazia recordar* com saudade de o tempo de a nossa meninice: (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

- ECM ou Infinitivo flexionado:

Na sentença (163) a seguir, o sujeito lexical ocupa a posição pré-verbal, mas está na terceira pessoa do singular e o infinitivo não possui marcas morfológicas de concordância. Não é possível, portanto, determinar se se trata de uma construção de ECM ou de Infinitivo flexionado.

- (163) O Imperador da Rússia, Alexandre, então aliado do Imperador Napoleão, **mandou uma forte esquadra ancorar** no Tejo, a qual entrou poucas semanas depois da partida do Príncipe Regente [...]. (M.<sup>es</sup> d'Alorna, 1802)

## 2.5 Variação das construções causativas: século XVI ao XIX

Nesta seção, apresentaremos a variação dos dados ao longo do tempo, de acordo com (i) o tipo de construção; (ii) o tipo de verbo causativo e (iii) a transitividade do verbo infinitivo encaixado.

### 2.5.1 Das construções causativas

O quadro abaixo mostra a distribuição das construções causativas ao longo dos séculos:

Tabela 1: distribuição das construções causativas no Português Europeu.

Construção	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Fazer-Infinitivo</i>	70	14	105	20.6	102	29.7	34	20.5
<i>Fazer-por</i>	302	60.8	229	44.8	110	32	66	39.8
ECM	64	12.8	86	16.8	36	10.6	18	10.8
FI ou ECM	60	12.2	90	17.6	94	27.4	47	28.3
ECM ou I. Flex.	1	0.2	1	0.2	1	0.3	1	0.6
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>	<b>511</b>	<b>100</b>	<b>343</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>

Como vemos, há uma grande quantidade de dados ambíguos entre as construções de *fazer-Infinitivo* e ECM, enquanto as sentenças ambíguas entre ECM ou Infinitivo flexionado são insignificantes. Para simplificar a apresentação dos dados, as sentenças que apresentavam ambiguidade entre ECM ou Infinitivo flexionado foram incluídas nas construções de ECM, pois não há registro de orações completivas de Infinitivo flexionado não-ambíguas. Quanto às sentenças ambíguas entre *fazer-Infinitivo* e ECM, levantamos a percentagem dessas construções nas sentenças não-ambíguas e projetamos esse valor nas sentenças ambíguas. O resultado é o seguinte:

Tabela 2: distribuição das construções causativas não-ambíguas no Português Europeu (reformulada).

Construção	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Fazer-Infinitivo</i>	101	20.3	153	30	170	49.6	64	38.6
<i>Fazer-por</i>	302	60.7	229	44.8	110	32	66	39.7
ECM	94	19	129	25.2	63	18.4	36	21.7
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>	<b>511</b>	<b>100</b>	<b>343</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>

A maior parte dos dados encontrados em todo o período estudado é de construção *fazer-por* (46.6%). A construção *fazer-Infinitivo* constitui 32.2% dos dados e as construções de ECM perfazem 21.2% das ocorrências.

No século XVI, a construção predominante é *fazer-por*, com 60.7% das sentenças. *Fazer-Infinitivo* constitui 20.3% dos dados deste período e a construção que menos aparece é ECM, com 19%. Já no século seguinte, a frequência de *fazer-por* sofre uma diminuição, mas ainda é predominante, com 44.8% das sentenças. As ocorrências de *fazer-Infinitivo* e ECM aumentam para 30% e 25.2%, respectivamente.

No século XVIII, ao contrário dos séculos precedentes, a construção preferida é *fazer-Infinitivo*, com 49.6% das ocorrências. A ocorrência de *fazer-por* diminui para 32% e ECM também sofre uma redução para 18.4%. No século XIX, a proporção das construções *fazer-Infinitivo* e *fazer-por* praticamente se igualam: 38.6% e 39.7%, enquanto ECM apresenta um leve aumento em relação ao século anterior, constituindo 21.7% das ocorrências.

O fato mais relevante, no entanto, é a ausência de construções indubitavelmente classificadas como Infinitivo flexionado (isto é, o infinitivo pessoal com flexão explícita).

### 2.5.2 Do tipo de verbo causativo

Quanto ao verbo causativo, a tabela abaixo apresenta a distribuição dos causativos nas construções do século XVI ao XIX:

Tabela 3: Distribuição do verbo causativo.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>mandar</i>	321	64.6	230	45	44	12.8	53	31.9
<i>fazer</i>	99	19.9	159	31.1	219	63.9	82	49.4
<i>deixar</i>	77	15.5	122	23.9	80	23.3	31	18.7
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>	<b>511</b>	<b>100</b>	<b>343</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>

Conforme a tabela acima, o século XVI apresenta maior ocorrência de verbo *mandar*, que representa 64.6% das sentenças, e o verbo que menos aparece é *deixar*, com 15.5% dos dados. No século XVII, por sua vez, as sentenças com o verbo *mandar* representam 45% dos dados. O verbo *fazer* aumenta sua frequência de 19.9% no século

anterior para 31.1% neste período. *Deixar* continua sendo o verbo que menos aparece, com 23.9% das sentenças.

Diferentemente dos dois séculos anteriores, no século XVIII, *fazer* é o verbo preferido nas construções causativas, constituindo 63.9% das ocorrências. A frequência de *deixar* praticamente não se altera do século XVII para este, mas *mandar* aparece como o verbo menos usado, com 12.8% das sentenças. No século XIX, por fim, o verbo *fazer* continua sendo o verbo preferido, ocorrendo em 49.4% dos dados. *Mandar* aumenta sua frequência para 31.9% e *deixar* é o verbo que menos aparece, com 18.7% das sentenças.

### 2.5.3 Da transitividade do verbo infinitivo encaixado

A transitividade do verbo infinitivo encaixado determina a forma como o causado aparece nas construções *fazer-Infinitivo*. Essas construções aceitam como complemento tanto verbos de um lugar, chamados intransitivos na gramática tradicional (inergativos e inacusativos, na abordagem gerativista), quanto verbos transitivos.

As construções *fazer-por*, por sua vez, só admitem verbo transitivo ou verbo inergativo sem a presença do causado. Finalmente, as construções de ECM aceitam os dois tipos de verbo como complemento. Embora a transitividade do verbo encaixado não interfira na forma como o causado aparece nestas construções, é interesse verificar a variação na ocorrência do tipo de verbo encaixado.

A frequência de verbo transitivo no complemento destas construções é representada no quadro a seguir.

Tabela 4: Distribuição do verbo encaixado transitivo nas construções causativas.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Fazer-Infinitivo</i>	50	13	61	17.5	75	35.9	22	23.1
<i>Fazer-Por</i>	311	80	235	67.3	110	52.6	64	67.4
ECM	27	7	53	15.2	24	11.5	9	9.5
<b>Total</b>	<b>388</b>	<b>100</b>	<b>349</b>	<b>100</b>	<b>209</b>	<b>100</b>	<b>95</b>	<b>100</b>

Como visto, a proporção de verbo transitivo em *fazer-infinitivo* aumenta progressivamente até o século XVIII e sofre uma queda no século XIX. Em *fazer-por*, por outro lado, a maior frequência de verbo transitivo ocorre no século XVI e sofre pequenas oscilações ao longo do tempo. Quanto à ECM, a maior ocorrência deste tipo de verbo é no século XVII, diminuindo no século XVIII e sofrendo uma queda brusca no século seguinte.

Por sua vez, a ocorrência de verbo intransitivo no complemento destas construções é dada na tabela a seguir:

Tabela 5: Distribuição do verbo encaixado intransitivo nas construções causativas.

Construção	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Fazer-Infinitivo</i>	54	49.5	102	63	105	78.3	52	73.2
<i>Fazer-Por</i>	---		5	3	2	1.5	3	4.2
ECM	55	50.5	55	34	27	20.2	16	22.6
<b>Total</b>	<b>109</b>	<b>100</b>	<b>162</b>	<b>100</b>	<b>134</b>	<b>100</b>	<b>71</b>	<b>100</b>

Em *fazer-Infinitivo*, a proporção de verbo intransitivo aumenta nos séculos XVI e XVII e mantém-se praticamente estável nos séculos seguintes. Nas construções *fazer-por*, as ocorrências são raras a partir do século XVII. Já no complemento de construções ECM, a taxa de verbo intransitivo se mantém estável nos séculos XVI e XVII, diminuindo nos séculos seguintes.

No que diz respeito à transitividade do verbo encaixado selecionado pelo verbo causativo, a distribuição é apresentada nos quadros abaixo.

Tabela 6: Seleção de verbo encaixado transitivo pelo verbo causativo.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
mandar	300	77	207	60	44	23.6	41	45.5
fazer	65	16.6	89	25.8	93	50	39	43.3
deixar	25	6.4	49	14.2	49	26.4	10	11.2
<b>Total</b>	<b>390</b>	<b>100</b>	<b>345</b>	<b>100</b>	<b>186</b>	<b>100</b>	<b>90</b>	<b>100</b>

Nos dois primeiros séculos, o verbo causativo *mandar* seleciona preferencialmente verbo transitivo. A frequência de transitivo em complemento destes verbos diminui ao longo do tempo, enquanto a proporção de verbo encaixado transitivo aumenta em construções com verbo *fazer*. Com verbo *deixar*, a ocorrência de verbo transitivo no domínio inferior aumenta até o século XVIII e sofre uma leve queda no século seguinte.

Tabela 7: Seleção de verbo encaixado intransitivo pelo verbo causativo.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
mandar	21	19.6	23	13.8	---		12	15.8
fazer	34	31.8	70	42.2	126	80.2	43	56.6
deixar	52	48.6	73	44	31	19.8	21	27.6
<b>Total</b>	<b>107</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>	<b>157</b>	<b>100</b>	<b>76</b>	<b>100</b>

Como visto, é baixa a ocorrência de verbo intransitivo em complementos de verbo *mandar* nos séculos XVI e XVII. No século XVIII, a ocorrência de intransitivo com verbo *mandar* é nula, voltando a aparecer no século XIX.

Já com o verbo *fazer* a presença de intransitivo no domínio infinitivo aumenta progressivamente até atingir o nível máximo no século XVIII. Com *deixar*, a proporção se mantém praticamente estável nos dois primeiros séculos e sofre uma queda no século XVIII.

### 2.5.4 Da forma do causado nos predicados complexos

Conforme dito na seção anterior, a transitividade do verbo encaixado determina a forma do causado nas construções *fazer-Infinitivo*. Se o verbo infinitivo encaixado é intransitivo, o causado aparece na forma de um NP pós-verbal. No caso de o verbo encaixado ser transitivo, o causado pode aparecer na forma de um *a* NP ou de um clítico dativo *lhe*. A distribuição do tipo de causado nestas construções ao longo dos séculos é apresentada no quadro a seguir (desconsiderando dados ambíguos).

Tabela 8: Distribuição do causado nas construções *fazer-Infinitivo*.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
NP	27	38,6	55	51,9	59	57,8	27	77,1
<i>a</i> NP	15	21,4	21	19,8	21	20,6	05	14,3
<i>lhe</i>	28	40	30	28,3	22	21,6	03	8,6
<b>Total</b>	<b>70</b>	<b>100</b>	<b>106</b>	<b>100</b>	<b>102</b>	<b>100</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

Como vemos no quadro acima, a forma NP aumenta gradualmente a partir do século XVI, enquanto a forma dativa *a* NP se mantém relativamente estável até o século XVIII e diminui no século XIX. O clítico *lhe*, por fim, tem uma alta frequência no século XVI, diminui nos séculos XVII e XVIII e sofre uma queda considerável no século XIX.

Nas construções *fazer-por*, por outro lado, o causado é um adjunto e, portanto, pode ocorrer como um sintagma *por/de* ou pode ser omitido. A variação destes tipos de causado ao longo dos séculos é descrita no quadro abaixo.

Tabela 9: Distribuição do causado nas construções *fazer-por*.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
ausente	283	91	214	89,2	84	75	60	89,6
<i>por</i> NP	28	9	26	10,8	28	25	7	10,4
<b>Total</b>	<b>311</b>	<b>100</b>	<b>240</b>	<b>100</b>	<b>112</b>	<b>100</b>	<b>67</b>	<b>100</b>

O século XVI apresenta um alto índice de construções *fazer-por* com causado ausente. No século XVIII, a proporção deste tipo de construção diminui e volta a aumentar no século seguinte.

O causado na forma de adjunto introduzido por preposição é pouco freqüente no século XVI, mas sua ocorrência aumenta progressivamente até o século XVIII e volta a cair no século seguinte.

## 2.6 Considerações finais

O propósito deste capítulo era descrever as propriedades sintáticas dos complementos infinitivos de verbos causativos no Português Europeu do século XVI ao XIX. Nas primeiras seções, apresentamos os dados e a metodologia de coleta e classificação das sentenças. Além disso, apresentamos as características dos verbos causativos e a tipologia das construções causativas. Em seguida, descrevemos e quantificamos os dados, de acordo com o período, com o tipo de verbo causativo, a construção em que ocorrem e o tipo de verbo encaixado.

Os resultados mostram que nos séculos XVI e XVII predominam o verbo *mandar* e as construções *fazer-por*, especialmente nas sentenças em que o causado é omitido e o “sujeito entendido” é interpretado como genérico ou indefinido. Nos séculos XVIII e XIX, por outro lado, o verbo que ocorre com maior frequência é *fazer* e a construção preferida é *fazer-Infinitivo*.

Em relação às construções *fazer-Infinitivo*, registramos uma diminuição das sentenças com verbo transitivo e progressivo aumento do verbo intransitivo no domínio inferior. Também constatamos um decréscimo na proporção das formas dativas do causado (*lhe* e *a* NP) e, conseqüentemente, o aumento da frequência da forma acusativa do causado (NP). Além disso, é significativa a ausência de construções de Infinitivo flexionado nos textos estudados.

No próximo capítulo, discutiremos os resultados obtidos e analisaremos os dados a partir de uma perspectiva diacrônica.

# 3

---

## Análise e discussão dos dados

No capítulo anterior, descrevemos as propriedades sintáticas das construções causativas do Português Europeu do século XVI ao XIX. Os dados revelam que, nos séculos XVI e XVII, predominam o verbo *mandar* e as construções *fazer-por*, enquanto nos séculos XVIII e XIX, o verbo que aparece com maior frequência é *fazer* e a construção predominante é *fazer-Infinitivo*.

No que diz respeito às construções *fazer-Infinitivo*, registramos uma diminuição das sentenças com verbo transitivo no domínio inferior, o que está diretamente relacionado à diminuição das formas dativas do causado e, conseqüentemente, o aumento da frequência da forma acusativa do causado. Além disso, é significativa a ausência de construções de Infinitivo flexionado nos textos estudados.

A variação e as particularidades dessas construções, evidenciadas na quantificação dos dados, fazem emergir uma questão central: a gramática do Português Clássico, que apresenta o fenômeno V2, influencia a sintaxe das construções causativas? Se a resposta for positiva, é esperada uma mudança nessas construções ao longo dos séculos.

Neste capítulo, pretendemos discutir os aspectos sintáticos das construções causativas da gramática anterior ao Português Europeu Moderno (PE), a partir de uma perspectiva diacrônica. A princípio, abordaremos duas mudanças ocorridas no complemento infinitivo de verbos causativos: a diminuição da subida de clíticos e o aparecimento do infinitivo flexionado. Em seguida, discutiremos os resultados obtidos e apresentaremos uma proposta de análise dos dados.

### 3.1 Construções causativas na história do Português Europeu

De acordo com Galves (2001), o Português Clássico (doravante PCI), período da língua compreendido entre o século XVI e a primeira metade do século XIX,

é uma língua V2. Neste tipo de língua, o verbo é alçado para a categoria COMP, legitimando a topicalização no especificador de COMP. A perda deste movimento provoca uma mudança no padrão de colocação de clítico associada a uma alteração na ordem entre sujeito e verbo: a generalização da ênclise e o aumento de construções SV. Em uma gramática V2, existem várias posições disponíveis para o sujeito; com a ausência do alçamento V-para-COMP o sujeito tende a aparecer em uma posição fixa.

Nesta perspectiva, é preciso pensar como esta mudança interfere na sintaxe das construções causativas ao longo do tempo. Nas próximas subseções, abordaremos duas mudanças identificadas nas construções causativas: a diminuição da subida de clíticos em contexto de predicado complexo e a emergência do infinitivo flexionado em complementos de verbo causativos.

### **3.1.1 A subida de clíticos nas construções causativas**

Um dos diagnósticos para identificar uma construção com formação de predicado complexo é a subida obrigatória de clíticos. Em estudo sobre a variação da colocação de clíticos em contexto de predicado complexo – construções causativas (também chamada de “união de orações”) e de Reestruturação<sup>12</sup> – Andrade (2010) identificou uma queda na subida de clíticos em predicados complexos causativos no PCI. Esta mudança estaria relacionada à perda do sistema V2 no início do século XVIII, que levou a uma preferência pela construção de ECM.

A tese do autor é a de que a subida de clíticos é um fenômeno regido pela estrutura informacional e, desta forma, estaria correlacionada à perda do parâmetro V2 ocorrida no século XVIII. Na gramática V2, a periferia esquerda da sentença é ativada por tópicos e focos marcados, o que possibilita a interpretação do clítico como tópico secundário no componente informacional da gramática.

Conforme o autor, a gramática expressa conceitos da estrutura informacional de formas diferentes na sintaxe e existe uma inter-relação entre a forma

---

<sup>12</sup> A construção de Reestruturação refere-se ao predicado complexo formado por verbos de Controle ou de Elevação e um verbo infinitivo (GONÇALVES, 1999:152):

- (i) a. A Ana não queria ter de contar a verdade aos pais.
- b. A Ana decidiu não contar a verdade aos pais.
- (ii) a. O João parece não ter encontrado o livro da Ana.
- b. O João não devia ter encontrado o livro da Ana.

de expressão e o uso. Baseado nesta assunção, o autor relaciona a codificação da noção pragmática de tópico secundário à existência de um traço formal ( $\phi + EPP$ ) ligado ao núcleo funcional T.

A pesquisa de Andrade investiga as construções causativas e de Reestruturação com clíticos no português do século XVI ao XX. Os *corpora* referentes ao PE são constituídos por textos orais e escritos, coletados de entrevistas a jornais e romances de autores nascidos no século XX, enquanto os *corpora* do PCI foram coletados de textos do CTB. Os dados do PE são relativos às estruturas infinitivas de “reestruturação”, pois não há dados suficientes para descrever estas estruturas em “uniões de orações”. Desta forma, nos deteremos aqui à discussão sobre os dados do PCI relativos à construção de “união de orações”.

Para estudar a mudança, o autor aborda os dados a partir das construções selecionadas pelos verbos causativos: “união de orações” (*fazer-Infinitivo* e *fazer-por*) e ECM. A ocorrência destas construções no PCI é dada na tabela a seguir.

Tabela 1: Construções selecionadas por verbos causativos em PCI, por período (entre parênteses estão indicados os dados de não-subida).

	T1		T2		T3		T4		T5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
União de Orações	143	80	107	60	45	49.5	61	34.5	30	39.5
Ambíguas	30	17	61	34	37	40.5	106	60	43	56.5
ECM	1	3	9(1)	6	9(3)	10	10(1)	5.5	3	4
<b>TOTAL clíticos</b>	<b>174</b>		<b>177</b>		<b>91</b>		<b>177</b>		<b>76</b>	

Fonte: Andrade (2010:229)

Os resultados obtidos por Andrade mostram uma diminuição progressiva na ocorrência de “união de orações”. Os dados de não-subida, indicados entre parênteses, aparecem todos juntos à construção de ECM, como esperado. A percentagem de “união de orações” diminui a partir de T1 (1500-1550) até T4 (1701-1775), sofrendo uma recuperação de 5% em T5 (1776-1850). Estes resultados parecem ser inversamente proporcionais à frequência de sentenças ambíguas, que atinge o nível máximo em T4. A quantidade de dados classificados como ECM, por sua vez, aparece mais significativamente a partir de T2 e parece se manter estável em uma frequência de 10%.

O estudo de Andrade não inclui sentenças com infinitivo flexionado, pois neste contexto a subida de clíticos é impossível. Nos dados, a ambiguidade entre “união de orações” e ECM dificulta a classificação de estruturas com infinitivo pessoal não-flexionado. No entanto, os resultados do capítulo anterior mostram que não há aumento do uso de infinitivo com flexão explícita.

Além disso, os resultados deste autor apresentam uma tendência à diminuição na formação de predicados complexos. A variação entre construções atinge o nível máximo em T4 e em T5 a identificação de “união de orações” passa a ser um fenômeno marcado. A figura abaixo mostra a amplitude da variação e média em cada período.

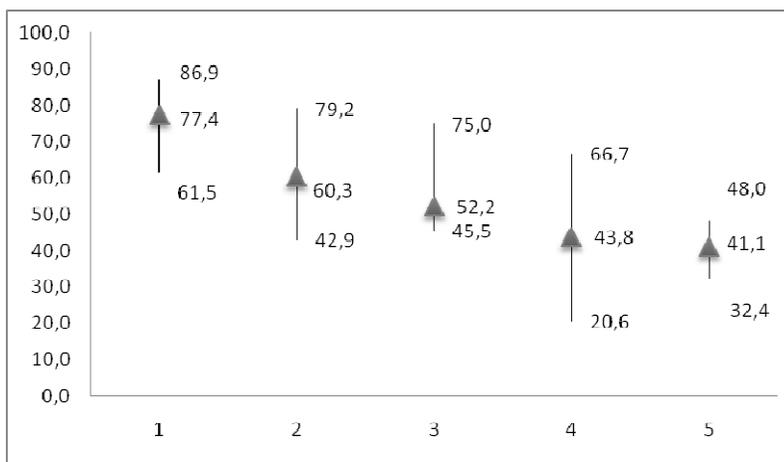


Figura 1: Amplitude de variação e média de uso de “união de orações” no PCI, por período.

Fonte: Andrade (2010:234)

Os dados investigados por Andrade revelam que clíticos não-alçados no complemento de verbos causativos eram um fenômeno muito raro no PCI. Na figura acima, podemos constatar que os predicados complexos se manifestam em pelo menos 85% no período T1 e diminuem para cerca de 50% dos casos no período T5 (desconsiderando dados ambíguos). A mudança na frequência da subida de clítico nas construções causativas teria ocorrido entre os períodos designados por ele de T3 e T4 e estaria relacionada com a estrutura informacional da sentença.

Andrade mostra que, nos dois períodos do PCI, a sintaxe expressa as noções da estrutura informacional de forma diferente. O PCI I (1500-1700), de acordo com a hipótese V2, apresentava duas posições de tópico, interno e externo à sentença. A evidência disto está na variação da colocação de clítico: se o elemento que precede o clítico é um tópico interno à sentença, a próclise é obrigatória; caso o elemento precedente seja um tópico externo, a ênclise é preferencial (Cf. PAIXÃO DE SOUSA, 2004). Assim, parte dos dados classificados como ambíguos era interpretada como tópico interno, o que favorecia a subida.

No PCI II (1701-1850), por outro lado, a posição de tópico (ou foco) marcado interna à sentença não está mais disponível, o que provoca a classificação dos dados ambíguos como tópico externo, que geralmente não funciona como tópico principal com o qual o clítico se relaciona. A ativação de uma posição de tópico na sintaxe é, desta forma, determinante para a ocorrência da subida de clíticos.

A perda do sistema V2 também reflete em uma mudança na ordem entre sujeito e verbo. A variação na posição do sujeito, no PCI I, tinha uma contraparte informacional, pois estava relacionada à presença de um elemento saliente no início da sentença. Já no PCI II, o sujeito tende a ocorrer em uma posição fixa, independentemente de seu nível de saliência, em frases informacionalmente não-marcadas. A diminuição da subida de clíticos, portanto, é explicada pela maior incidência de sujeitos novos/inativos que não podem ocupar a posição de tópico nem estabelecer relação com o clítico.

Baseado na teoria de Roberts (2007) de que dados ambíguos favorecem a mudança na direção não-marcada, Andrade prevê, considerando os dados do PE, que a “união de orações” seja uma opção marcada em relação à construção ECM. Essa previsão leva em conta as observações de Gonçalves & Duarte (2001) de que a construção *fazer-por* não é mais encontrada em PE e de que a construção *fazer-infinitivo* só é totalmente aceitável com causado cliticizado, como demonstrado nos exemplos abaixo:

- (1) a. ?O professor deixou tossir os miúdos antes de lhes fazer a pergunta.  
b. O professor deixou-os tossir antes de lhes fazer a pergunta.

(GONÇALVES & DUARTE, 2001:657)

Para estabelecer a mudança na marcação, Andrade segue a proposta de Roberts (2007) e Roberts & Roussou (2003), que supõem haver uma estrutura de preferência para a aquisição de valores paramétricos pelo aprendiz da língua. Esta concepção está centrada na noção de ‘gatilho’, uma estrutura parcial de enunciado que expressa um parâmetro. A noção de ‘gatilho’ também pode ser definida em termos de expressão paramétrica: “uma subsequência S do texto *input* é um gatilho para o parâmetro  $p_i$  se S expressa  $p_i$ ” (ROBERTS, 2007:133).

Roberts associa a expressão-P à reanálise por meio de algumas noções, introduzidas a seguir:

P-Ambiguidade:

- a. Uma subsequência S do texto *input* é fortemente P-ambígua em relação ao parâmetro  $p_i$  no caso da gramática ter  $p_i$  fixado em qualquer valor e atribuir uma representação bem-formada S.
- b. Uma sequência P-ambígua forte pode expressar qualquer valor de  $p_i$  e portanto desencadear qualquer valor de  $p_i$ .
- c. Uma sequência P-ambígua fraca não pode expressar nenhum valor de  $p_i$  e portanto não pode desencadear nenhum valor de  $p_i$ .

(ROBERTS, 2007:133)

Uma P-ambiguidade forte é, desta forma, ligada a reanálise. Podemos supor que a reanálise tem lugar em uma dada classe de sequências fortemente ambíguas em relação a um parâmetro particular de um dado *corpus*, e uma representação mais simples é associada tanto a um valor quanto a outro. Logo, P-ambiguidade e a preferência pela simplicidade são os fatores que determinam a reanálise, vista como uma manifestação na superfície de uma mudança paramétrica<sup>13</sup>.

Assim, o gatilho é necessário para a fixação do parâmetro na gramática em questão. Todo gatilho está associado a um parâmetro e todo parâmetro apresenta um valor *default*, que auxilia na tarefa da aquisição. No caso do parâmetro V2, o gatilho para aquisição são os dados que expressam o movimento do verbo para C, associado ao

---

<sup>13</sup> Roberts (2007) segue Harris e Campbell (1995), que definem reanálise como um mecanismo que muda a estrutura subjacente de um padrão sintático, mas não modifica sua estrutura superficial. Roberts afirma que a reanálise é um sintoma de uma mudança no valor de um parâmetro e tem sido relacionada à aquisição da linguagem pela criança.

movimento de um XP para Spec,CP. O valor marcado é aquele que envolve mais traços formais. Portanto, o valor default do parâmetro é não-V2 (ANDRADE, 2010) .

O padrão de mudança observado na história do português é do marcado para o não-marcado. Conforme Roberts (2007:252), o conceito de marcação pode ser definido como uma oposição binária em que os termos têm uma relação assimétrica, um termo é marcado e outro não-marcado. O termo marcado é associado a uma maior complexidade, ou seja, a uma representação estrutural que contém mais traços formais (Pessoa, Número, Gênero, Caso e Negação). Como os parâmetros têm valores binários, podemos considerar a oposição entre esses dois valores como uma relação assimétrica.

A natureza da assimetria entre os valores paramétricos encontra-se na complexidade das estruturas geradas pelas gramáticas determinadas por valores diferentes. O valor não-marcado de um parâmetro determina uma gramática que produz estruturas mais simples do que aquelas geradas pelo valor marcado. Como a reanálise abdutiva<sup>14</sup> e a mudança paramétrica surgem por meio da P-ambiguidade e opacidade/complexidade do gatilho, sendo preferida a estrutura menos complexa, então a mudança paramétrica acontecerá na direção dos valores não-marcados.

Andrade afirma que, empiricamente, a marcação reflete a tendência observada nos textos quanto à frequência de ocorrência do fenômeno. Desta forma, até 1700 a subida de clíticos é não-marcada, pois ocorre em mais de 50% dos ambientes relevantes.

Assim, Andrade observa uma tendência à queda da subida de clítico e queda na expressão de “união de orações” em relação à construção de ECM com verbos causativos. Em termos informacionais, a subida costuma ocorrer quando o clítico apresenta maior saliência face a outros elementos da oração. Com a perda de uma posição de “constituente V2” na periferia esquerda da sentença, a expressão da saliência foi alterada, o que gera a redução do clítico como tópico secundário, pois há mais casos

---

<sup>14</sup> A mudança abdutiva é esquematizada da seguinte forma:

(1) Geração 1:  $G_1 \rightarrow \text{Corpus}_1$

↙  
Geração 2:  $G_2 \rightarrow \text{Corpus}_2$

Aqui, ‘corpus’ refere-se a um conjunto de sentenças produzido por falantes; ‘G’ é a gramática (conjunto de parâmetros). A Geração 1 (ou ‘parental’) possui a gramática  $G_1$  que subjaz o  $\text{Corpus}_1$ . A gramática da Geração 2 (ou dos filhos),  $G_2$ , é derivada do  $\text{Corpus}_1$  e da UG. A criança, desta forma, abduz uma gramática particular, mas pode cometer um erro de abdução, ou seja, confundir uma gramática similar ( $G_2$ ) pela gramática atual ( $G_1$ ). (ROBERTS, 2007:124)

de sujeitos novos/inativos. Com isso, a subida do clítico é mais encontrada em frases com elementos proclisadores, que fazem com que o clítico receba uma pressuposição de existência.

Em termos sintáticos, segundo o autor, a generalização da ênclise e do sujeito pré-verbal, identificada com a perda de V2 no século XVIII, teria sido responsável pela queda na subida de clíticos e da formação da “união de orações”. O primeiro fato é explicado pela presença de um traço-EPP em um núcleo da camada CP (e também da camada vP). Isso faz com que o movimento do clítico seja tomado como fato não-marcado. A segunda estaria relacionada à fixação da posição de sujeito, que teria propiciado o estatuto de não-marcado à construção de ECM, em relação à “união de orações”, pois é formada por um complemento infinitivo com projeção funcional capaz de alojar o sujeito.

Além da mudança na subida de clíticos, outra mudança ocorrida nos complementos infinitivos de verbos causativos é a emergência do infinitivo flexionado, que será discutida a seguir.

### 3.1.2 Infinitivo flexionado em complementos de verbos causativos

No Português Antigo (PA), de acordo com Martins (2006), infinitivos flexionados são comumente encontrados em domínios não encaixados: são orações independentes ou a parte matriz de uma construção condicional. Essas orações, em geral, têm um significado imperativo e são encontradas em documentos legais do século XII ao século XVI, como os exemplos abaixo.

- (2) [...] e se achassem que Moor Eanes siia no plazo con seu marido **ualer**-lj seu plazo  
(Documento legal, 1273. Martins, 2006)
- (3) E **ffazerem** a dita cassa e **reffazerem** de todo casso fortoyto (Documento legal, 1407. Martins, 2006)

Essas orações infinitivas flexionadas independentes saem de cena quando infinitivo flexionado em ECM e outras manifestações associadas à mudança afetando estruturas infinitivas vêm à tona.

Na proposta de Martins, as sentenças estruturalmente ambíguas envolvendo coordenação, elipse e orações infinitivas flexionadas independentes com sentido imperativo desencadeiam a emergência do infinitivo flexionado em complementos de orações de verbos ECM. A mudança tem consequências em relação à negação do predicado e cliticização, que se tornam disponíveis em complementos infinitivos de ECM, assim como em verbos de Controle e de Alçamento.

Em PA, estruturas coordenadas com orações infinitivas flexionadas independentes que expressam estipulação ou desejo fornecem um tipo de configuração ambígua que desencadeia a análise da infinitiva como uma oração reduzida. Nestes contextos, o infinitivo flexionado independente pode ser interpretado como um infinitivo encaixado subordinado a um verbo finito sujeito à elipse.

O exemplo (4) a seguir envolve coordenação e inclui uma oração infinitiva flexionada independente ‘estipulativa’ (sublinhada no exemplo) seguida de uma oração subjuntiva ‘estipulativa’.

(4) [...] e sobre todo esto mandamus e houtorgamus que se algũ de nos ueher que aquesta nossa partizõ queyra britar ou desfazer, peyte áá outra parte aguardante. C. mrs. uelhus da moheda corredia en Portugal e o prazo ficar en sa forteleza e uala pera todo senpre [...] (Documento legal, 1287. Maia, 1986:250 apud Martins, 2006)

A sentença acima exibe o tipo de configuração ambígua que alimenta reanálise, nos termos de Roberts, de certas orações infinitivas flexionadas independentes como orações encaixadas. A sentença reconstruída é apresentada em (5). Existem duas interpretações para (5a): “o prazo ficar en sa forteleza” é analisado como uma oração independente introduzida por uma conjunção coordenativa (Cf. (5b)), ou como o segundo membro de uma estrutura coordenada que licencia elipse de verbo, identificado por ‘[–]’ (Cf. (7c)).

- (5) a. mandamos peytar áá parte aguardante C maravedis e o prazo ficar en sa forteleza  
b. Mandamos peytar áá parte aguardante C maravedis. E o prazo ficar en sa forteleza  
c. **Mandamos** peytar áá parte aguardante C maravedis e [–] o prazo ficar en sa forteleza

O infinitivo flexionado pode apresentar marcador de concordância visível, como no exemplo reconstruído em (6) abaixo:

(6) mandamos peytar áá parte aguardante C maravedis e os prazos ficarem en sa  
forteleza

Assim, a interpretação de um infinitivo flexionado independente como um infinitivo encaixado sob um verbo causativo elíptico implicaria aceitar uma estrutura ECM com complemento infinitivo flexionado como uma opção gramatical. O infinitivo flexionado independente com sentido imperativo do PA desapareceu dos registros depois que o infinitivo flexionado subordinado vem à tona. Na prosa do século XVI, orações infinitivas flexionadas são geralmente encontradas como complemento de verbos ECM precisamente em estruturas coordenadas envolvendo elipse. Já no PE, o infinitivo flexionado ocorre apenas em orações subordinadas.

A tese de Martins é de que a mudança é provocada por situações de ambigüidade estrutural promovida por elipses em contextos de coordenação e está relacionada a outras mudanças, como a perda da obrigatoriedade da subida do clítico e o aparecimento da negação do predicado em orações infinitivas.

Baseada na teoria da aquisição e mudança proposta por Lighfoot (1999), Martins estabelece como ponto determinante das inovações o século XVI. Embora a diminuição do alçamento do clítico seja insignificante neste período, este é o momento em que o infinitivo flexionado torna-se significativamente atestado em complementos de orações com verbos ECM. É também neste período que se passa a verificar a negação de predicado em complementos infinitivos de verbos de Controle e de Alçamento.

Nas próximas seções, discutiremos os resultados obtidos nesta pesquisa, comparando-os aos resultados de Andrade e à teoria de Martins, esboçada acima.

### **3.2 Sobre a variação das construções causativas no Português Europeu**

Os resultados apresentados no capítulo anterior revelam que, nos séculos XVI e XVII, predominam as construções *fazer-por*, enquanto nos séculos XVIII e XIX,

a construção predominante é *fazer-Infinitivo*. A construção de ECM, por sua vez, se mantém praticamente constante ao longo dos anos. O gráfico abaixo mostra a variação dessas construções na história do Português Europeu.

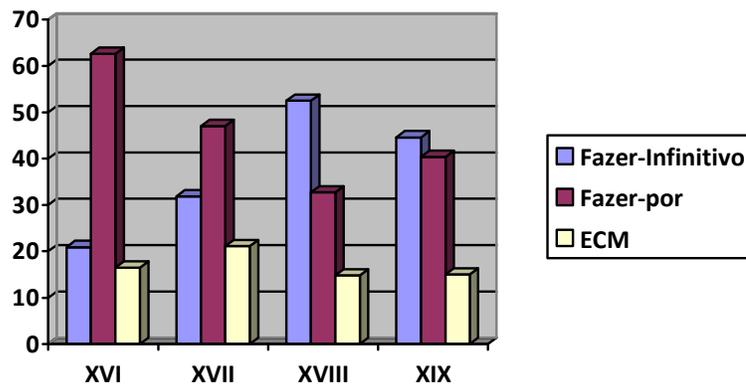


Figura 2: variação das construções causativas no Português Europeu.

Em relação ao tipo de verbo causativo, nos séculos XVI e XVII predominam o verbo *mandar*, enquanto nos séculos XVIII e XIX o verbo que aparece com maior frequência é *fazer*. A frequência do verbo *deixar* apresenta um leve acréscimo no século XVI e depois se mantém praticamente constante. Essa variação é mostrada no gráfico a seguir.

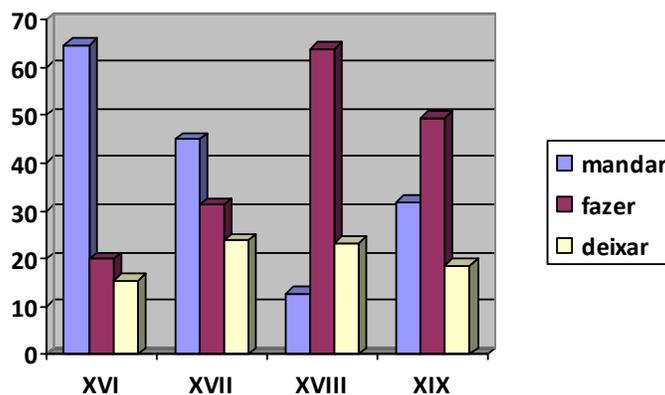


Figura 3: distribuição do verbo causativo nas construções.

Comparando os dados sobre a variação do tipo de construção e a variação do tipo de verbo causativo, podemos perceber que eles estão em consonância: o aumento da frequência de *fazer-Infinitivo* e a diminuição de *fazer-por* ocorrem paralelamente ao aumento do verbo *fazer* e diminuição do verbo *mandar*. O que parece estar ocorrendo é uma adequação do tipo de verbo ao tipo de construção: *mandar* está se tornando característico de construção *fazer-por* e *fazer*, o verbo próprio de *fazer-Infinitivo*. O verbo *deixar*, por sua vez, seria usado preferencialmente em construções de ECM.

A tabela abaixo mostra a proporção do tipo de verbo causativo em relação à construção causativa (desconsiderando dados ambíguos).

Tabela 2: Distribuição do tipo de verbo causativo em relação ao tipo de construção.

	<b>fazer</b>		<b>deixar</b>		<b>mandar</b>		<b>Total</b>	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Fazer-Infinitivo</i>	190	61.3	58	18.7	62	20.0	310	25.5
<i>Fazer-por</i>	137	19.4	86	12.2	482	68.4	705	58.1
ECM	61	30.7	87	43.7	51	25.6	199	16.4
Total	388	32	231	19.0	595	49.0	1214	100

A questão que emerge agora é se essa mudança lexical, que a princípio poderia ser atribuída ao assunto de que tratam os textos, é uma manifestação de uma mudança sintática. Os dados apontam que essa mudança lexical teria ocorrido na virada do século XVII para o século XVIII, momento em que ocorreu a perda do fenômeno V2, sistema em que o verbo se move para o núcleo funcional COMP, ocupando a segunda posição em orações matrizes. É preciso saber se esta alteração gerou alguma mudança na sintaxe das construções causativas.

Na tentativa de localizar uma possível mudança, vamos analisar nossos dados em comparação aos resultados de Andrade (2010) e à luz da teoria de Martins (2006). Andrade (*op. cit.*) identificou uma diminuição nas construções com formação de predicado complexo em detrimento da preferência pelo uso de construções ECM. Embora os dados deste autor, que incluem apenas sentenças com clíticos, seja um

subconjunto do universo dos dados investigados aqui, os resultados nos fariam prever uma tendência à diminuição das construções *fazer-Infinitivo* e *fazer-por*.

Nossos resultados, entretanto, não confirmam essa previsão. Diferentemente dos dados daquele autor (Cf. Tabela 1 acima), nossos dados revelam uma inversão: no século XVIII, as construções *fazer-por*, predominantemente com verbo *mandar* que seleciona verbo encaixado transitivo, diminuem proporcionalmente ao aumento das construções *fazer-Infinitivo* com verbo *fazer* subcategorizando verbo encaixado intransitivo.

A construção de ECM, por outro lado, se mantém praticamente estável, como demonstram os dados de Andrade. O fato mais relevante nesses resultados é a ausência de construções de Infinitivo flexionado, o que já havíamos constatado em Trannin (2009) e foi confirmado por Andrade. Como já dito, Martins (2006) associa o aparecimento desta forma verbal em complementos de verbos ECM a outras mudanças, como a perda da obrigatoriedade da subida de clítico e negação predicativa no domínio infinitivo, ocorridas no século XVI.

No nosso *corpus*, as primeiras ocorrências de negação predicativa no domínio infinitivo foram registradas no século XVII, em construções de ECM, transcritas a seguir:

- (7) Porque, se o verem-nos sòmente embaraçados com Castela os **fez não duvidar** de se fazerem senhores de nossas conquistas; (A. Vieira, 1608a).
- (8) [...] porque a natural inclinação de correr para o seu centro, para aquela origem donde saíram, os **faz não parar** até não chegar ao seu fim último. (A. das Chagas, 1631)

Registramos também ocorrências de cliticização dentro do domínio infinitivo a partir do século XVII:

- (9) [...] e quando a Abadessa lhe segurar que está junta toda a Comunidade, **fará Vossa Mercê sabê-lo ao Provincial**, que há-de estar fora da igreja, prevenindo para isto o meio de lho participar sem que seja advertido das freiras. (A. de Gusmão, 1695)

- (10) [...] ainda insepulta **mandou** o Marquez seu Irmaõ **retratata**, e naõ se achando pano aparelhado para a preça que pedia o aperto do tempo, por ultima deligencia aquelle memorauel pintor Felliciano, revolveo hum caixaõ a ver se descobria nelle alguma cousa que para o intento lhe servisse; (M. do Céu, 1658)
- (11) [...] e Sua Majestade **manda insinuar-lho** assim, atendendo aos seus serviços e idade, e à distinta representação de Vossa Ilustríssima Reverendíssima Deus guarde a Vossa Ilustríssima Reverendíssima Meu Amigo e meu Senhor. (A. de Gusmão, 1695)

Esses exemplos evidenciam a mudança dos complementos infinitivos de verbos ECM de sentenças menos reduzidas para sentenças funcionalmente mais complexas. A mudança tem conseqüências em relação à negação do predicado e cliticização, que se tornam disponíveis em complementos infinitivos de ECM, assim como em verbos de Controle e de Alçamento, no século XVI. Deveríamos prever, assim, a ocorrência dessas construções a partir do século XVII, o que não é verificado no *corpus*.

Nos dados, constatamos ainda a ocorrência de sentenças com causado pré-verbal no plural e infinitivo sem marcas morfológicas de concordância, como em:

- (12) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam seus criados prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631)
- (13) Assim, **deixar os outros brigar**, trabalhem nós e ganhemos a nossa vida. (A. Garret, 1799)

Os exemplos acima poderiam ser considerados uma evidência de que não há orações completivas de infinitivo flexionado nos dados do período analisado. Este fato contraria a previsão de Martins sobre o aparecimento dessa forma verbal em orações complemento de verbos ECM. Para Andrade, a teoria de Martins poderia explicar o surgimento da construção de infinitivo flexionado, mas não a implementação da mudança.

Partiremos agora para uma análise da ordenação dos constituintes nas construções causativas do PCI.

### 3.2.1 Da ordem dos constituintes

Uma das características distintivas das construções causativas é a posição do sujeito do verbo encaixado, também chamado de causado. Em *fazer-Infinitivo*, o causado ocupa a posição pós-verbal, enquanto nas construções de ECM e Infinitivo flexionado o causado é pré-verbal. Nesta seção, abordaremos as diversas configurações em que as construções causativas podem ocorrer. De início, apresentaremos a descrição e quantificação das sentenças, de acordo com a ordem dos constituintes. Em seguida, discutiremos os resultados.

No *corpus* investigado, pudemos constatar sete diferentes configurações para as construções causativas, de acordo com (i) a realização e posição do causado e (ii) a adjacência do complexo verbal. As ordens são descritas a seguir.

As sentenças  $V_{\text{caus}}V_{\text{inf}}$  (O) representam as construções *fazer-por* com causado ausente, como ilustrado em (14):

(14) Porém Nero emperador **mandou pintar** em pano um coliseo de CXXI pés. (F. de Holanda, 1517)

Também incluímos nesta ordem as sentenças *fazer-Infinitivo* em que o causado aparece na forma de clítico, exemplificado em (15):

(15) A natureza *lhe* **fazia lançar** sinais de enojo justíssimo de sua alma, por donde antes era razão que brotassem as pompas e bizarrias, dignas de seu real estado. (D. F. M. de Melo, 1608)

A ordem  $V_{\text{caus}} X V_{\text{inf}}$  (O) diz respeito às sentenças em que um elemento lexical é inserido entre os membros do complexo verbal, como nos seguintes exemplos:

- (16) [...] e que havendo-se mostrado livre, lhe **mandara** *Vossa Excelência* **abrir** assento à sua ordem, para o conservar na prisão em obséquio do mesmo Chanceler [...] (A. de Gusmão, 1695)
- (17) As novas desta frota que el Rey do Iantana fazia nos portos de Bintão & Campar chegaraõ logo ao tyranno Rey Achem, o qual temendo perder o que tinha ganhado, **fez logo aparelhar** outra de cento & oitenta vellas, fustas, lancharas, & galeotas, & quinze galès de vinte e cinco bancos, (F. M. Pinto, 1510)

A configuração  $V_{\text{caus}}V_{\text{inf}}(\text{O})\text{S}$  refere-se às construções de *fazer-Infinitivo* e *fazer-por* com causado lexical pós-verbal:

- (18) O ciúme **fez perder** a vida a Mariana, porque seu marido Herodes não pôde sofrer que se amasse a sua formosura. (C. de Oliveira, 1702)
- (19) [...] que ele me trasladasse, ou me **fizesse trasladar** por quem não necessitasse de pôr óculos para isso, como eu creio que ele necessita [...]; (A. da Costa, 1714)

Na configuração  $V_{\text{caus}}\text{XV}_{\text{inf}}(\text{O})\text{S}$  encontram-se as construções em que o complexo é interrompido por material lexical, como nos exemplos a seguir:

- (20) Porém com nenhuma razão me persuado que os que **deixaram** tantos anos **governar** o Reino a mulheres (como tenho ouvido) recusem agora o império e govêrno de homens valerosos. (F. R. Lobo, 1579)

Na ordem  $\text{SV}_{\text{caus}}V_{\text{inf}}(\text{O})$ , constam as sentenças em que o causado é topicalizado, como em (21):

- (21) [...] & ao Rey com hum pao muy togrosso **fez botar** os miolos fora, & tornou de novo a senhorear o reyno de Aarù, de que logo intitidou por Rey o seu filho mais velho, [...]. (F. M. Pinto, 1510)

Por fim, a configuração  $V_{\text{caus}}\text{SV}_{\text{inf}}$  indicam as construções em que o causado ocupa a posição pré-verbal, como mostra (22):

(22) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam seus criados prevenir** o aposento. (A. das Chagas, 1631)

A ordem dos constituintes, como lembra Paixão de Sousa (2004), é um lugar privilegiado para se estudar a mudança gramatical. Na tentativa de localizar uma possível mudança, investigamos a variação na ordem das palavras nos dados, apresentada na tabela abaixo (o número entre parênteses indica a quantidade de construções com causado na forma de clítico).

Tabela 3: Ordem dos constituintes nas construções causativas.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
V <sub>caus</sub> V <sub>inf</sub> (O)	245(114)	72.2	213(160)	73	87(133)	64.2	60(56)	69.8
V <sub>caus</sub> X V <sub>inf</sub> (O)	48 (14)	12.5	23 (3)	5.1	4 (4)	2.3	6 (2)	4.8
V <sub>caus</sub> V <sub>inf</sub> (O) S	58	11.7	91	17.8	102	29.8	38	23
V <sub>caus</sub> X V <sub>inf</sub> (O) S	6	1.2	13	2.5	6	1.7	1	0.6
S V <sub>caus</sub> V <sub>inf</sub> (O)	9	1.8	6	1.2	6	1.7	1	0.6
V <sub>caus</sub> S V <sub>inf</sub>	3	0.6	2	0.4	1	0.3	2	1.2
<b>Total</b>	<b>497</b>	<b>100</b>	<b>511</b>	<b>100</b>	<b>343</b>	<b>100</b>	<b>166</b>	<b>100</b>

Como a tabela acima mostra, as sentenças V<sub>caus</sub>V<sub>inf</sub>(O) apresentam uma alta frequência nos séculos XVI e XVII. No século XVIII, a percentagem destas sentenças sofre uma pequena redução e volta a aumentar no século seguinte. As sentenças de ordem V<sub>caus</sub>V<sub>inf</sub>(O)S, por outro lado, aumentam sua frequência a partir do século XVIII e tem uma leve queda no século seguinte. Esses resultados são condizentes com a variação das construções representativas destas ordens, respectivamente, *fazer-por* e *fazer-Infinitivo*: esta se torna mais freqüente do que aquela a partir do século XVIII (Cf. figura 2).

Como já foi dito, a perda do sistema V2 no português provoca alterações na ordem verbo-sujeito. Além da generalização da ênclise, a mudança de PCI para PE

envolve uma mudança na posição de sujeitos. Paixão de Sousa (*op. cit.*) mostra que entre a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII há uma queda na proporção de construções VS (da faixa de 20% para a faixa de 10%), concomitante a um aumento na proporção de construções SV.

Após a mudança, portanto, espera-se encontrar maior incidência de sentenças que apresentam a estrutura  $V_{\text{caus}}SV_{\text{inf}}$ , típico das construções de ECM e Infinitivo flexionado. Como os resultados demonstram, entretanto, são poucos os casos de sentenças nessa configuração, o que revela a baixa frequência de construções de ECM, incluindo as sentenças ambíguas entre esta construção e a de Infinitivo flexionado. No século XIX, as sentenças desta ordem aparecem na maior proporção, com 1.2%, mas é preciso considerar a quantidade reduzida de dados neste período.

O fato mais interessante, no entanto, diz respeito à interrupção da adjacência entre os verbos causativo e infinitivo. A principal característica do predicado complexo causativo, nos termos de Burzio (1986), é a forte coesão estrutural entre os verbos. Esta coesão estrutural, entretanto, nem sempre significa adjacência absoluta. No português, a adjacência entre os constituintes do complexo pode ser interrompida por meio da inserção de material lexical. No PE, como atesta Gonçalves (1999), os elementos que podem se interpor entre os verbos são advérbios de modo, que modificam o verbo causativo, e sujeito em estruturas de ISV:

(23) a. O professor manda *sempre* sair os alunos mais cedo.

b. O professor manda *sempre* fazer muitos trabalhos aos alunos.

(24) a. Mandará *o professor* sair os alunos mais cedo?

b. Mandará *o professor* fazer este trabalho aos alunos?

(GONÇALVES, 1999:344)

No PCI, além do sujeito causativo posposto e de advérbios, encontramos também sintagmas preposicionados (adjunto ou argumento), como também atestou Andrade. Nos nossos dados, podemos notar uma diminuição das sentenças com um elemento separando o complexo verbal. Nossa hipótese é de que houve uma diminuição dos casos de sujeito posposto, como prevê Paixão de Sousa. Para tentar confirmar essa

hipótese, apresentamos a distribuição dos elementos que separam os verbos causativo e infinitivo neste período.

Tabela 4: Distribuição dos tipos de elementos inseridos entre o complexo verbal.

	XVI		XVII		XVIII		XIX	
	N	%	N	%	N	%	N	%
AdvP	47	70.1	18	45	10	71.4	3	37.5
NP <sub>subj</sub>	19	28.4	21	52.5	4	28.6	3	37.5
PP	1	1.5	1	2.5	0	0	2	25
<b>Total</b>	<b>67</b>	<b>100</b>	<b>40</b>	<b>100</b>	<b>14</b>	<b>100</b>	<b>8</b>	<b>100</b>

No século XVI, as construções sem adjacência entre os verbos representam 13,5%. As sentenças em que o elemento interveniente é um advérbio apresentam alta frequência neste período, constituindo 70.1% dos dados, enquanto o sujeito causativo posposto aparece em 28.4%. O sintagma preposicionado apresenta apenas uma ocorrência (1.5%).

No século XVII, 7.8% dos predicados complexos não apresentam adjacência entre os verbos. O advérbio é o elemento que ocorre em 45% das construções, enquanto o NP sujeito posposto aparece em 52.5%. O sintagma preposicionado tem apenas uma ocorrência, como século anterior.

Os predicados complexos sem adjacência perfazem 4.1% dos dados referentes ao século XVIII. O elemento interveniente que apresenta maior frequência neste período é o advérbio, com 71.4%. O NP sujeito posposto aparece em 28.6% das sentenças. Não há nenhum dado com sintagma preposicionado.

O século XIX apresenta 4.8% de construções sem adjacência entre os verbos. O advérbio e o sujeito em posposição aparecem na mesma frequência, 37.5% dos dados, e o sintagma preposicionado ocorre em 35% das construções.

Os resultados revelam uma diminuição na frequência dos dois tipos de material lexical, advérbio e sujeito causativo em posposição, separando os verbos causativo e infinitivo. O sintagma preposicionado aparece em raras ocorrências ao longo dos séculos. Essa variação reflete uma tendência à maior adjacência entre os elementos

do complexo verbal, que parece ocorrer na passagem do século XVII para o XVIII, quando a percentagem destas construções com interrupção reduz de 7.8% (40 ocorrências) para 4.8% (14 ocorrências).

Resta ainda abordar a variação do verbo encaixado e sua relação com a forma do causado nas construções causativas, que será discutida na próxima seção.

### 3.2.2 Da transitividade do verbo encaixado e da forma do causado

A transitividade do verbo encaixado define a posição e a forma do causado na construção causativa. Quando o causativo seleciona um verbo intransitivo, o causado aparece imediatamente após o verbo:

(25) Que todas as mulheres, tantas quantas eram, **faziam andar** os homens em corropio, os amantes em dobadoira, e os maridos em roda-viva, reservando elas para si andar como as carapetas. (C. de Oliveira, 1702)

Quando o verbo encaixado é transitivo, o causado é precedido pela preposição *a* ou na forma do clítico dativo *lhe*:

(26) E, se isto pode ser louvável, eu o **deixo julgar** aos desapaixoados inteligentes. (L. A. Verney, 1713)

(27) É chegado o momento de pôr em prática o que sabe, e que *lhe* **fiz aprender**, de pessoas mais hábeis que eu, e das quais os escritos fizeram a base da sua instrução e do seu recreio. (M.<sup>esa</sup> d'Alorna, 1750)

Além disso, registramos a ocorrência das formas dativas com verbo encaixado intransitivo, como os casos transcritos a seguir:

(28) Aqui **deixaremos descansar** ao nosso Herói, ouvindo também recontar aos primeiros sua viagem [...]. (A. de Barros, 1675)

(29) [...] porque isto é o que **faz chorar** aos bons; (A. das Chagas, 1631)

- (30) [...] **mandou sair** ao presidente da Tebaida, lançar-lhe grilhões e algemas e cadeias de bronze, e pendurar ao pescoço uma grande pedra [...]. (M. Bernardes, 1644)
- (31) [...] o podão pintado em nosso escudo ameaçava ou **fazia rir** aos estranhos. (C. Garção, 1725)

A variação na distribuição das formas dativa e acusativa do causado é ilustrada na figura abaixo:

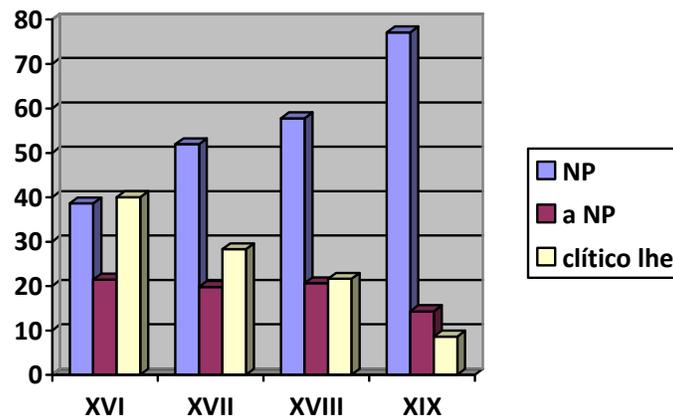


Figura 4: distribuição das formas do causado em *fazer-Infinitivo*.

A partir do século XVI, podemos observar um decréscimo progressivo do causado na forma do clítico *lhe*, inversamente proporcional ao aumento da forma NP do causado. A forma dativa *a NP*, por outro lado, se mantém praticamente estável até o século XVIII, quando sofre uma queda. Para tentar descobrir a motivação desta variação, vamos investigar a distribuição do tipo de verbo encaixado nos complementos destas construções. A variação da transitividade do verbo encaixado nestas construções é dada na figura a seguir.



Figura 5: distribuição do verbo encaixado em *fazer-Infinitivo*.

O gráfico acima mostra que os verbos transitivo e intransitivo aparecem praticamente na mesma proporção no século XVI, em torno de 50%. No século XVII, o verbo transitivo diminui, sofre uma leve recuperação no século seguinte e volta a diminuir, chegando a 30% no século XIX. A frequência do verbo intransitivo, por outro lado, aumenta no século XVII, tem uma pequena queda no século seguinte e volta a aumentar, acabando em 70% no século XIX.

Como vimos, as formas dativas do causado – *lhe* e *a NP* – são determinadas pela presença de um verbo transitivo no domínio infinitivo. Assim, o aumento na proporção de verbo intransitivo como complemento de verbo causativo pode explicar o decréscimo das formas dativas e, conseqüentemente, o aumento das formas acusativas do causado nas construções *fazer-Infinitivo*. No entanto, é preciso considerar ainda as construções em que há um verbo intransitivo e o causado é dativo. Nossa hipótese é que as sentenças deste tipo estariam relacionadas ao uso de acusativo preposicionado, freqüente no PCI.

Os dados em (28-31), segundo Gibrail (2003), seriam contextos favoráveis à formação de acusativo preposicionado nas línguas românicas, pela presença de objeto direto com o traço semântico [+ animado]. Seguindo Lois (1982), a autora afirma que o aparecimento deste fenômeno seria um recurso para marcar as funções do sujeito e do

objeto em uma estrutura oracional de ordem livre, papel antes desempenhado pelas declinações latinas.

Conforme a autora, a posição de realização e a natureza do objeto são fatores que definem a inserção ou não da preposição na estrutura. No que diz respeito à ordem, o acusativo preposicionado tem frequência elevada de ocorrência em estruturas transitivas que apresentam o verbo em primeira posição, em orações raízes e/ou encaixadas na ordem VSO, com sujeito pós-verbal ou não expresso.

Quanto à natureza do objeto, os dados mostram maior frequência na ocorrência deste fenômeno com objetos que carregam o traço semântico [+ humano], identificando nomes de pessoa, títulos, quantificadores e nomes comuns.

Em sua pesquisa sobre o acusativo preposicionado no PCI, em *corpus* formado também por textos do CTB, Gibrail aponta uma mudança na frequência desta estrutura a partir do século XVIII. O gráfico abaixo mostra a evolução do acusativo preposicionado ao longo do tempo, de acordo com a ordem dos constituintes.

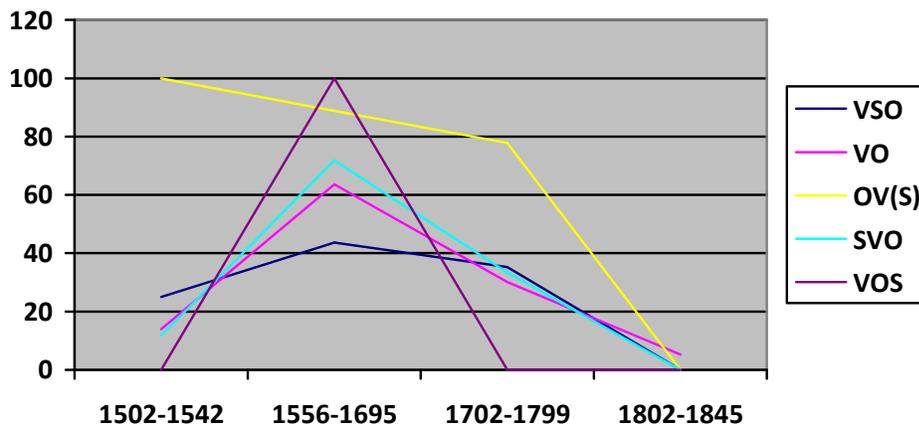


Figura 6: Evolução do uso do acusativo preposicionado ao longo dos séculos.

Fonte: Gibrail (2003).

Como podemos observar, o uso do acusativo preposicionado é restrito nos textos da primeira metade do século XVI. Nos textos da segunda metade do século XVI e no século XVII, este tipo de estrutura apresenta alta frequência de ocorrência. Entre os contextos categóricos de formação do acusativo preposicionado neste período estão os

objetos nomes de pessoa, sem determinante e com traços formais do sujeito, em estruturas nas ordens VSO/VO e OV(S)/VOS; pronomes de tratamento e os nomes *Deus* e *Cristo* no papel gramatical de objeto.

No século XVIII, parece haver uma mudança em relação ao uso do acusativo preposicionado. Objetos com o estatuto de nomes de pessoas sem determinante e nomes próprios títulos apenas formam o acusativo preposicionado nos contextos de orações declarativas raízes e estruturas gerundivas projetadas na ordem VSO e em estruturas de mini-oração de ordem [predicado + sujeito]. Em outros contextos, objetos dessa natureza não são fatores de inserção da preposição. Nos dados do século XIX, esta mudança é corroborada pelo registro de ocorrências restritas de acusativo preposicionado (GIBRAIL, 2003).

Gibrail propõe que o acusativo preposicionado é uma forma variante do fenômeno de redobramento de clítico, com clítico não fonologicamente realizado. Para tanto, a autora se baseia na formação concomitante e nas semelhanças de comportamento quanto ao uso e à frequência de ocorrência dessas estruturas ao longo dos séculos. As duas estruturas são exemplificadas a seguir.

(32) Acusativo preposicionado:

- a. Guarde Deus Nosso Senhor **a** Vossa Mercê muitos anos. (F. M. de Melo, 1608)
- b. [...] e donde com maior cómodo poderei empregar-me em servir **a** Vossa Mercê no que por estas partes se oferecem. (F. M. de Melo, 1608)

(33) Redobramento de clítico:

- a. Quis a natureza orná-**la a** V. daquelas graças exteriores [...] (M.<sup>es</sup> de Alorna, 1802)
- b. Guarde-**o** Deus **ao** senhor Procópio, nosso amigo velho? (A. Garrett, 1799)

Nos nossos dados, estas estruturas aparecem com mais frequência no século XVII, diminuem no século seguinte e desaparecem no século XIX. Se a hipótese de que o acusativo preposicionado é licenciado por uma gramática V2 estiver correta, a perda deste sistema pode explicar a mudança ocorrida no uso desta estrutura a partir do século

XVIII, o que implicaria na diminuição das formas dativas *a NP* nas construções causativas.

É importante ressaltar que as sentenças com verbo intransitivo e causado dativo, exemplificadas em (28-31), são diferentes das construções *faire-Infinitive* do Francês, em que a preposição *à* é inserida para licenciar o causado quando o verbo encaixado é transitivo (Cf. Kayne (1975), Capítulo 1, §1.3.1).

### **3.4 Representação sintática das construções causativas**

Em relação à estrutura sintática das construções causativas, é preciso discutir duas questões. A primeira refere-se à representação dos diferentes tipos de complementos infinitivos dos verbos causativos. A segunda diz respeito às propriedades da sintaxe na gramática do PCI e na gramática do PE. Nesta seção, apresentaremos (i) a representação sintática do domínio infinitivo das construções causativas e (ii) a derivação dos diferentes tipos de construções causativas nas gramáticas do PCI e do PE.

#### **3.4.1 Estrutura sintática dos complementos infinitivos**

A análise dos dados, apresentada nas seções anteriores, não traz nenhuma evidência de que tenha ocorrido uma mudança sintática nos complementos infinitivos das construções causativas no período estudado. Assumimos, portanto, que a representação sintática destas construções é a mesma tanto no PCI como no PE.

As construções causativas *fazer-Infinitivo* e *fazer-por* são sentenças mono-oracionais, que não licenciam um sujeito no domínio infinitivo. Nestas, o causado está ausente ou pode aparecer como um adjunto, enquanto naquelas o causado é um argumento do verbo.

Para análise das construções *fazer-Infinitivo*, assumimos a proposta de Cyrino (2008) para os predicados complexos românicos (Cf. Capítulo 1, §1.3.6). Nestas construções, conforme a autora, a categoria funcional abaixo do verbo causativo é CauseP, que seleciona um complemento infinitivo vP. Na derivação, o sintagma infinitivo InfP se move para [Spec, VP] do verbo causativo, passando por CauseP.<sup>15</sup> O

---

<sup>15</sup> Cyrino segue a teoria de cliticização de Roberts (2008).

verbo causativo e o verbo infinitivo, desta forma, estão próximos o bastante para formar o predicado complexo, permitindo a ocorrência de fenômenos como a subida de clíticos.

A estrutura do domínio infinitivo de uma sentença *fazer-Infinitivo* é a seguinte:

(34) [<sub>CauseP</sub> [<sub>vP</sub> causado v [<sub>InfP</sub> [<sub>VP</sub> V<sub>inf</sub> DP] ] ] ]

Nas construções *fazer-por*, por sua vez, assumimos a análise de Guasti (2006), de que o complemento infinitivo é um VP simples, faltando a posição vP mais alta (Cf. Capítulo 1, §1.3.5). Na derivação, o VP contendo o verbo infinitivo se move para [Spec,VP] do domínio superior. A estrutura do domínio infinitivo nesta construção é dada em (35):

(35) [<sub>VP</sub> V<sub>inf</sub> DP]

Diferentemente dos predicados complexos causativos, as construções de ECM legitimam um sujeito no domínio infinitivo. Para análise destas construções, assumimos que o complemento infinitivo é um TP defectivo (GONÇALVES, 1999). A estrutura do domínio infinitivo nas sentenças ECM é apresentada a seguir:

(36) [<sub>TP</sub> T<sub>def</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>InfP</sub> [<sub>VP</sub> V<sub>inf</sub> DP] ] ] ]

Em (36), o sujeito do verbo infinitivo – o causado – ocupa a posição de [Spec,TP]. Como T é defectivo, o causado é regido e marcado casualmente como acusativo pelo verbo causativo no domínio superior.

Na próxima subseção, veremos como se dá a derivação destas construções nas duas gramáticas.

### 3.4.2 As construções causativas nas gramáticas do PCI e do PE

Segundo Galves (2001), o PCI é uma língua V2, ou seja, uma língua que possui duas características: associa traços-φ a COMP e esses traços-φ possuem um

traço-V forte. O movimento do verbo para COMP, devido ao traço-V forte, faz com que Spec,COMP seja potencialmente uma posição de sujeito.

A mudança do PCI para o PE, evidenciada pela sintaxe dos clíticos, é atribuída justamente à perda do fenômeno V2, ou seja, à perda do movimento do verbo para COMP. Galves (*op. cit.*) argumenta que o aumento das construções com ênclise ao longo do século XVIII, relacionado com a implementação de uma mudança prosódica, pode ter desempenhado um papel fundamental nesta mudança.

A mudança gramatical, entretanto, só teria ocorrido quando uma geração de crianças reanalisou estruturas com ênclise como tendo um sujeito não mais externo, mas interno ao CP. Nesse momento, a única posição lícita para o sujeito é [Spec,AgrP], já que o preenchimento da posição [Spec,CP] é incompatível com a ênclise. A posição do verbo é diretamente afetada pela reanálise, não podendo mais ser realizado em COMP, pois o sujeito ocupa uma posição mais baixa que COMP. A consequência paramétrica da nova estrutura associada pelas crianças às construções sujeito-verbo-clítico é, portanto, a perda de V2 (GALVES, 2001).

Para a análise dos dados, assumiremos a proposta de Andrade (2010). Segundo o autor, o domínio do verbo causativo das construções causativas possui a seguinte estrutura:

(37) [CP [TP2 [TP1 [vP2 V<sub>caus</sub> ] ] ] ]

Em PE, conforme Andrade (2010:99), a camada TP é representada por duas categorias: T1 e T2. O verbo move-se para T1, enquanto sujeito e clítico movem-se para T2<sup>16</sup>. As evidências para a postulação de uma categoria T2 em português são duas: (a) interpolação, que implica a existência de uma posição não-adjacente ao verbo para alojar o clítico, e (b) a possibilidade de inserir um elemento adverbial entre o sujeito e o complexo verbal.

Ao discutir a representação sintática das causativas, na seção anterior, assumimos que estas construções não sofrem mudança na passagem do PCI para o PE.

---

<sup>16</sup> Andrade segue Rouveret (1999) e Galves & Sandalo (2009), que denominam estas categorias de W e F, respectivamente.



sintagma infinitivo InfP se move para Spec,vP2, formando o complexo verbal. Desta forma, o argumento interno do verbo infinitivo pode ser regido e receber Caso acusativo do complexo verbal. Como o verbo encaixado é transitivo, o núcleo Cause insere a preposição ‘dummy’ à para licenciar Caso dativo ao causado *Mariana*. Nos termos de Roberts (2009), à deve ser considerado um elemento “default”, aparecendo apenas quando o complemento vP de Cause é transitivo, isto é, quando existe um objeto direto que deve receber Caso do verbo.

As construções *fazer-por*, por sua vez, também formam um predicado complexo como *fazer-Infinitivo*. A diferença é que nestas o causado é um argumento do verbo infinitivo e naquelas o causado está ausente ou aparece na forma de adjunto introduzido pela preposição *por/de*. A derivação de *fazer-por* é semelhante à de *fazer-infinitivo*, exceto pelo fato de que o complemento infinitivo é um VP, faltando a posição vP mais alta. A representação de uma sentença como (42) é ilustrada em (43):

(42) Sua mulher me **mandou chamar** ontem por Dom Alexandre (A. Vieira, 1608a)

(43) [<sub>CP</sub> Sua mulher<sub>k</sub> me<sub>i</sub> [<sub>C</sub> mandou<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>k</sub> [<sub>InfP</sub> chamar<sub>y</sub> t<sub>i</sub> ] [<sub>VP</sub> [<sub>AdvP</sub> ontem ] t<sub>y</sub> ] [<sub>VP</sub> [<sub>PP</sub> por Dom Alexandre ] ] t<sub>j</sub> ] ] ] ] ]

Em (43), o verbo infinitivo *mandou* sobe para COMP e o verbo infinitivo *chamar* se move para Inf. Em seguida, o sintagma infinitivo VP sobe para [Spec,VP] mais alto, formando o complexo verbal. O sujeito do verbo causativo *sua mulher* e o clítico *me* objeto direto do verbo infinitivo sobem para [Spec,CP]. Neste caso, o causado *Dom Alexandre* aparece na forma de um sintagma oblíquo introduzido pela preposição *por*.

As construções de ECM, por fim, licenciam um sujeito no domínio infinitivo, constituído por uma projeção de T defectivo. A derivação de uma sentença como (44) é dada em (45):

(44) A graça de Deus, quando vem a algumas almas e lhe manda primeiro suas inspirações, é como os senhores que vão pelas estradas e **mandam** seus criados prevenir o aposento. (A. das Chagas, 1631)





*mandar* nas construções *fazer-por*, *fazer* em *fazer-Infinitivo* e *deixar* em estruturas de ECM.

No que diz respeito à transitividade do verbo encaixado, constatamos uma variação significativa nas construções *fazer-Infinitivo*: a frequência do complemento transitivo diminui proporcionalmente ao acréscimo das ocorrências de complemento intransitivo. Esta mudança explica a diminuição da forma dativa do causado *lhe* e, conseqüentemente, o aumento da forma acusativa NP. A diminuição da forma dativa *a* NP a partir do século XVIII parece estar relacionada à perda do fenômeno de acusativo preposicionado.

Quanto à variação na ordem dos constituintes nas construções causativas, identificamos uma diminuição da inserção de material lexical entre os verbos causativo e infinitivo a partir do século XVII. Esta diminuição indica uma tendência à maior adjacência entre os verbos que formam predicado complexo.

Os resultados não trazem evidência de mudança ocorrida no complemento infinitivo das construções causativas ao longo do tempo. Assumimos, portanto, que a única mudança ocorrida na passagem do PCI para o PE diz respeito à posição do verbo e do sujeito do domínio causativo. Para dar conta dos dados investigados, assumimos que o complemento infinitivo de *fazer-Infinitivo* é um CauseP que seleciona vP, enquanto nas construções *fazer-por* o complemento infinitivo é um VP simples.

Nas estruturas de ECM, por sua vez, o domínio infinitivo é um TP defectivo. Considerando a tese de Martins (2006), admitimos que duas estruturas estariam disponíveis em complementos de verbos ECM a partir do século XVI: um TP defectivo e um complemento com sistema C-T ativo. Além disso, a ausência de orações completivas infinitivas flexionadas pode ser atribuída à ambigüidade de uma parte dos dados.

## Conclusão

---

Este trabalho teve por objetivo descrever e analisar a sintaxe do infinitivo com verbos causativos na história do Português Europeu. A variação e as particularidades das causativas fizeram surgir uma questão central que norteou a pesquisa: a gramática do Português Clássico, uma língua V2, influencia a sintaxe destas construções? Mais especificamente, a perda da gramática V2 produziu algum efeito nas propriedades sintáticas destas estruturas?

Na tentativa de responder a essas questões e localizar uma possível mudança sintática, as sentenças foram analisadas a partir de três eixos: o tipo de construção, o tipo de verbo causativo e a transitividade do verbo encaixado. Investigamos ainda a variação na ordem das palavras e na forma do causado nos predicados complexos.

Os resultados revelam uma mudança em relação aos dois primeiros aspectos, a partir do século XVII: *mandar* e as construções *fazer-por*, predominantes nos séculos XVI e XVII, diminuem à medida que *fazer* e as construções *fazer-Infinitivo* se tornam mais frequentes. O cruzamento dos dados parece demonstrar uma tendência de “adequação” do verbo ao tipo de construção: *mandar* se torna o verbo característico das construções *fazer-por*; *fazer*, o verbo preferido de *fazer-Infinitivo* e *deixar*, o verbo próprio estruturas de ECM.

A construção de ECM, por outro lado, permanece relativamente estável ao longo do tempo, contrariando a previsão de mudança em direção à opção não-marcada da língua. Além disso, é significativa a ausência de construções de Infinitivo flexionado sem flexão explícita nos textos estudados, que pode ser atribuída a não implementação da mudança.

Em relação à forma do causado nas construções *fazer-Infinitivo*, o acréscimo da forma acusativa NP pode ser explicada pelo aumento da ocorrência de verbo encaixado intransitivo. Por conseguinte, a redução do uso do clítico *lhe* é resultante da diminuição do uso de verbo transitivo no complemento destas construções. A queda da forma dativa *a* NP, por sua vez, parece estar relacionada à perda do fenômeno de acusativo preposicionado.

No que se refere à variação na ordem dos constituintes, registramos uma diminuição da proporção de material lexical inserido entre os verbos causativo e infinitivo a partir do século XVII. Esta mudança indica uma tendência à maior adjacência entre os verbos que formam predicado complexo.

Assim, diferentemente dos recentes estudos históricos sobre o português europeu, a mudança nas construções causativas parece se localizar na passagem do século XVII para o XVIII. Não há evidências, entretanto, de que o complemento infinitivo destas construções tenha sofrido alguma mudança. Assumimos, portanto, que a derivação das causativas nas gramáticas do PCI e do PE é a mesma. Os únicos aspectos que mudam com a perda de V2 no século XVIII dizem respeito à posição do verbo causativo e do seu argumento externo.

## Referências

---

- ANDRADE, A. L. de. **A subida de clíticos em português**: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX. 2010. 330 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BURZIO, L. **Italian Syntax**: a government-binding approach. Dordrecht: D. Reidel, 1986.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of language**: its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CYRINO, S. **On complex predicates in Brazilian Portuguese**. Trabalho apresentado no LSRL 38: 38th Linguistic Symposium on Romance Languages. April 46, 2008, University of Illinois at Urbana Champaign.
- DUARTE, I.; GONÇALVES, A. Construções causativas em português europeu e em português brasileiro. In: **Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, 2001. p. 657-671.
- GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- GALVES, C.; BRITTO, H; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. In: **Journal of Portuguese Linguistics**, 4:1. 2005. p. 39-67.
- GIBRAIL, A. V. B. **O acusativo preposicionado do Português Clássico**. 2003. 153 p. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.
- GONÇALVES, A. P. L. M. **Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu**. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999. 502 p.
- GUASTI, M. T. Analytic causatives. In: EVERAERT, M.; C. van RIEMSDIJK, H. **The Blackwell companion to syntax**, v. 4. 2006. p. 142-163.
- KAYNE, R. **French Syntax**: the transformational cycle. Cambridge: MIT Press, 1975.

- MARTINS, A. M. Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese. In: GESS, R. S. Gess & ARTEAGA, D. (ed.). **Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 327-355.
- \_\_\_\_\_. Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance. In: BATLLORI *et alli* (ed.). **Grammaticalization and Parametric Change**. Oxford & New York: Oxford University Press, 2005. p. 175-193.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.
- RAPOSO, E. P. Case Theory and Infl-to-COMP: the inflected infinitive in European Portuguese. In: **Linguistic Inquiry**, 18. 1987. p. 85-109.
- \_\_\_\_\_. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (ed.) **Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.
- ROBERTS, I. **Agreement and head movement: clitics, incorporation and defective goals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Diachronic syntax**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- TRANNIN, J. B. A sintaxe do infinitivo com verbos causativos na história do português europeu. **Anais do SETA**, 3. 2009. p. 522-531.
- ZUBIZARRETA, M. L. (1985). The Relation between Morphophonology and Morphosyntax: the case of Romance Causatives. In: **Linguistic Inquiry**, 16. p. 247-289.

## Anexo

---

### Fonte dos dados

- Mendes Pinto, Fernão. (1510) **Perigração**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1984.
- Holanda, Francisco de. (1517) **Da Pintura Antiga**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda.
- Couto, Diogo do. (1542) **Décadas**. Vol 1. Lisboa: Sá da Costa, 1947.
- Sousa, Frei Luís de. (1556) **A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1984.
- Lobo, Francisco Rodrigues. (1579) **Côrte Na Aldeia e Noites de Inverno**. Lisboa: Sá da Costa, 1907.
- Costa, Manuel da. (1601) **Arte de Furtar**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1991.
- Melo, Francisco Manuel de. (1608) **Cartas Familiares**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942.
- Vieira, António. (1608a) **Cartas do Padre António Vieira**. Tomo I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.
- Vieira, António. (1608b) **História do Futuro**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda.
- Vieira, António. (1608c) **Sermões**. Porto: Livraria Chardron & Lello & Irmão Editores, 1907.
- Chagas, António das. (1631) **Cartas Espirituais**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1939.
- Bernardes, Manuel. (1644) **Nova Floresta**. Volume I. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1949.
- Brochado, José da Cunha. (1651) **Cartas**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1944.
- Céu, Maria do. (1658) **Vida e Morte da Madre Elenna da Crus**. Lisboa: Quimera, 1993.
- Barros, André de. (1675) **Vida do Apostolico Padre António Vieira**. Lisboa: Officina Sylviana, 1746.

Argote, Jeronymo Contador de. (1676) **Regras da Lingua portugueza, espelho da lingua latina**. Lisboa: Officina da Musica, 1725.

Gusmão, Alexandre de. (1685) **Cartas**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1982.

Cavaleiro de Oliveira, Francisco Xavier. (1702) **Cartas**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.

Aires, Matias. (1705) **Reflexões sobre a Vaidade dos Homens**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1980.

Verney, Luís António. (1713) **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949.

Costa, António da. (1714) **Cartas do Abade António da Costa**. Lisboa: Cadernos da Seara Nova, 1946.

Garção, Correia. (1724) **Obras Completas**. Vol II. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.

M.<sup>esa</sup> de Alorna. (1750) **Inéditos. Cartas e Outros Escritos**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1941.

Garrett, Almeida (1799). **Viagens na Minha Terra** (edição eletrônica) Lisboa: Imprensa Nacional & Biblioteca Nacional, 1998.

M.<sup>es</sup> de Alorna. (1802) **Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna**. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1926.

Ortigão, Ramalho. (1836) **Cartas a Emília**. Lisboa: Lisóptima Edições & Biblioteca Nacional, 1993.